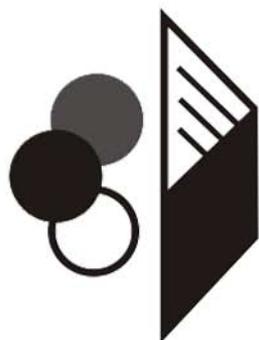


VI



JEL

Jornadas de Estudos de Linguagem

Caderno de Resumos

02 e 04 de dezembro de 2010
Instituto de Letras - UERJ

HORÁRIOS E SALAS

QUINTA-FEIRA, DIA 02/12

09:00 - 10:00	Plenária 1	Auditório 111
10:00 - 10:15	coffee-break	Hall, bloco F
10:15 - 12:10	Sessões I, II, III e IV	LIDIL e RAV
12:10 - 13:15	Intervalo para almoço	
13:15 - 14:15	1ª Sessão de Pôsteres	Auditório 111
14:15 - 16:10	Sessões V, VI, VII, VIII, IX e X	LIDIL e RAV
16:00 - 16:30	coffee-break	Hall, bloco F
16:30 - 17:30	Colóquio	RAV 112
17:35 - 18:30	Conversa com os autores	LIDIL 1 e RAV 112
18:30 - 19:30	Encerramento	Auditório 111

SEXTA-FEIRA, DIA 03/12

09:00 - 10:00	Plenária 2	Auditório 111
10:00 - 10:15	coffee-break	Hall, bloco F
10:15 - 12:10	Sessões XI, XII, XIII e XIV	LIDIL e RAV
12:10 - 13:15	Intervalo para almoço	
13:15 - 14:15	2ª Sessão de Pôsteres	Auditório 111
14:15 - 16:10	Sessões XV, XVI, XVII e XVIII	LIDIL e RAV
16:10 - 16:30	coffee-break	Hall, bloco F
16:30 - 17:30	Plenária 3	Auditório 111
17:45	Encerramento	Auditório 111

SÁBADO, DIA 04/12

08:30 - 10:25	Sessões XIX, XX, XXI e XXII	LIDIL e RAV
10:25 - 10:30	coffee-break	Hall, bloco F
10:30 - 11:30	Plenária 4	Auditório 111
11:30 - 12:30	3ª Sessão de Pôsteres	Auditório 111
12:30 - 13:30	Intervalo para almoço	
13:30 - 15:25	Sessões XXIII, XXIV, XXV e XXVI	LIDIL e RAV
13:25 - 15:30	coffee-break	Hall, bloco F
15:30 - 16:00	Encerramento com os coordenadores de sessão, sorteio de livros e CDs	Auditório 111
16:00 - 17:00	Coquetel de encerramento	Hall, bloco F

PROGRAMAÇÃO

QUINTA-FEIRA, DIA 02/12

08-08:30 Inscrições e Entrega de Material no Hall dos Elevadores
08:30 Abertura solene
09-10:00 Plenária : Aspectos sócio-cognitivos da referênciação:
contribuições dos estudos neurolinguísticos
Profa. Edwiges Morato, UNICAMP
AUDITÓRIO 111 DO INSTITUTO DE LETRAS, Bloco F

INTERVALO 15 minutos

10:15-12:10 SESSÕES COORDENADAS (20 min p/ cada apresentação
+ 15 min debate)
LOCAL: Laboratórios de Ensino de Línguas, LIDIL

Sessão Coordenada I – História das Ideias Linguísticas (RAV 114)

Coordenação: Profa. Bethânia Mariani (UFF)

1. Historicização e sentidos de Língua Portuguesa em Moçambique
Bethânia Mariani (UFF)
2. Os sentidos da expressão língua materna na Idade Média
José Edicarlos de Aquino (UNICAMP)
3. A instituição do francês como língua nacional: uma política republicana
Felipe Barbosa Dezerto (UFF)
4. A reescrituração e a metáfora no estudo da designação do nome “português” no
espaço de enunciação argentino
Gabriel Leopoldino dos Santos (UNICAMP)
5. Língua nacional e sujeito nacional: a constituição dos sentidos sobre língua e sujeito
no Paraguai
Joyce Palha Colaça

Sessão Coordenada II – Análise do Discurso: Subjetividade e Historicidade (LIDIL 3)

Coordenação: Profa. Angela Corrêa Ferreira Baalbaki (UERJ)

1. O lugar do sujeito nos editoriais da revista Ciência Hoje das Crianças
Angela Corrêa Ferreira Baalbaki (UERJ)

2. Produção de Sentidos no Jornalismo sobre as UPPs
Alessandra Vieira Affonso (UFF)
3. A charge escolar: trabalhando os deslimites do sentido
Marcos Sá Costa (UFF)
4. Considerações introdutórias acerca do discurso de resistência como projeto do hip hop brasileiro
Mariana Linhares Pereira Resende (UFF)
5. Paráfrase e polissemia: os sentidos possíveis da palavra “sistema” no discurso das cotas de acesso à universidade pública
Isabel Cristina Rodrigues (UERJ/UFF)

Sessão Coordenada III – Análises linguísticas: do léxico à sintaxe

Coordenação: Profa. Sandra Bernardo (UERJ / PUC-Rio)

1. As mudanças no PE da fase prosódica a sintática: uma proposta para explicar a colocação de clíticos nas subordinadas
Ana Luiza Araújo Lopes (UFMG)
2. Descrição das orações sem sujeito em língua portuguesa, com atenção à ergatividade na variedade brasileira
Anderson Ulisses S. Nascimento (UERJ)
3. A interface morfologia-semântica: a fusão no português
Vítor de Moura Vivas (UFRJ)
4. Advérbios em –mente em estruturas parentéticas
Filipa Cunha & Mara Moita (ILTEC, Universidade de Lisboa)
5. Uma abordagem morfossemântica das formações tele-x no português brasileiro
Rosângela Gomes Ferreira (UFRJ)

Sessão Coordenada IV – Ensino e Novas Tecnologias (LIDIL 2)

Coordenação: Profa. Cristina Haguenuer (UFRJ-Coppe)

1. As Tecnologias da Informação e Comunicação como possibilidades de aprendizagem significativa da língua inglesa e como fortalecimento das relações socioafetivas entre professor e aluno
Julia Moraes (UERJ)
2. Supernovas na web: a leitura, construção do conhecimento e a representação linguística no universo virtual
Valéria Mendonça de Oliveira (UFF- Capes)

3. As tecnologias da informação e da comunicação nas políticas educacionais: uma análise crítica de discurso
Raquel Goulart Barreto (UERJ) & Elizabeth Menezes Teixeira Leher (UFRJ)
4. Integrando Texto e Contexto na Leitura de Estruturas Visuais
Danielle Almeida (UFPB)
5. Variações de registro linguístico em ambiente virtual de aprendizagem bilingue
Carmem Lúcia Pereira Praxedes (UERJ/USP) & Alcebíades Martins Arêas (UERJ)

12:15-13:15 ALMOÇO

13:15-14:15 SESSÃO DE PÔSTERES

Auditório 111 / Hall do 11 andar do Bloco F

Coordenador: Prof. Décio Rocha (UERJ – CAPuerj)

3 min de apresentação + 30 min de debate/conversa com os autores

1. Cultura e textos jornalísticos: uma introdução ao estudo semiótico aplicado
Lais Máximo Barreto
2. Um caso de concordância com tópico: a expressão de plural em verbos meteorológicos no interior de orações relativas
Igor da Oliveira Costa (UERJ) e Marina Augusto (UERJ/PUC-Rio)
3. A influência de Darwin na teoria lingüística como um prelúdio à teoria contemporânea da linguagem como sistema complexo
William Alfred Pickering (UNICAMP)
4. “Ajudar ou A-ju-dar: o que é melhor para o afásico?”: contribuições de testes de não-palavras
Victoria Cristin do Nascimento Haddad (UERJ-Projeto de extensão)
5. Inresponsável: como explicar?
Ana Carolina Vidal; Grasielle Martins; Luana Miguel; Priscila dos Santos; Roberta Gouvea; Sabrina Moraes; Tatiane Maria da Silva (UERJ)
6. Habilidades de monitoramento em um afásico agramático
Fernanda Soares da Silva (PIBIC/UERJ)
7. Análise de publicidades veiculadas em jornais impressos de Muriaé-MG
Igor Vinícius de Souza Teodoro (FAFISM); Dalcylene Dutra Lazarini (FAFISM/UFMG)
8. Rotacismo: a troca do “L” pelo “R” – o problema é nosso!

- Alice Sequeira; Bruna Carvalho; Jefferson do Nascimento Silva; Juliana Paiva; Luana Couto; Sara Alves; Tamiris Barbosa (UERJ)
9. Resultado da aplicação de material didático de ensino de português como segunda língua para surdos
Lucinéia Nunes da Mata; Rebeca Cavalcanti Costa (UNB)
 10. A Teoria da Relevância no discurso jurídico
Géssica de Oliveira Silva; Isabelle Rangel da Costa; Mariana Silva Oliveira (FDV)
 11. Juridiquês: a quebra do contrato de comunicação
Juliana Oliveira Ribeiro, Natália Camara Lopes, Priscila Tinelli Pinheiro (FDV)

14:15-16:10 SESSÕES COORDENADAS

Sessão Coordenada V – Processos de Representação à luz da ACD e da LSF (RAV 112)
Coordenação: Prof. Carlos Gouveia (Universidade de Lisboa)

1. A avaliatividade no discurso pela perspectiva da ACD: representações ideológicas do aluno enquanto sujeito curricular
Sílvia Adélia Henrique Guimarães (UERJ)
2. A construção das identidades e as representações de mundo retratadas no livro “Graduado em marginalidade” : um olhar Sistêmico-Funcional
Fábio Ferreira Goes Torres (PUC-SP)
3. Masculinidade e identidade em textos midiáticos: gramática sistêmico-funcional e multimodalidade
Sônia Maria de Oliveira Pimenta (UFMG)
4. Sim, “todos somos técnicos da seleção brasileira de futebol”: uma análise dos tweets referentes à estréia da seleção na Copa do Mundo de 2010 sob a perspectiva da Teoria da Valoração
Marcela da Silva Amaral (UERJ)
5. Nós e eles: a representação dos atores sociais em um texto multimodal
Carla Cristina de Souza (UERJ)

Sessão Coordenada VI – Gramática e processos de categorização (LIDIL 03)
Coordenação: Profa. Lilian Ferrari (UFRJ)

1. Gramática e categorias radiais: propostas fundadoras

Lilian Ferrari (UFRJ)

2. Mesclagem e categorização da polissemia na expressão dêitica “a gente”.
Viviane da Fonseca Moura Fontes (UFRJ)
3. Radialidade na gramática: por uma abordagem construcional da ordem VS no português brasileiro
Diogo Pinheiro (UFRJ)
4. Linguagem e gramática nos estudos formais
Livy Maria Real Coelho (UFRP) & Ricardo Luiz de Andrade Abrantes (USP/Capes)

Sessão Coordenada VII – Alfabetização e Letramento (LIDIL 04)

Coordenação: Profa. Maria Teresa Tedesco (UERJ)

1. A instabilidade do conceito de palavra na escrita segmentada de alunos de EJA
Carmen Regina Gonçalves Ferreira (UFPEL)
2. Reinvenção ou Retrocesso? Refletindo sobre Alfabetização
Raquel Oliveira do Nascimento (UERJ)
3. Emprego de vírgulas em textos de alunos de quinta série do ensino fundamental
Ana Carolina Araújo-Chiuchi (UNESP)
4. As concepções de leitura na Prova Brasil e no Programa Internacional de Avaliação de Estudantes – PISA : Uma análise comparativa
Talita da Silva Campos (UERJ)
5. Variação linguística e o ensino de língua portuguesa: o panorama das escolas com ensino fundamental II e médio do agreste meridional pernambucano
Marcio Vieira Silva & Marcelo Machado Martins (UFRPernambuco)

Sessão Coordenada VIII – Estudos da Tradução (LIDIL 02)

Coordenação: Profa. Maria Alice Gonçalves Antunes (UERJ)

1. Normas que governam as traduções para a língua inglesa
Maria Alice Antunes (UERJ)
2. Normas e a internacionalização da Universidade
Rosane Augusta Fernandez (UERJ)
3. A tradução de artigos científicos: uma abordagem por meio do estudo de gêneros e norma
Simone Vieira Resende (UERJ)

4. A literatura infanto-juvenil brasileira nos Estados Unidos: análise do efeito da tradução dos itens de especificidade cultural em *From Another World* de Ana Maria Machado
Verônica Suhett do Nascimento (UERJ)
5. Léxico e cultura: alguns apontamentos a partir da tradução de “Foi Assim” de Natalia Ginzburg
Edson Roberto Bogas Garcia & Claudia Zavaglia (UNESP)

Sessão Coordenada IX – História das Ideias Linguísticas: saberes e discursividades sobre a língua portuguesa

Coordenação: Profa. Beatriz Fernandes Caldas (Universidade Gama Filho)

1. Língua portuguesa e tradução
Beatriz F. Caldas (Universidade Gama Filho)
2. Sentidos em disputa: o nome “lusofonia” e os nomes das línguas nos países da CPLP
Luiza Katia Castelo Branco (UNICAMP)
3. Mattoso Câmara, crítico de livros: circulação de ideias linguísticas na revista “A Cigarra”
Tatiana Freire de Moura (UNICAMP)
4. A (super)competência discursiva de um (do) enunciador lusófono: uma análise sobre política linguística para a difusão do português
Diego Barbosa da Silva (UERJ)
5. Discursos sobre a língua na gramatiquinha de Mário de Andrade
Lívia Letícia Belmiro Buscácio (UFF)

Sessão Coordenada X – Múltiplos olhares sobre a linguagem

Coordenadora: Profa. Zinda Vasconcellos (Lidil 5)

1. O novo jornalismo e as mudanças no trabalho do jornalista: uma abordagem discursiva
Marília Giselda Rodrigues (LAEL PUC-SP/CNPq)
2. Aspectos morfossintáticos das construções correlatas aditivas – uma perspectiva funcional
Ivo da Costa do Rosário (UFF/UFRJ)
3. “Enfermagem é perfumaria”: a (re)construção da identidade social de gênero em um curso técnico de enfermagem
Aline Provedel Dib (CEFET/RJ - UFF)
4. Territorialidade e a construção da identidade de professores de inglês na escola

fundamental regular
Gladys de Sousa (UFMG)

INTERVALO 15 minutos

16:30-17:30 COLÓQUIO (RAV 112)

Descrição linguística, ensino de português e a prática pedagógica

Professores Cláudio Henriques e André Crim Valente (UERJ)

Mediadora: Profa. Cristina Junger (UERJ)

17:35-18:30 Lançamento de livros: Conversa com os autores (RAV 112/
LIDIL 1)

FERRARI, Lílian (Org.). Espaços mentais e construções gramaticais: do uso lingüístico à tecnologia.

Reflexão a respeito de como pensamento e linguagem constroem o significado de forma tão veloz, apesar da complexidade das operações cognitivas que operam tanto no pensamento abstrato quanto na compreensão das sentenças mais simples, por meio de integração conceptual ou mesclagem, projeções analógicas, perspectiva subjetiva e categorização.

LIMA, Cássia Helena Pereira; PIMENTA, Sonia Maria de Oliveira; AZEVEDO, Adriana Maria T. de. Incursões semióticas: teoria e prática de gramática sistêmico-funcional, multimodalidade, semiótica social e análise crítica do discurso.

Conceitos que fundamentaram a expansão da Análise Crítica do Discurso como abordagem voltada para a relação linguagem-prática social-poder em suas inúmeras modalidades, de modo a atender as expectativas não apenas de especialistas, mas também de um público iniciante.

SOARES, Dóris de Almeida. Produção e revisão textual: um guia para professores de português e de língua estrangeira.

Fundamentos teóricos e práticas, em geral, ausentes nos cursos de formação de professores, com objetivo de tornar futuros docentes aptos a levar os alunos a escreverem melhor.

18:30-19:30 Encerramento: UERJ JAZZ BAND
COART / Departamento Cultural / SR-3 / UERJ
Auditório 111 do Instituto de Letras, Bloco F

SEXTA-FEIRA, DIA 03/12

08-10:00 Inscrições e Entrega de Materiais
Exposição de livros (LIDIL 01)
Pôsteres (Hall da Cantina)

09-10:00 PLENÁRIA – Auditório 111, BL F
Pedagogia e desenvolvimento da escrita: descrição e avaliação
Prof. Carlos Gouveia (Universidade de Lisboa)

INTERVALO 15 minutos

10:15 -12:10 SESSÕES COORDENADAS
(20 min p/ cada apresentação + 15 min debate)
LOCAL: Laboratórios de Ensino de Línguas, LIDIL e RAV 114

Sessão Coordenada XI – Análise de Discurso: a questão do sujeito em diferentes materialidades (LIDIL 2)

Coordenação: Profa. Vanise Medeiros (UFF)

1. Ônibus 174: silêncio e subjetivação no cinema brasileiro
Eduardo Alves Rodrigues (UNICAMP)
2. As suspensões do dizer em A Hora da Estrela
Fátima Almeida da Silva (UERJ)
3. Tradução e subjetividade: pensando o sujeito-tradutor
Giovana Cordeiro Campos de Mello (PUC-Rio/UFRJ)
4. A posse das terras brasileiras no jornalismo on line: sujeito, processos de
subjetivação
Maria do Socorro Pereira Leal (UFRR/UFF)
5. Discurso sobre a comida no Brasil: discutindo a noção de cultura do lugar da AD
Phellipe Marcel da Silva Esteves (UFF)

Sessão Coordenada XII – Psicolinguística: aquisição e processamento (LIDIL 3)

Coordenação: Érica dos Santos Rodrigues (PUC-Rio)

1. Propriedades linguístico-textuais de livros acadêmicos introdutórios: subsídios para identificação de habilidades de leitura requeridas para alunos universitários
Érica dos Santos Rodrigues & Juliana da Silva Neto (PUC-Rio)
2. O emprego de estratégias de conhecimento lexical no processo de leitura: um estudo com alunos-universitários
Claudia Finger-Kratochvil (UFFS)
3. O Rastreamento ocular na pesquisa Psicolinguística e a integração de informações contextuais no processamento de orações relativas restritivas
Renê Forster (PUC-Rio/Faperj)
4. Análise de aspectos da concordância verbal por crianças falantes do português brasileiro: produções escritas induzidas
Queila de Castro Martins & Raquel Oliveira do Nascimento (UERJ)
5. O escopo da negação em sentenças com predicados factivos: dados da aquisição
Sammy Cardozo Dias (UERJ)

Sessão Coordenada XIII – A poesia musical brasileira: aspectos léxico-discursivos

Coordenação: André Valente (UERJ) (RAV 114)

1. O português do Brasil na poesia musical de Noel Rosa e Nei Lopes: inovação e atualidade
André Valente (UERJ)
2. Letras de samba: metalinguagem, metadiscorso e conceitos afins
André N. Conforte (UERJ)
3. O léxico da letra de samba: um estudo baseado em corpus
Flávio de A. Barbosa (UERJ)
4. A poesia de Candeia
João Baptista M. Vargens (UERJ)
5. Detalhes de Roberto e Erasmo Carlos: a polifonia na argumentação
Paulo César da C. Rosa (UERJ)

Sessão Coordenada XIV – Construções identitárias e políticas de ensino em situações de contato

Coordenação: Mônica Savedra (LIDIL 4)

1. A negação do outro-índio no espaço da cidade
Águeda Aparecida da Cruz Borges (UFMT-DINTER)
2. A internet como espaço de dizer indígena: funcionamento discursivo dos blogs
Lucimar Luisa Ferreira (UNICAMP)
3. Identidade, Representação linguística e educação bilíngue: um estudo sociolinguístico em situação de contato Português –Tikuna
Edson Santos da Silva Júnior & Mônica Maria Guimarães Savedra (UFF)
4. Representações linguísticas na fronteira anglófona do Brasil: políticas de ensino de Língua Estrangeira nas escolas de Bonfim e Lethem
Débora Amaral da Costa (UFF)

12:15-13:15 ALMOÇO

13:15-14:15 2ª SESSÃO DE PÔSTERES

Auditório 111, Bloco F / Hall

Coordenação: Prof. Décio Rocha (UERJ)

3 min de apresentação + 30 min de debate/conversa com os autores

1. O uso dos verbos e expressões modais em editoriais
Thamara Santos de Castro (PUC-Rio)
2. O ensino de leitura em língua inglesa: teoria e prática
Thamiris Oliveira de Araujo/ Rodrigo S. Lobo da Silveira /Laís Cappau
Dalsoquio /Felipe Severino Soares/ Rosielly Santos da Silva (UERJ)
3. “You pulled a Monica”: buscando (um) sentido
Ulisses Gomes/Charles Fouquet/Evelyn Chagas/Gabriel Machado/
Natália Affonso (UERJ)
4. A voz das periferias nas ondas do rádio: a discursividade jovem no Rio de Janeiro
Ana Cláudia da Silva Roxo (CNPQ, PIBIC/UFF)/Orient. Bethania Mariani UFF)
5. Poder e supremacia: a venda do ensino de língua inglesa como língua estrangeira no Brasil
Bruna Damiana de Sá Mottinha (UERJ)
6. “Yanomami pei akāwā yai (Prioridade da Língua Yanomami)”
Valdemar Pereira Lins (FAPEAM)
7. Os desafios de aprender a ensinar italiano na EAD: Como ter êxito?

- Tatiana Luzia da Costa (bolsista ID –UERJ)
8. Análise estilística em crônicas de João Ubaldo Ribeiro
Aline de Azeredo Laversveiller Guedes / Viviane Mara Vieira Cardoso
 9. Adquirindo as primeiras palavras: categorias abertas e fechadas e as primeiras combinações
Ana Paula da Silva Passos/ Igor de O.Costa/ Odete F. A. Salgado/
Victoria C. do Nascimento Haddad (UERJ)
 10. Um confronto linguístico entre os discursos de FHC E Lula
André Luis Vieira da Motta; Ana Paula de Sousa Gonçalves;
Leticia Margarit Alfena do Carmo (UERJ)
 11. Reflexões de professores de língua materna: como e por que ensinar português
Andressa Peres Teixeira (CAEd/UFJF)
Fabiana Carneiro Martins Coelho (CAEd/UFJF)

14:15 – 16:10 SESSÕES COORDENADAS

Sessão Coordenada XV – Gramaticalização, conectores e o contexto à luz do Funcionalismo

Coordenação: Profa. Maria Lúcia Leitão, UFRJ (LIDIL 03)

1. A importância do contexto na gramaticalização das micro-construções “vá lá” e “vamos lá”
Ana Cláudia Machado Teixeira (UFF)
2. Gramaticalização do verbo “pegar” em construções perifrásticas [pegar + (e) + v2] – uma abordagem formalista
Christiane Miranda Butthers de Almeida & Maria José de Oliveira (UFMG)
3. Análise funcionalista do “onde” no português arcaico
Ianaê de Oliveira (UFU)
4. Uso(s) de QUE NEM como conector
Violeta Virginia Rodrigues (UFRJ)

Sessão Coordenada XVI – Ensino e Aprendizagem de Línguas Estrangeiras (RAV 114)

Coordenação: Profa. Josefina Zeitune (Universidad Nacional de Tucúman)

1. Research, development and application of a learning resource for enhancing listening and spoken skills in Spanish

- Maria Elena Paz Vizcaya (Dublin Institute of Technology, Ireland)
2. A formação de professores de alemão como língua estrangeira: autonomia, motivação, currículo
Roberta Cristina Sol Fernandes Stanke (UERJ)
 3. Desenvolvimento da autonomia leitora em francês língua estrangeira
Joanna Barrão Ferreira (UERJ)
 4. Adquisición de la partícula “se” por estudiantes lusófonos. Una propuesta didáctica
Cristina María Puertas Hernández (ISLA-Lisboa)
 5. Concatenações lexicais ativadas por atividades de brainstorm: facilitadores de leitura em língua inglesa para iniciantes
Lesliê Vieira Mulico (IFRJ)

Sessão Coordenada XVII – Linguagem e representações identitárias em contextos profissionais

Coordenação: Maria das Graças Pereira (PUC-Rio) (LIDIL 04)

1. Que copa é essa? Um breve olhar discursivo sobre a imagem da África do Sul construída pela mídia em 2010
Fernando França Mendanha (UFOP)
2. Reflexões sobre a representação dos atores sociais nos gritos de guerra militares
Marcelo João Naves (UERJ)
3. A materialização da subjetividade no discurso jurídico: a linguagem do magistrado Valdeciliana da Silva Ramos Andrade
4. As Imagens dos coenunciadores da cartilha do movimento “O Petróleo Tem Que Ser Nosso”
Fábio Carlos de Mattos da Fonseca (UERJ)

Sessão Coordenada XVIII – Múltiplos olhares sobre a linguagem (LIDIL 02)

Coordenação: Profa. Carmelita Dias de Pádua

1. A representação temático-ideológica e imagética do negro em livros didáticos de Língua Portuguesa
Sílvio Ribeiro da Silva (UFG)
2. A organização dos glides no PB
Evilazia Ferreira Martins (UFMG)
3. Variação fonológica das vogais pretônicas /e/ e /o/ dos verbos na variedade do

interior paulista

Márcia Cristina do Carmo (UNESP)

4. As disfluências da fala em foco: descrevendo um caso, desvendando mecanismos
Antônio Marcos Vieira de Oliveira; Sammy Cardozo Dias &
Thiago Quintanilha da Silva (UERJ)
5. O papel das narrativas na sustentação de opiniões no contexto empresarial
Amitza Torres Vieira (FAFISM)

INTERVALO 15 minutos

16:15-17:15 PLENÁRIA

Sistemas de Ensino: mudanças na Educação?
Maria Cecília Pérez-Souza e Silva (PUC-SP)

17:20-17:45 Encerramento: Show com o Maestro Isaías Ferreira ao saxofone
COART / Departamento Cultural / SR-3 / UERJ
Auditório 111 do Instituto de Letras, Bloco F

DIA 04/12 - SÁBADO

08-10:00 Inscrições e Entrega de Materiais
08:30-10:25 SESSÕES COORDENADAS (20 min p/ cada apresentação
+ 15 min debate)

LOCAL: Laboratórios de Ensino de Línguas, LIDIL – BI F e RAV 114

Sessão Coordenada XIX – Gêneros e produção de texto (RAV 114)

Coordenação: Profa. Bárbara Hemais, PUC-Rio

1. Gêneros do discurso e progressão curricular: uma análise a partir do livro didático Terezinha Toledo Melquíades de Melo (UFJF) & Juliana Clara Pinton (UFJF)
2. Charge e Notícia: paródia ou paráfrase
Juliana dos Santos Ferreira (UERJ)
3. A categorização do gênero textual “anúncio”: uma análise histórica
Anderson Godinho Silva (UFRJ)
4. O conceito de gênero e a concepção de linguagem presente nas Orientações Curriculares de Língua Portuguesa para o Ensino Médio
Sandra Mara Moraes Lima (PUC-SP)
5. A imagem do jornal e a produção do texto jornalístico: entre o impresso e o digital
Telma Domingues da Silva (UNIVAS)

Sessão Coordenada XX – Plurilinguismos e outras Interfaces no Ensino de LE (LIDIL 03)

Coordenação: Profa. Sílvia Becher (PUC-Rio / UFRJ)

1. A abordagem plurilinguística de ensino de LE: integrando os desafios da globalização e a interculturalidade
Victor Ernesto Silveira Silva (UFBA)
2. “Desestrangeirizar” a aula de leitura em E/LE nos ciclos de formação humana da rede municipal de ensino de Itabuna-Ba: uma proposta possível?
Juliana Ferreira Chaves & Maria d’Ajuda Alomba Ribeiro (UESC)
3. Uma reflexão sobre a terapia wittgensteiniana e a pedagogia de línguas estrangeiras na escola
Cristiane Cerdera (Colégio Pedro II – RJ)
4. Português Brasileiro Falado – um caso de gramática high-context?
Ebal Sant’Anna Bolacio Filho (UERJ/PUC-Rio)

5. Reconstruindo identidades discursivas de raça na sala de aula de língua estrangeira
Aline da Silva Azevedo (UERJ)

Sessão coordenada XXI – Metáfora e mesclagem na cognição (LIDIL 04)

Coordenação: Sandra Bernardo (UERJ / PUC-Rio)

1. Mesclagem conceptual na compreensão de cartum
Sandra Berardo (UERJ)
2. Extensões da metáfora literária
Antonio Marcos Vieira de Oliveira & Luciano Oliveira Câmara (UERJ)
3. O artifício de extensão na metáfora da “luta”
Naira de Almeida Velozo (UERJ)
4. Uma análise da Metáfora Conceptual na Língua Brasileira de Sinais
Paula Helouise Oliveira (UERJ)
5. O discurso midiático acerca dos relacionamentos amorosos juvenis
Ana Paula Ferreira (UERJ)

Sessão coordenada XXII – Sociolinguística (LIDIL 02)

Coordenação: Valéria Chiavegatto (UGF / UERJ)

1. Mais do Menas: onde a Exposição jamais esteve!
Thayane Santos Antunes & Ricardo Joseh Lima (UERJ)
2. As estratégias de relativização padrão e não padrão no português culto carioca na década de 1990
Elaine Alves Santos Melo (UFRJ)
3. “Ocê percisa di vê”! Chico Bento e a variação linguística
Luciana da Costa Quintal
4. A presença de unidades fraseológicas no Atlas Linguístico do Ceará (2010)
Vicente Martins (UVA/ UFC/FUNCAP)
5. Repetições e perguntas como estratégias de processamento discursivo no português falado na região de Muriaé, MG
Amitza Torres Vieira; Alessandra Maria Custódio & Vinícius Martins Galvão (FAFISM)

INTERVALO 15 minutos

- 10:30-11:30 PLENÁRIA (RAV 112)
 Profa. Josefina Lanzi de Zeitune (Universidade de Tucumán)
 La enseñanza de la lectocomprensión de textos académicos en inglés y su contexto de apropiación: Reflexión didáctica
- 11:30-12:30 3ª SESSÃO DE PÔSTERES
 (Auditório 111, Bloco F / Hall da Cantina)
 Coordenação: Bruno Deusdará
- 3 min de apresentação + 30 min de debate /conversa com os autores
1. Caracterização do processo leitor e o monitoramento através de instrumentos de coleta de dados
 Bruna Leite (UERJ/Cnpq) ; Kisy de Paula (UERJ/Pibic);
 Orientadora: Cristina Junger (UERJ/Faperj/CNPq)
 2. Waka waka: o futebol é guerra Análise sociocognitiva do tema musical da copa 2010
 Evelyn de Faria; Norma Almeida; Paula Bárbara Duarte;
 Tânia Mara dos Santos (UERJ); Orientadora: Tânia Saliés (UERJ)
 3. O Universo Feminino na composição Buarqueana
 Natália Cunha, Nancy Sousa, Pricilla Prazeres e Verônica Sobreira (UERJ)
 4. Another Brick in the Wall: uma análise pragmática
 Norma Almeida e Tânia Mara dos Santos (UERJ); Orientadora: Tânia Saliés (UERJ)
 5. Crianças da rede pública de ensino com problemas de linguagem: avaliação de estruturas no Português Brasileiro e o diagnóstico do DEL (Déficit Específico da Linguagem)
 Odete Firmino A. Salgado (UERJ); Marina R. A. Augusto (UERJ); Letícia M. Sicuro Corrêa (PUC-Rio)
 6. O que as produções escritas revelam com relação ao aprendizado do gênero Indicação Literária
 Raíssa Pifano de Araujo; Vanessa Titonelli Alvim (FACED/PPGE/ UFJF)
 7. Uma anestesia social e seus discursos em comunidades online
 Rodrigo da Costa Ferreira (bolsista CNPq, PIBIC/UFF);
 Orientadora: Bethania Mariani (UFF)
 8. Índícios do conhecimento fonológico infantil: erros na grafia de soantes palatais
 Shimene de Moraes Teixeira (UFPEl; PIBIC – CNPq);

Orientadora: Ana Ruth Moresco Miranda (UFPel)

9. A modalização deôntica em artigos de opinião
Tatiana J. Gonçalves (UFF)
10. Atividades de leitura em língua inglesa e multissemioses: a formação do sujeito-leitor
Thamiris Oliveira de Araujo (UERJ - Bolsista CETREINA)

12:30-13:30 ALMOÇO

13:30-15:25 SESSÕES COORDENADAS
(20 min p/ cada apresentação + 15 min debate)

LOCAL: Laboratórios de Ensino de Línguas, LIDIL – BI F e RAV 114

Sessão Coordenada XXIII – Estratégias argumentativas no discurso jornalístico, político e religioso

Coordenação: Profa. Tânia Conceição Pereira (LIDIL 03)

1. Por uma gestão emocional sustentável: a metáfora como recurso persuasivo em uma reportagem sobre ecologia emocional
Ana Maria de Carvalho Leite (UFMG)
2. Metáforas em tempos de crise: o discurso de Franklin Roosevelt e Barack Obama
Cristiane Craveiro de Azeredo Mendes (UFF)
3. Um estudo de cartas de leitores de jornal para o trabalho com argumentação na escola
Solange Nascimento da Silva (UERJ)
4. O documentário no discurso sobre a fé
Luciana Leão Brasil (UNIVAS)

Sessão Coordenada XXIV – Análise do Discurso e trabalho (RAV 114)

Coordenação: Profa. Maísa Aparecida Requena (Grupo Atelier/LAEL PUC-SP/ CNPq)

1. “Esse é o legítimo tá pessoal”: o discurso dos vendedores informais em situação de

Trabalho

- Maísa Aparecida Requena (Grupo Atelier/LAEL PUC-SP/CNPq)
2. O conceito de exercício profissional no PPP do IL/UERJ
Alice Moraes Rego de Souza (UERJ) & Vera Lucia de Albuquerque Sant'Anna (UERJ)
 3. Entrevistas com o Colegiado das Licenciaturas da UERJ: que perfil de formação do professor de espanhol surge a partir desse diálogo?
Giselle da Motta Gil (UERJ) & Vera Lúcia de Albuquerque Sant'Anna (UERJ)
 4. Competências, renormalizações e trabalho impedido: uma análise discursiva do dizer sobre o trabalho docente
Raphaela Dexheimer Mokodsi

Sessão Coordenada XXV – Discurso no contexto pedagógico (LIDIL 02)

Coordenação: Profa. Cláudia Bokel (UFRJ)

1. Aplicando a linguística ao livro didático de biologia: uma análise crítica
Antonio Fernando de Souza (UERJ)
2. “E por falar em Ideologia, e por falar em Poder... Professor de periferia: Leão de Chácara ou Prisioneiro?”
Sílvia Adélia Henrique Guimarães
3. Representações narrativas no livro de inglês: uma abordagem semiótico-funcional
Adriana Baptista de Souza (UERJ)
4. A (in)utilidade de fichas de segurança de laboratório questionada nas aulas de inglês para fins específicos
Ana Paula Marques Beato-Canato (IFRJ-Maracanã/UEL)

Sessão Coordenada XXVI – Análise do Discurso e Ethos (LIDIL 4)

Coordenação: Prof. Bruno Deusdará (UERJ)

1. Análise discursiva de canções: “meus tempos de criança” e “minha infância” (ataulfo alves) – interdiscurso, cenas de enunciação e ethos
Fabiana Castro Carvalho (UFV)
2. Discurso político: humor, programa infantil, baile caipira? - o ethos discursivo do PT e DEM em spots da campanha à prefeitura de São Paulo em 2008
Alice Pasqualina Vitorino Ribeiro (Grupo Atelier/LAEL PUC-SP/CAPES)

3. A aplicação do ethos discursivo no cenário jurídico trabalhista
Nayanne Neves Spessimilli & Paola Marcarini Boldrini (FDV)
4. Ficar e namorar: um olhar bakhtiniano sobre enunciados do vestibular da UFRN
Kassios Cley Costa de Araújo (UFRN)
5. “Caritas in Veritate”: o éthos da Doutrina Social da Igreja
Sueli Maria Ramos da Silva (USP/ CNPq)

15:30 – 16:00 Encerramento com os coordenadores de sessão
Sorteio de livros e CDs

16:00-17:00 Coquetel de encerramento – Hall da Cantina do Bloco F

Aspectos sócio-cognitivos da referência: contribuições dos estudos neurolinguísticos

Profa. Edwiges Morato, UNICAMP

A noção de referência, fenômeno textual e sociocognitivo, fornece ganhos explicativos importantes à Neurolinguística. Esse é o pressuposto principal da presente plenária. Em primeiro lugar, há um ganho propriamente epistemológico, se pensarmos que a noção de referência fornece contornos explicativos importantes, amparados empiricamente sobre a relação entre linguagem e cognição - seja em função da constituição e comparação de corpora de dados de processamento normal e patológico, seja em função de sua visibilidade, por meio de transcrições detalhadas e métodos variados de investigação. Em segundo lugar, a noção permite que sejam rediscutidas categorias teóricas importantes no campo da Linguística, como metalinguagem e competência. Os processos de referência, que funcionam largamente de forma implícita, tanto em termos linguísticos, quanto em termos de significação não-verbal, são um locus importante para a construção de pontes conceituais entre uma visão não referencialista de significação e uma concepção sociocognitiva de linguagem.

Entre as contribuições dos estudos neurolinguísticos à questão da referência estão:

i) o questionamento de uma visão estruturalista e cognitivista que tem cercado a noção e ii) a descrição dos vários processos (não exclusivamente linguísticos ou meramente cognitivos) que nela atuam. A crucial importância da observação dos fenômenos referenciais no contexto patológico para a reflexão linguística reside no fato de que os dados da patologia confrontam (e não necessariamente contrariam) o que acontece nas práticas linguísticas e cognitivas não patológicas.

Esse mecanismo parece estar consolidando, no campo da educação, as mesmas transformações já ocorridas em outros setores da economia, isto é, com a integração dos mercados em escala mundial, vários grupos nacionais vem perdendo espaço em relação a conglomerados estrangeiros. Segundo notícias veiculadas pelos jornais, o Governo Federal pensou em fixar limites para o funcionamento dos Sistemas de Ensino, mas recuou com medo de que o mercado educacional brasileiro fosse colocado pela Organização Mundial do Comércio (OMC) na mesa de negociações do Acordo Geral para o Comércio e Serviços.

Nesse cenário, e como professora-pesquisadora atuando na interface entre Análise do Discurso e Linguística Aplicada, na linha Linguagem e Trabalho, formulo duas questões - Como apreender discursivamente o sintagma Sistema de Ensino? Que saberes priorizar para conhecer o trabalho do(a)s professore(a)s em escolas que adotam Sistemas de Ensino? Um modo, me parece, produtivo é articular alguns princípios da Análise do Discurso - como propostos em Gênese dos Discursos (Maingueneau, 1984/2008) à noção de "fórmula", desenvolvida por Krieg-Planque (2009/2010) - aos princípios da Ergologia, um modo de investigação pluridisciplinar voltado para o estudo da complexidade do ser humano na atividade de trabalho (Schwartz, 1997; 2000; 2003/2007).

PLENÁRIA 2

Pedagogia e desenvolvimento da escrita: descrição e avaliação

Carlos A. M. Gouveia

(Universidade de Lisboa / Instituto de Linguística Teórica e Computacional)

Esta apresentação disponibiliza resultados do projecto DEEB-Desenvolvimento da Escrita no Ensino Básico (ILTEC, Portugal), que parte de um problema particular não só do sistema educativo português como de outros sistemas educativos: a falta de instrumentos de avaliação da escrita escolar nos diferentes anos e ciclos do ensino básico e secundário, porquanto não existem critérios claramente definidos que ajudem os professores a distinguir: i) diferentes graus de desenvolvimento da escrita na escola; ii) diferentes níveis de desempenho e competência num determinado grau de desenvolvimento dessa mesma escrita.

Como resultado desta falta de instrumentos de aferição, os professores tendem a deixar os critérios implícitos sem se referirem a eles na descrição detalhada da avaliação, considerando apenas aspectos ligados ao tipo de actividade de escrita (i. e., relativos a aspectos de pseudo caracterização de género e de registo). Mais do que inesperada, esta atitude é sobretudo uma consequência da ausência de descrições linguísticas consistentes e "utilizáveis" das características lexicogramaticais da escrita dos alunos, dos diferentes níveis de desempenho numa fase específica e das diferentes fases de progressão da escrita na escola.

Procurando contrariar esta tendência, será feita nesta apresentação, com dados do projecto DEEB, uma panorâmica de alguns aspectos de desenvolvimento da escrita nos primeiros nove anos de escolaridade em Portugal, a partir de três corpora de 400 textos cada, produzidos por alunos dos 4º, 6º e 9º anos em situação de prova de aferição/exame nacional. Tal panorâmica pretende providenciar conhecimento sobre a progressão da escrita no ensino básico em Portugal e também sobre o que é razoável esperar que os alunos consigam fazer, em termos de escrita, nos diferentes ciclos e graus.

PLENÁRIA 3

Sistemas de Ensino: mudanças na Educação?

Maria Cecília Pérez-Souza e Silva (PUC-SP) (LAEL – PUC-SP/ CNPq)

Uma das mudanças ocorridas no setor educacional, com alguma repercussão na mídia impressa, tem sido a proliferação, em escolas privadas e públicas, dos chamados Sistemas de Ensino. Esse sintagma vinha sendo utilizado até recentemente para designar

um grupo de escolas, um método de ensino, um modo de organização e articulação de instituições, órgãos e atividades de educação e ensino (de municípios, estados, do Distrito Federal ou da União), mas, de uns tempos para cá, passou a indicar um dispositivo que consiste na produção e venda de produtos (material didático) e serviços (assessoria pedagógica e administrativa), por parte de instituições privadas, a escolas conveniadas, em um esquema de franquias.

A maioria desses Sistemas originou-se de cursos pré-vestibulares, dos chamados cursinhos, que datam da década de 1950; sua transformação em Sistemas ocorreu por volta dos anos 1980 e a expansão em direção às escolas privadas na década de 1990. Nos últimos dez anos, mais de 200 empresas de Sistema de Ensino tem movimentado esse mercado e mais recentemente, foram em busca de novo mercado, a escola pública, que, no entanto, dispõe de livros fornecidos gratuitamente pelo Governo Federal por meio do PNLD – Programa Nacional do Livro Didático, livros esses que, ao contrário do material produzido pelos Sistemas, passam pelo crivo de uma avaliação de especialistas na disciplina a que se destinam.

As editoras de livros didáticos e o Governo Federal, que se saiba, não reagiram por meio de peças publicitárias ou políticas de valorização do livro, ao contrário dos Sistemas de Ensino, que tem investido maciçamente em publicidade, tanto em revistas especializadas (Matos, 2010), como em jornais de grande circulação. Um dos procedimentos adotados pelas editoras tem sido o de também investir na criação de Sistemas de Ensino, como é o caso da Ática-Scipione, controlada pelo grupo Abril, em vias de comprar o Sistema Anglo. Apesar de fortes, tais grupos nacionais vem perdendo espaço para os grupos estrangeiros, por exemplo, a Pearson, grupo britânico responsável pelo segmento editorial e de informação digital que controla o jornal Financial Times, comprou parte do Sistema Educacional Brasileiro (SEB), que compreende quatro das chamadas “marcas”, uma delas voltada apenas para escolas públicas.

Esse mecanismo parece estar consolidando, no campo da educação, as mesmas transformações já ocorridas em outros setores da economia, isto é, com a integração dos mercados em escala mundial, vários grupos nacionais vem perdendo espaço em relação a conglomerados estrangeiros. Segundo notícias veiculadas pelos jornais, o Governo Federal pensou em fixar limites para o funcionamento dos Sistemas de Ensino, mas recuou com medo de que o mercado educacional brasileiro fosse colocado pela Organização Mundial do Comércio (OMC) na mesa de negociações do Acordo Geral para o Comércio e Serviços.

Nesse cenário, e como professora-pesquisadora atuando na interface entre Análise do Discurso e Linguística Aplicada, na linha Linguagem e Trabalho, formulo duas questões - Como apreender discursivamente o sintagma Sistema de Ensino? Que saberes priorizar para conhecer o trabalho do(a)s professore(a)s em escolas que adotam Sistemas de Ensino? Um modo, me parece, produtivo é articular alguns princípios da Análise do Discurso – como propostos em Gênese dos Discursos (Maingueneau, 1984/2008) à noção de “fórmula”, desenvolvida por Krieg-Planque (2009/2010) – aos princípios da Ergologia, um modo de investigação pluridisciplinar voltado para o estudo da complexidade do ser humano na atividade de trabalho (Schwartz, 1997; 2000; 2003/2007).

PLENÁRIA 4

La enseñanza de la lectocomprensión de textos académicos en inglés y su contexto de apropiación: Reflexión didáctica

Irene Josefina Lanzi de Zeitune (Facultad de Filosofía y Letras, UNT)

El contexto en el que se lleva a cabo la enseñanza y la apropiación de la lectocomprensión de textos académicos en inglés ha sido, con el correr de los años, siempre el mismo: el contexto universitario, académico o de nivel superior.- Sin embargo, y de la mano de diferentes enfoques parcializamos muchas veces la enseñanza de la lectura en lengua extranjera focalizando en distintos aspectos que hacen a la disciplina.- Y es así que, en su momento, de la mano del estructuralismo, focalizamos en los aspectos gramaticales de la lengua inglesa, descomponiendo los textos en unidades mínimas de sentido y presentamos los mismos siguiendo lo que creemos es una gradación de estructuras que facilitaría la apropiación de la lengua. Luego de la mano de un ensimismado cognitivismo nos centramos en las estrategias individuales de lectura y nos encerramos en el texto mismo y sus niveles, sin mirar hacia los costados y rescatar la relación de ese texto, de esas estrategias de lectura y de esa lengua extranjera con el contexto.- El objetivo de esta ponencia será entonces poner de relieve las relaciones antes descriptas, entendiendo que un curso de lecto-comprensión de textos académicos constituye en sí mismo un contexto histórico-socio-cultural, siguiendo el interaccionismo social de Vigotsky, en donde el lector construye su relación con el autor a través de un texto en L.E. , y en dónde el lector debe constituirse en ciudadano de la comunidad académica a la cual aspira pertenecer a través del manejo (en este caso a través de la lectura) de un sistema de signos y conceptualizaciones propios de cada disciplina, siguiendo la concepción de comunidad lingüística de Swales.- Este contexto será el que enmarcará la actividad pedagógica de los cursos de lecto-comprensión definiendo características pragmáticas específicas de los mismos que se reflejarán en la implementación del enfoque por tareas (Nunan, Skehan); entendiendo por tarea, a una unidad de trabajo en el aula que exige la focalización del sentido por sobre la forma, y que constituye una vía de incorporar la realidad a la clase dado que implica la resolución de actividades relevantes a la función de la lectura en el contexto universitario

A manera de conclusión, sostenemos que la enseñanza de la lecto-comprensión de textos en lengua extranjera en este contexto situacional no puede disociarse de la función epistémica de la lectura; es decir, la construcción de los conocimientos disciplinares. Esta construcción de conocimientos disciplinares se logra a través de la lectura misma y del uso de estrategias de lectura, que no son otra cosa que estrategias de aprendizaje propias de las distintas disciplinas del contexto universitario.

COLÓQUIO

COLÓQUIO (RAV 112)

Descrição linguística, ensino de português e a prática pedagógica

Professores Cláudio Henriques e André Crim Valente (UERJ)

Mediadora: Profa. Cristina Junger (UERJ)

O colóquio pretende discutir a relação entre descrição linguística e ensino de português, assim como o papel do diálogo entre as áreas na pedagogia de ensino da língua mãe.

Conduzido na forma de conversa, o colóquio problematizará, dentre outras questões, a relação da teoria linguística com os livros didáticos, as práticas pedagógicas, as variantes linguísticas e a formação do professor de português.

SC-I – História das Ideias Linguísticas Coordenação: Profa. Bethânia Mariani (UFF)

Historicização e sentidos de Língua Portuguesa em Moçambique

Bethania Mariani (UFF / CNPq/FAPERJ)

Este trabalho tem como objeto de reflexão a historicização da Língua Portuguesa em Moçambique. É um trabalho que se insere no campo teórico da História das Ideias Linguísticas, uma pesquisa realizada com o aporte metodológico da Análise do Discurso. Objetiva-se, especificamente, apresentar os resultados de uma viagem de trabalho feita a Moçambique, em março último, quando foram obtidos documentos relevantes sobre a história dos sentidos da Língua Portuguesa em Moçambique. O corpus analisado, portanto, é constituído por esses documentos. Nos dias atuais, a Língua Portuguesa em Moçambique encontra-se em situação minoritária frente às línguas autóctones. Das dez mais importantes línguas da África subshaariana, cada uma com mais de três milhões de falantes, quatro são banto: “o kirwanda, o zulu, o xhosa e o emakhwa (macua), esta última falada só em Moçambique.” (Rocha, 2006, p. 14) Para muitos historiadores e linguistas, e de acordo com o Censo Populacional Moçambicano de 1997, há algo em torno de 60 línguas da família Banto, com suas variantes dialetais, faladas em Moçambique, sendo que mais de seis milhões de moçambicanos (40% da população) são falantes de Makua-Lomwe (Rocha, op.cit., p. 19). Assim, o que este trabalho se propõe a apresentar são as várias etapas dessa historicização, chamando a atenção para as distintas significações que podem ser atribuídas à Língua Portuguesa: de língua de colonização à língua oficial da descolonização, de língua do opressor, tornou-se língua do movimento revolucionário.

Os sentidos da expressão língua materna na Idade Média

José Edicarlos de Aquino (IEL – UNICAMP/FAPESP)

Este trabalho objetiva analisar os sentidos da expressão língua materna na Idade Média. O referencial teórico-metodológico é o da História das Ideias Linguísticas. Nosso corpus é constituído pelos primeiros registros conhecidos da expressão língua materna. Ao longo dos séculos X e XI, período em que o latim é uma língua que se deve aprender, os vernáculos eram chamados *lingua rusticana* ou *rustica*, *sermo rusticus*, *rustice*, *pagensis lingua*, *lingua rusticorum*, *romana lingua*, *romane e*, finalmente em 1119, *materna lingua*. Todos esses registros são encontrados em textos escritos em latim e a expressão língua materna aparece aí em oposição justamente ao latim. A partir de Dante

Alighieri, a expressão língua materna é escrita em língua materna, possibilitando uma nova rede de sentidos. Dessa forma, tem-se falar materno na Divina Comédia (1304-1321); langage commun et maternel no prólogo da tradução das Éticas, de Aristóteles, feita por Nicolau de Oresme (1361); langue naturelle et maternelle na obra Gargantua e Pantagruel, de Rabelais (1532); langage François ou maternel na Ordonnance de Moulins (1490); langage maternel françois et non autrement na Ordonnance de Villers-Coterêts (1539). Adiantamos como resultado do nosso trabalho que a língua materna é uma invenção do Ocidente medieval, forjada diante da língua paterna (patrius sermo, o latim) em um duplo movimento: da língua paterna, pensada enquanto estrutura, surge a língua materna, outra estrutura, pois do latim nascem os vernáculos, e, da língua paterna, pensada enquanto discurso(s) sobre a língua, surge a língua materna, outro(s) discurso(s) sobre a língua.

A instituição do francês como língua nacional: uma política republicana

Felipe Barbosa Dezerto (Colégio Pedro II/ UFF)

Este trabalho se situa no lugar teórico da História das Ideias lingüísticas, tomando como pressuposto a Análise do Discurso francesa (Pêcheux). Vamos discutir questões ligadas às condições de emergência da língua francesa enquanto língua nacional no período da Revolução Francesa (1789-1795). Nesse período, assistimos a um processo de instituição dessa língua e de estabilização de uma língua francesa forjada pela República pós-revolucionária, isto é, uma língua que funciona como um veículo da nacionalização e da instauração da República Francesa em oposição ao Antigo Regime, momento marcado por uma heterogeneidade lingüística que se sustentava pela presença de diferentes línguas e falares. É válido dizer que as línguas são instituídas; são instituições que não são desprovidas de historicidade, ao contrário, elas têm materialidade histórica e não podem ser pensadas sem o político. Por essa razão, se volta para a análise dos instrumentos políticos de controle da língua (leis, decretos, etc.) que se forja como língua nacional e para refletir sobre como se produz, por meio de aparelhos de estado (por exemplo, a escola), um sujeito que se sente pertencente a essa nação, passando pelo assujeitamento a essa língua republicana que passa a significar como a língua da nação francesa. É, então, pensar essas condições de emergência e as modalidades da gramatização dessa língua o objetivo deste trabalho.

A reescrituração e a metáfora no estudo da designação do nome “português” no espaço de enunciação argentino

Gabriel Leopoldino dos Santos (UNICAMP) / (FAPESP)

Nesta comunicação, nosso objetivo principal consiste em estudar a designação do nome “português” no espaço de enunciação argentino. Nossas análises são feitas a partir de um corpus composto por um conjunto de entrevistas realizadas com alunos e professores do Professorado em Português da Universidade Nacional de Entre Ríos (UNER), Argentina. Tendo em vista nosso objetivo principal e o dispositivo teórico-analítico que mobilizamos na pesquisa, que é o da Semântica Histórica da Enunciação, trabalhamos em nossas análises com três conceitos teóricos que nos são fundamentais: o de designação, o de reescrituração e o de metáfora. Colocamos em cena o conceito de metáfora, não enquanto “figura de linguagem”, tal como consta em manuais de Retórica, mas como um processo de significação que faz deslizar o sentido de uma forma a outra na e pela reescrituração. Dessa forma, podemos dizer que a metáfora, tomada assim, determina a designação de um nome, faz ver o “confronto de lugares enunciativos” que participa da constituição do sentido de um nome dado. A partir desse aparato teórico-analítico, algumas consequências deste trabalho tanto para a Semântica Histórica da Enunciação quanto para outras áreas relacionadas dos estudos da linguagem, como, por exemplo, a História das Ideias Linguísticas e a Análise de Discurso, são: nossas análises trarão elementos interessantes para compreendermos, em primeiro lugar, a significação como um processo histórico e simbólico que caracteriza língua materialmente concebida e, em segundo lugar, uma certa configuração da política de línguas de um espaço de enunciação historicamente marcado pela memória da colonização latino-americana pelos europeus.

Língua nacional e sujeito nacional: A constituição dos sentidos sobre língua e sujeito no Paraguai

Joyce Palha Colaça (UFF)

Neste trabalho, objetiva-se analisar a produção de sentidos em torno das línguas oficiais do Paraguai, o castelhano e o guarani, que compartilham o status de oficialidade no país. Contudo o que faz a situação paraguaia inédita na América Latina é o fato de o guarani ser a língua materna da maioria da população e ter alcançado tal status. Acrescente-se que a maioria da população paraguaia fala a língua guarani nas situações cotidianas informais e formais de comunicação. Trataremos das questões levantadas a partir dos estudos no campo da História das Ideias Linguísticas e da Análise de Discurso de linha francesa (Pêcheux, 1990 [1969]). Para fazer o estudo proposto, tomamos como corpus os textos da Constituição da República do Paraguai, e os documentos do Ministério de Educação e Cultura, bem como da Comissão Nacional do Bilingüismo. A partir das considerações sobre a língua, pretende-se investigar a sua relação com a constituição do sujeito paraguaio, os mecanismos de subjetivação nos textos a analisar-se e o processos de produção dos sentidos sobre língua materna, língua oficial e língua

nacional. Consideramos que os processos de construção dos sentidos de língua não estão separados dos processos que constroem os sentidos para o sujeito em determinada sociedade. Para refletir sobre questões políticas pensemos nas políticas de línguas (CALVET, 2007) que instituíram o guarani como língua dos sistemas de educação, além de pensar no político nas línguas (Orlandi, 2002) São as disputas entre as línguas, na constituição dos sentidos sobre língua e sujeito que nos interessam.

SC-II – Análise do Discurso: Subjetividade e Historicidade

Coordenação: Profa. Angela Corrêa Ferreira Baalbaki (UERJ)

O lugar do sujeito nos editoriais da revista *Ciência Hoje das Crianças*

Angela Corrêa Ferreira Baalbaki (UERJ)

Nosso trabalho tem como objetivo analisar o editorial da revista *Ciência Hoje das Crianças* (CHC) – uma revista de divulgação científica publicada pelo Instituto *Ciência Hoje*. Fundamentamos teórica e metodologicamente nossa pesquisa nos pressupostos da *Análise do Discurso* de orientação francesa. Nosso corpus empírico corresponde aos editoriais publicados entre os anos de 1988 e 2006, totalizando 160 exemplares. Podemos dizer que os editoriais organizam dizeres, apresentam a pauta da revista e constroem uma imaginária aproximação com o leitor da revista. Em suma, constituem-se por “redes de significantes” (Pêcheux, 1988), nas quais o leitor pode ser preso e, nessa captura, “recebe” como evidente o(s) sentido(s) do que lê. De fato, são textos que se entrecruzam com os demais textos que compõem a CHC. Do ponto de vista discursivo, é possível verificar como o sujeito divulgador é construído, o modo como são representadas suas imagens, além de observar as relações que tal sujeito estabelece com o leitor. A partir da materialidade textual que compõe o corpo dos editoriais, recortamos sequências discursivas que foram organizadas a partir de eixos parafrásticos, observando para tal o modo de funcionamento de determinadas marcas, sobretudo, as marcas de pessoa. A desconstrução da superfície linguísticas em sequências permitiu-nos analisar a dispersão do sujeito em suas diferentes posições, representadas pela não-pessoa discursiva (NÓS) ou pela quarta-pessoa discursiva (ELE). Depreendidas as posições-sujeito, concluímos que nos editoriais produz-se a imagem de um sujeito

divulgador que acredita na comunicação aberta com seus leitores; um sujeito que não só divulga ciência, mas que também a ensina aos leitores.

Produção de Sentidos no Jornalismo sobre as UPPs (Unidades de Polícia Pacificadora)

Alessandra Vieira Affonso (UFF)

Este artigo visa à reflexão sobre a produção de sentidos no jornalismo sobre a Polícia Pacificadora, tendo em vista às suas filiações discursivas, sob o enfoque teórico e metodológico da Análise do Discurso. O texto jornalístico, verbal ou não, possui uma materialidade discursiva, manifesta nos sentidos que faz circular. Analisar estes sentidos, por meio de sua materialidade constitutiva, o discurso, significa reconhecer as marcas que regem a construção enunciativa e permitem certos gestos de interpretação, identificando, assim, as formações discursivas nele presente. Representa, também, mapear os diferentes dizeres em suas posições-sujeitos, assim como os dizeres não-ditos e silenciados. Parte-se do pressuposto que o ato de narrar uma notícia não é desinteressado, pois não há neutralidade no jornalismo, mas nele se encontram as formações discursivas e ideológicas do jornal, do repórter, assim como dos respectivos leitores, indiretamente. Essa análise de artigos jornalísticos sobre as UPPs visa, ainda, à apreensão das formações discursivas e ideológicas em que se inscrevem tais discursos jornalísticos, entendendo que as condições de produção dos enunciados jornalísticos são dependentes das próprias possibilidades enunciativas de um momento histórico, sendo necessária a análise da memória produzida em relação à polícia pacificadora no cenário político-nacional, e a busca pelos sentidos silenciados, embora presentes ainda que na marginalidade social, para a interpretação e a compreensão da construção do imaginário político-social de nossa polícia. E, para tal, é necessário refletir sobre o modo pelo qual o pesquisador debruça sobre os artigos em questão para a análise de uma realidade, que é antes “um resultado da construção/rememorização cotidiana de concepções de mundo que se inauguram nos sujeitos, mas que se concretizam em suas práticas sem que haja percepção crítica deste processo” (Mariani, 1998, p.27).

A charge escolar: Trabalhando os deslimites do sentido

Marcos Sá Costa (UFF)

A proposta é analisar algumas charges que têm como tema a relação entre professor e aluno, visando descrever e explicitar o trabalho nos/dos limites de sentido produzidos pelas charges, a fim de promover novos gestos de interpretação e observar o modo de funcionamento dos sujeitos contemporâneos. Observadas as vicissitudes, na atualidade, no que tange as subjetividades, tanto do ponto de vista filosófico, apontadas por Dufour,

como do ponto de vista psicanalítico, consoante Lebrun e Melman, queremos observar, no funcionamento discursivo das charges, como ocorre o processo de subjetivação e como se dá a produção de sentidos. Para além da observação de uma nova forma sujeito filosófica ou de uma nova economia psíquica, interessa-nos observar o funcionamento desse sujeito discursivo. Propomos conceber a charge como um discurso dotado de historicidade. Desse modo, observamos o funcionamento das charges sobre escola a partir da dispersão de sua materialidade, o que aponta para um silêncio dos sentidos produzidos por ela. Observamos a charge, então, calcados no que Bergson afirma sobre o cômico: O cômico é social, é resultado de um deslize, de uma falha, de um equívoco. Tomamos a noção de equívoco, à luz da análise do discurso, como a falta constitutiva e não com erro. O equívoco inerente ao funcionamento da linguagem, pois não há ritual sem falhas, como nos afirma Pêcheux. Através desse caminho observamos que as charges produzem sentidos que são da ordem da ruptura, do equívoco, indo ao encontro de um ordinário do sentido e tendendo à estabilização de sentidos sobre escola, professor e aluno. Discursivamente, oferece lugar à interpretação, a um sentido outro, a um deslize. Pela via do cômico, a charge desestabiliza sentidos e aponta outros caminhos e gestos de interpretação.

Considerações introdutórias acerca do discurso de resistência como projeto do hip hop brasileiro

Mariana Linhares Pereira Resende / Bethânia Sampaio Corrêa Mariani (UFF)

Fundamentado teoricamente na Análise de Discurso de linha franco-brasileira e, especificamente, em textos produzidos por Lagazzi acerca da resistência; por Orlandi, sobre o discurso da cidade e seus efeitos de sentido; e de Indursky, sobre fragmentação do sujeito, a proposta é analisar alguns enunciados que compõem os discursos produzidos pelo movimento de hip hop paulista, especialmente os do grupo Facção Central, cujas composições comporão o corpus da análise realizada, a fim de promover novos gestos de interpretação e, conseqüentemente, de leitura sobre composições como as presentes nos álbuns Versos Sangrentos (1999) e A marcha fúnebre prossegue (2000). A escolha desse grupo se deu com base na perspectiva de enfrentamento e de discussão política que estão na origem do movimento, na década de 70, na Jamaica. Mantendo a proposta de confronto e denúncia, o grupo paulista, de mais de vinte anos de carreira – em suas diferentes formações – aposta no hip hop enquanto instrumento para aumentar a conscientização política de seu público, com o qual procura estabelecer um diálogo, colocando em cheque algumas formulações que circulam pelos legitimadores do estatuto político-econômico sustentado pelo sistema jurídico que está por trás da própria configuração do Estado pós-revolução burguesa. Este trabalho trata então da discursivização do hip hop, por meio de sua produção poético-musical, o rap, de resistência, produzida por um sujeito que teima em não

se significar a partir dos significantes disponibilizados pelos responsáveis em manter o status quo vigente, muito importantes, por exemplo, ao discurso dessa parcela da população à qual se denomina classe média. Trata também da elaboração de algumas considerações iniciais, a partir das marcas linguísticas presentes em determinados enunciados produzidos pelo grupo.

Paráfrase e polissemia: os sentidos possíveis da palavra “sistema” no discurso de acesso à universidade pública

Isabel Cristina Rodrigues (UERJ – UFF)

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre o discurso do sistema de cotas no Brasil, tendo por base a edição de 2005 da revista ADVIR, publicada pela Associação de Docentes da UERJ, cujo tema foi “Cotas: um debate inconcluso”. Nas diversas seções da revista, diferentes sujeitos se posicionam no debate, traçando um percurso das polêmicas que constituem a área. Interessou-nos, em especial, a seção de entrevistas. Em função da ampla representatividade de opiniões presentes nessa seção, perguntamo-nos, numa perspectiva teórica discursiva (ORLANDI), que efeitos de sentido estariam sendo produzidos no discurso que as respostas às perguntas engendravam. Elegemos como corpus da pesquisa, três respostas dadas à primeira pergunta feita aos entrevistados: A implementação do sistema de cotas raciais e sociais tem aumentado significativamente no Brasil durante os últimos anos. Que balanço o(a) senhor(a) faria deste processo? As três respostas, representativas da instituição universitária, são de integrantes do corpo discente, do corpo docente e de um gestor de políticas de educação. Dessas respostas foram recortadas sequências discursivas que constituíam novas formulações para o referente discursivo “sistema de cotas”. Essas formulações foram analisadas com base na tensão advinda dos processos parafrásticos e polissêmicos, sendo possível reconhecer nelas tanto um movimento de reiteração dos sentidos que se configuravam na pergunta, quanto um movimento de ruptura, em que para “sistema de cotas” outros efeitos de sentido se colocavam. Nos limites do dispositivo analítico construído, foi possível identificar a problematização de uma dada forma de gestão pública da política de cotas.

SC-III – Análises linguísticas: do léxico à sintaxe
Coordenação: Profa. Sandra Bernardo (UERJ / PUC-Rio)

As mudanças no PE da fase prosódica à sintática: Uma proposta para explicar a colocação de clíticos nas subordinadas.

Ana Luiza Araújo LOPES (UFMG)

Este trabalho investiga a ênclise em orações dependentes na história do Português Europeu (doravante PE) entre os séculos 16 e 19. A colocação pronominal é um dos assuntos mais estudados da língua portuguesa, mas esses estudos sempre priorizaram as orações principais finitas onde há grande variação na colocação dos clíticos devido a mudança gramatical ocorrida no século 18 (Galves, Brito e Paixão de Sousa 2005, Galves, Namiuti e Paixão de Sousa 2005; Paixão de Sousa, 2004). As orações dependentes sempre foram consideradas como contexto de próclise categórica. No entanto, nos dados extraídos do Corpus Histórico Tycho Brahe, apesar da predominância próclítica, foram atestados dados de ênclise em dependentes. A ênclise ocorre em orações dependentes nas duas gramáticas do Português Clássico (doravante PCI) e PE moderno. A ênclise ocorre em vários tipos de oração: relativas, completivas, dependentes iniciadas em porque. Os dados mostram também que, ao contrário do que acontece nas orações principais, há uma estabilidade ao longo do tempo na colocação de clíticos em orações dependentes. A pergunta a que emerge é: como estas duas gramáticas geram a ênclise nas dependentes? Analisei o fenômeno com base no CP expandido o proposto por Rizzi (1997) e ainda retomando a proposta de Galves e Sandalo 2009 para a colocação de clíticos no PCI e no PE. A comparação dos dados do português arcaico (Ribeiro 2009), do Corpus Tycho Brahe e dos dados de português moderno (Frota e Vígário), mostra que a colocação de clíticos em dependentes não varia muito na história do PE.

Descrição das orações sem sujeito em língua portuguesa, com atenção à ergatividade na variedade brasileira

Anderson Ulisses S. Nascimento (UERJ)

Este trabalho vincula-se à pesquisa Oração sem sujeito em língua portuguesa: função, caracterização e uso, na qual nos valem da perspectiva sincrônica e do debruçar histórico para fazer descrição teórica de tal objeto. Três fatores nos movem: tais orações geralmente são abordadas marginal e superficialmente tanto na descrição gramatical tradicional quanto nas pesquisas linguísticas; o português, especialmente o brasileiro, apresenta permissividade à constituição de orações sem sujeito; há casos

de orações sem sujeito que, em prol de ensino e pesquisa, precisam ser identificados. O português brasileiro (PB) favorece o preenchimento da posição de sujeito. Porém, apontamos haver, em nossa vertente de português, permissividade a estruturas sem sujeito. Para nós, oração sem sujeito é toda estrutura sem SN sujeito, desde que não recuperável por meio de elipse. Consideramos quatro grandes grupos de orações sem sujeito em português: o de verbos fenomenológicos, dos impessoalizados, das construções pessoais (de agente indeterminado) e das construções ergativas secundárias. No último grupo mais expressivamente se verifica o incremento de orações sem sujeito no PB hoje. Construções ergativas correspondem primeiramente àquelas verificadas com verbos transitivos diretos causativos em construções como O vaso quebrou em lugar de X quebrou o vaso. Tal fenômeno espalhou-se para além dos verbos causativos, permitindo construções como Nessa concessionária vende muito carro ou Na placa diz que é proibido fumar, plenamente gramaticais no PB e efetivamente sem sujeito. Enfim, orações sem sujeito, com significativas ocorrências não catalogadas, têm apresentado elevação de produtividade em nossa variedade de português.

A interface morfologia-semântica: A fusão no português

Vítor de Moura Vivas (UFRJ)

A modificação no radical a serviço de uma informação gramatical é muito pouco estudada no português. A literatura morfológica, em geral, apenas aponta para casos de alternância vocálica: f(i)z / f(ê)z; est(i)ve / est(ê)ve; p(u)de / p(ô)de; p(u)nha / p(ô)nha (tratados como morfema alternativo pela literatura estruturalista); form(ô)so / form(ó)so; vist(ô)so/vist(ó)sa (chamados de submorfema alternativo pelo Estruturalismo). Essa alternância vocálica é considerada pela literatura morfológica como um caso de exceção, já que seria a morfologia portuguesa aglutinativa. Pretendemos demonstrar que esses casos de mutação vocálica não são meras exceções, não constituem casos improdutivos na língua. Pelo contrário, há regularidades nessas modificações vocálicas; e tais regularidades precisam ser estudadas e sistematizadas no português.

Objetivamos apresentar a regularidade dessas mudanças vocálicas e de outras modificações no radical fundamentando-nos no aporte-teórico de Bybee (1985): num vocábulo, afixos que ocorrem mais próximos do radical são mais relevantes semanticamente que afixos que ocorrem distantes dele. Além disso, quando um conteúdo gramatical é muito relevante, ele tende a se fundir no radical do verbo (fusão). Os casos de mutação vocálica acima citados, assim como casos de mutação consonantal no radical: faç- (fazer); dig- (dizer) e ditongação: caib- (caber); troux- (trazer), são exemplos claros de fusão no português. Em faç-; caib- e dig-, por exemplo, há informação da noção de tempo presente. Através do nosso estudo, objetivamos demonstrar que a morfologia portuguesa não se estrutura só por concatenação de constituintes, mas também por fusão.

Advérbios em –mente em estruturas parentéticas

Filipa Cunha / Mara Moita
(Instituto de Linguística Teórica e Computacional (ILTEC)
Universidade de Lisboa, Portugal

As estruturas parentéticas são definidas na literatura como frases inseridas num período. Representam uma interrupção na expressão hospedeira e manifestam independência de conteúdo, embora estabeleçam uma ligação com o significado dessa expressão. Além disso, são realizadas com uma entoação específica e exprimem informação acessória ou comentários do locutor (Colaço & Matos 2008). Em relação à sua distribuição e mobilidade no interior da frase hospedeira, segundo Kavalova (2007), existem dois tipos de construções parentéticas: as fixas, que se caracterizam por não ter mobilidade na frase, ocorrendo em adjacência ao constituinte com o qual estão conceptualmente relacionadas, e as flutuantes que, pelo contrário, podem ocupar diversas posições na frase hospedeira. Segundo as gramáticas tradicionais, os advérbios caracterizam-se por serem constituintes que apresentam uma sintaxe flexível (Costa 2008). De qualquer forma, esta flexibilidade não é aleatória. Há constituintes adverbiais que apresentam um comportamento singular, tendo posições preferenciais na estrutura frásica, tais como os advérbios em -mente construídos sobre adjetivos avaliativos. Se considerarmos estes advérbios como parentéticos, fixos ou flutuantes, espera-se que os advérbios com restrições sintáticas constituam itens parentéticos fixos e os advérbios com flexibilidade total constituam parentéticos flutuantes. O objetivo desta comunicação é defender que os advérbios em -mente podem constituir por si só constituintes parentéticos, decorrendo deste fato que, na posição parentética, poderemos encontrar não apenas estruturas oracionais, na linha de Colaço & Matos (2008). A pesquisa teve por base a análise de 20 ocorrências de cada um dos advérbios em -mente selecionados, em posição pré-verbal e pós-verbal, recolhidas no corpus CETEMPúblico. Estes dados foram complementados com dados da introspeção.

Uma abordagem morfossemântica das formações tele-x no português brasileiro

Rosângela Gomes Ferreira

O presente trabalho visa a desenvolver um estudo lexical acerca das formas “tele-X” em português do Brasil, como, por exemplo, telegrama, televisão, tele-mensagem.

Para tanto, iniciamos nossa pesquisa resenhando as propostas encontradas que envolvem a descrição e o funcionamento da lexia ora em voga (ROCHA LIMA, 2007; BECHARA, 2004; CUNHA & CINTRA, 2001; AZEREDO, 2008). Intencionamos comprovar

que esse elemento passa de radical a prefixo e, a partir dessa mudança, ratificar a produtividade/criatividade lexical que envolve o neo-prefixo “tele-”. A mudança do status morfológico de “tele-”, que supostamente, hoje, atua como um formativo recorrente no processo de recomposição, apoiar-se-á nos estudos de Gonçalves (2005; 2006) e Bybee (1985), objetivando investigar os mecanismos derivacionais e composicionais que atuam nessas formações, na tentativa de comprovar que não há um limite pré-estabelecido entre os dois processos em questão. A fim de coletar dados que sustentem a análise aqui proposta, fizemos buscas no dicionário eletrônico Houaiss e também em sites da internet, como Wikcionário e Google. Distribuimos as formações levantadas em grupos de afinidade morfológica, sintática e semântica, e, com o objetivo de identificar as motivações cognitivas que subjazem a essas formações, utilizar-nos-emos, para a análise, o aporte teórico da Linguística Cognitiva (LAKOFF, 1987; LANGACKER, 1987 e SWEETSER, 1999), mais especificamente nas noções de categorização, prototipia, polissemia e ajuste focal. Até o momento da pesquisa, verificamos que “tele” é aplicado em larga escala em formações recentes e faz referência a duas acepções básicas: “televisão” (telenovela, teleator, telecurso) e “telefone” (telegás, tele-van, teleoperador).

SC-IV – Ensino e Novas Tecnologias

Coordenação: Profa. Cristina Haguenauer (UFRJ-Coppe)

As Tecnologias da Informação e Comunicação como possibilidades de aprendizagem significativa da língua inglesa e como fortalecimento das relações socioafetivas entre professor e aluno

Julia Moraes (UERJ)

Este trabalho apresenta as conclusões parciais de um projeto desenvolvido com alunos de uma escola confessional do Rio de Janeiro cujo objeto foi o estudo das relações dialógicas entre os sujeitos envolvidos no processo ensino-aprendizagem. As Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) constituíram instrumentos de mediação dos saberes na aprendizagem significativa da língua inglesa e de fortalecimento das relações socioafetivas dos sujeitos envolvidos no processo educacional. A sociedade da informação traz mudanças na própria concepção de comunicação que dizem respeito à emergência de uma modalidade comunicacional em que o receptor não é passivo diante da informação, mas atua sobre ela, modificando-a (Silva, 2006). Em minha

prática constatei o esgotamento de uma relação dialógica e afetiva entre educador e educando e os consequentes efeitos aversivos que a disciplina de língua inglesa causava até então. Era preciso que houvesse a oportunidade desses interlocutores dialogarem, pois o ser humano é produto de suas relações sociais (Vygotsky, 2007) e seus valores e crenças são provenientes de seu contexto sócio-histórico-cultural. O projeto teve como função estimular as relações dialógicas na sala de aula através do lúdico e de ambientes midiáticos, uma vez que nossos alunos fazem parte de uma geração que nasceu, cresce e se desenvolve no ambiente tecnológico. Essa abordagem incorporou o jogar como uma possibilidade de desenvolvimento cognitivo e social e envolveu atividades colaborativas de leitura, produção e compreensão de textos no Wikispaces, Orkut e e-mail, sempre mediadas e co-produzidas com a professora-pesquisadora.

Supernovas na web: A leitura, construção do conhecimento e a representação linguística no universo virtual

Valéria Mendonça de Oliveira (UFF/CAPES)

As redes privadas e a Internet transformam irreversivelmente, o modo como as pessoas realizam coisas e se relacionam umas com as outras. Essa mudança sem precedentes na história das invenções, chamada por muitos de "revolução digital", conduziu a mudanças significativas nas relações de produção na sociedade e na cultura. A natureza da manipulação do conhecimento realizada pelas TICs envolve, em essência, uma lógica técnico-matemática de aplicabilidade transcontextual que faz com que, não raras vezes, tenhamos a impressão de que os indivíduos nascidos depois dessa revolução já nasceram com a habilidade natural para dominar essas novas tecnologias. Acreditamos que isso, de certa forma, sinaliza que a interação com esse instrumental traz impactos muito importantes para o pensamento humano e, conseqüentemente, para o processo de aprendizagem, principalmente se considerarmos que no universo das TICs, o conhecimento se constrói, basicamente, através de leituras de textos que se apresentam através de diversos modelos semióticos. Baseados na Teoria da Mediação Cognitiva de Feuerstein, acreditamos que os seres humanos adquirem conhecimento acerca dos objetos através da interação e por meio da ajuda de estruturas no ambiente físico que fornecem capacidade de processamento adicional aos seus cérebros. O objetivo central de nossa pesquisa é apresentar uma análise qualitativa das determinantes perceptivas durante percurso de leitura de textos não lineares em ambiente virtual, e para tal lançaremos mão da metodologia adotada pela Psicolinguística.

As tecnologias da informação e da comunicação nas políticas educacionais: Uma análise crítica de discurso

Raquel Goulart Barreto e Elizabeth Menezes Teixeira Leher

(ProPEd – UERJ) (NUTES-UFRJ) (CNPq/FAPERJ)

A pesquisa analisou as políticas educacionais brasileiras formuladas a partir da última década, quando as tecnologias da informação e da comunicação (TIC) adquiriram centralidade em diferentes discursos. Focalizando a formação de professores, buscou investigar características definidoras dos modos pelos quais a recontextualização das TIC tem sido proposta, bem como os sentidos a ela atribuídos, trabalhando no cruzamento dos discursos dos organismos internacionais, da mídia e das produções acadêmicas, de modo a dimensionar os mecanismos de legitimação do sentido hegemônico atribuído às TIC. Assumi a análise crítica de discurso (ACD), nos termos em que formulada por Norman Fairclough, como alternativa teórico-metodológica fundada nas relações entre discurso e mudança social, compreendendo a tentativa de dar conta da reinscrição dos exemplares de linguagem recortados no movimento dos sentidos. O objetivo foi a aproximação dos sentidos (plurais, mas não quaisquer, porque historicamente dimensionados) postos em circulação, explicitando seus pressupostos e implícitos. Abordando a democratização, a comodificação e tecnologização como tendências discursivas contemporâneas, a pesquisa focalizou as dimensões semântica, sintática e pragmática dos discursos voltados para países centrais e periféricos. Concluiu que a estratégia de formação de professores a distância configura aposta nas TIC como substituição tecnológica total, “capaz de” resolver os mais diversos problemas, na esteira da hipertrofia da dimensão técnica, para além das iniciativas de substituição parcial. Em ambos os casos, têm sido desconsideradas as questões relativas aos modos de acesso e suas implicações.

Integrando Texto e Contexto na Leitura de Estruturas Visuais

Danielle Almeida (UFPB)

Será que uma imagem vale mais que mil palavras? Quais os significados expressos por esses códigos semióticos que nos passam despercebidos? O que falta em termos didáticos em nossas instituições educacionais para que os aprendizes se tornem capazes de olhar para as imagens e lê-las enquanto textos dotados de conteúdo ideológico próprio, assim como a linguagem verbal? Que tipo de conhecimento falta aos nossos professores para que sejam capazes de abordar as imagens adequadamente em sala de aula? Pensando em questões como estas, este trabalho busca refazer os ‘caminhos’ da Gramática do Design Visual (GV) elaborada por Kress & van Leeuwen em 1996, a fim de demonstrar a sua aplicação na leitura e análise de diferentes gêneros multimodais na sala de aula de língua estrangeira. Nesse sentido, visa entender as possibilidades da GV ao oferecer subsídios práticos de abordagem pelo professor dos recursos visuais dos quais dispõe, com o objetivo formar aprendizes mais críticos e reflexivos em relação ao contexto social, político, econômico no qual as imagens estão inseridas. Para tanto,

apóia-se fundamentalmente nos estudos de Unsworth (2006; 2001), Jewitt (2008) Browett (2007) Oliveira (2006) e Callow (1999), entre outros, para estabelecer a ponte analógica entre uma teoria para analisar estruturas visuais (Kress & van Leeuwen, 2006) e sua adaptação para o contexto educacional. Em consonância com os pressupostos da Gramática Visual, que defende um pensar sobre as imagens enquanto textos dotados de uma estrutura sintática própria, apresento aqui uma proposta de modalidade de análise visual elaborada com o intuito de integrar o conhecimento adquirido através do decodificar desses códigos de significado textual com aquele promovido por um contexto mais amplo, no qual as imagens se situam.

Variações de registro linguístico em ambiente virtual de aprendizagem bilingue

Carmem Lucia Pereira Praxedes (UERJ/USP)

Alcebíades Martins Arêas (UERJ)

Este trabalho é o relato da aplicação de alguns resultados da pesquisa Ensino e Práticas de Ensino em Línguas – o caso do italiano, que desenvolvemos, desde 2002, com a colaboração de estudantes-bolsistas e voluntários do Instituto de Letras da UERJ, bem como de alguns docentes do Setor de Italiano desta IES. OBJETO DO ESTUDO: Nesta apresentação direcionaremos o nosso olhar para a variação de registro linguístico formal, informal ou coloquial cuidados adotados no relacionamento entre tutores e estudantes em ambiente virtual de aprendizagem bilíngüe. Especificamente na disciplina curricular eletiva Estágio Supervisionado em Língua Italiana III – tutoria on-line, modalidade semipresencial, que foi oferecida aos estudantes da habilitação em Português/Italiano e respectivas Literaturas em 2009/2. REFERENCIAL TEÓRICO: Tomamos como base para esta análise os conceitos de sistema, norma e falar concreto (COSERIU:1980) assim como o de língua funcional. METODOLOGIA: Para o contraste interlínguas, adotamos os pressupostos da lingüística contrastiva (PIERINI:2004). RESULTADOS: Ao término do período letivo, pudemos notar as diferenças de registro linguístico, ou seja, de usos num mesmo veículo de comunicação com o objetivo de ensino e aprendizagem, que variavam de + formal a – formal de acordo com a língua a ser adotada; o Português Brasileiro ou o Italiano, o que também confirmou a premissa Hjelmsleviana de que línguas não são etiquetas.

SC-V – Processos de Representação à luz da ACD e da LSF

Coordenação: Prof. Carlos Gouveia (Universidade de Lisboa)

A avaliatividade no discurso pela perspectiva da ACD: representações ideológicas do aluno enquanto sujeito curricular

Silvia Adélia Henrique Guimarães (UERJ)

Apesar dos muitos debates acerca do Currículo Educacional nos últimos anos (ARROYO, 2008) sobre a relação teoria-prática educacional, permanecem alguns embates: “Como aplicar teorias cristalizadas a um público tão heterogêneo?” ou “Como alimentar o prescrito em uma prática que foge ao controle, por ser dinâmica?” De natureza exploratória (ALVEZ-MAZZOTI, 1999), este trabalho investiga como o discurso do aluno pode ser ferramenta de (re)encaminhamento das ações metodológicas do professor, a fim de evitar tal discrepância. Conduzida pelas postagens de meus alunos no blog que publica algumas atividades realizadas em sala de aula, pesquisei o que as postagens sinalizavam - ou denunciavam - das teorias do currículo. Tratei o corpus pelo sistema de Avaliatividade (WHITE, 2004), analisando afeto, julgamento e apreciação representados nas escolhas léxico-gramaticais dos alunos. Os resultados sugerem que o aluno enquanto sujeito curricular tem voz: que resiste e que reproduz as relações de poder, mas que também se cala. Esse silêncio, demonstrado pela ausência de muitos alunos no blog, re-encaminhou a pesquisa e, após pesquisa demográfica, sinalizou outras representações ideológicas: o oprimido que não tem acesso à tecnologia e às formas de globalização, continuando, assim, excluído: o que me levou ao referencial teórico da ACD, do discurso enquanto prática social (FAIRCLOUGH, 1997). Além das contribuições para a prática pedagógica interacional e contextualizada, fica um convite para outras pesquisas sobre o tema: o discurso do aluno como ferramenta para uma prática educacional aplicável, fomentando pesquisas que deem voz ao aluno da escola real (MOLLICO, 2002).

A construção das identidades e as representações de mundo retratadas no livro de “Graduado em marginalidade”: um olhar Sistêmico-Funcional

Fábio Góes Torres (PUC-SP)

O objetivo desse trabalho é entender as experiências de mundo e a construção da identidade de um escritor/morador da periferia e dos personagens retratados nesta

literatura. O corpus da pesquisa é formado pelo livro “Graduado em marginalidade” do escritor Sacolinha morador de uma periferia de São Paulo. Com base na metafunção ideacional, componente experiencial (Halliday 1994), analiso as escolhas léxico-gramaticais que revelam as experiências de mundo e as identidades das personagens retratados no livro. A concepção de Linguística Aplicada (LA) como teoria interdisciplinar, para esta pesquisa é fundamental, pois segundo Moita Lopes (2008:27), ao apontar a linguística aplicada como “a possibilidade política de que a pesquisa contemple outras histórias sobre quem somos ou outras formas de sociabilidade que tragam para o centro de atenção vidas marginalizadas”, percebemos que pesquisar a literatura marginal no âmbito da LA pode ser um casamento perfeito entre teoria e prática, pois a literatura marginal está enraizada nas periferias e, por meio dela, podemos compreender uma outra forma de organização social, valorizando vidas que comumente são depreciadas socialmente por grupos majoritários e pelos veículos de comunicação. Como esta pesquisa está interessada em entender as construções das experiências e das identidades, por meio da linguagem, das personagens retratadas na literatura marginal e do escritor/morador, acompanhamos Rajagopalan (2008) que destaca que a LA surge como grande interessada nos estudos da língua em uso e aponta que um linguista aplicado, ao realizar sua pesquisa, deve dar voz aos setores marginalizados. As análises realizadas com o apoio do instrumental metodológico da Linguística de Corpus (LC), através do Programa Computacional WordSmith Tools (Scott, 1999) discutem os valores sociais contidos na representação de mundo do escritor/morador, resgatando assim a contribuição social trazida nos textos.

Masculinidade e identidade em textos midiáticos: Gramática sistêmico-funcional e multimodalidade

Sônia Maria de Oliveira Pimenta (UFMG)

O objetivo desta apresentação é revelar os discursos sobre masculinidade e as mudanças que estão ocorrendo na construção identitária do homem. Focalizaremos nossa análise micro (escolhas lexicais de processos e modos semióticos) para chegarmos ao macro (os discursos da(s) identidade(s)). O corpus é composto por uma capa da revista *Veja* e partes do artigo referentes ao assunto anunciado na capa, intitulado “O Novo Homem”. O corpus foi analisado à luz da Gramática Sistêmico-funcional de Halliday e Mathiessen (2004), da Multimodalidade e da gramática do Design Visual de Kress & van Leeuwen (2001; 2006) e de teorias sociais de masculinidades Connel (2005). Ao ampliar a noção de texto como sendo multimodal centramos nosso foco de análise na Metafunção Ideacional (transitividade), ou seja, nos processos, participantes e circunstâncias e nos modos semióticos cor, olhar, gestos e vestuário desses textos midiáticos para descortinar as dinâmicas de poder e ideologia que perpetuam a existência de uma masculinidade hegemônica. Analisar os textos com base nas escolhas multimodais nos permitiu

entender a construção semiótica da masculinidade e questionar os pontos possíveis de serem considerados como novas representações de gênero e aqueles que se mantêm articulados com o sistema de masculinidade hegemônica. A análise multimodal nos mostrou que as escolhas dos itens lexicais e dos modos semióticos para construir um novo homem delinearão a existência de várias facetas de uma nova identidade masculina que cultua o corpo e a beleza, mostra a força e a virilidade de forma híbrida e paradoxal e consequentemente, a construção de uma identidade hegemônica.

Sim, “*todos somos técnicos da seleção brasileira de futebol*”: uma análise dos tweets referentes à estreia da seleção na Copa do Mundo de 2010 sob a perspectiva da SFL

Marcela da Silva Amaral (UERJ)

Este trabalho tem como objetivo analisar o gênero digital Twitter, na sua função de expressão de opiniões, no contexto da Copa do Mundo, sob a perspectiva da Linguística Sistemico-Funcional (SFL). A pesquisa em andamento visa analisar o corpus a partir do Sistema da Avaliatividade que procura explorar, descrever e explicar a forma como os falantes usam a língua para avaliar. Esse sistema é um dos três maiores recursos semânticos que constroem significados interpessoais e apresenta três campos de interação: Atitude, Engajamento e Gradação. Neste trabalho, o foco é no campo da Atitude, que compreende as subcategorias Afeto, Julgamento e Apreciação. Como procedimento metodológico, utilizei as subcategorias citadas acima, buscando mapear qualitativamente os “tweets”, que são os comentários postados na rede, de forma manual. Desta forma, foram coletados 152 tweets postados neste microblogging, antes da estreia e 114 tweets durante a transmissão do jogo. No decorrer da análise, observei se houve mudança entre as duas fases da coleta. Com relação ao campo da Atitude, o que predominou na avaliação positiva, tanto antes do jogo quanto durante, foi o subsistema Afeto. Já nas avaliações negativas, o subsistema predominante foi o Julgamento, seguido do Afeto e por fim da Apreciação, tanto na primeira quanto na segunda fase da análise. Preliminarmente, conclui-se que o tópico escolhido, futebol, é o fator que desencadeia os subsistemas Afeto e Julgamento e não se pode afirmar que os mesmos são desencadeados por consequência do gênero Twitter.

Nós e eles: A representação dos atores sociais em um texto multimodal

Carla Cristina de Souza (UERJ)

No contexto da contemporaneidade, a mídia exerce importante papel na construção e manutenção de ideologias, já que os discursos não só descrevem a realidade, como também a representam a partir perspectivas particulares. Buscando trazer tal discussão para as aulas de leitura crítica em inglês, me proponho a analisar como os atores sociais são representados no artigo *The World Cup's Bad Influence* da revista *Newsweek*, a fim de levantar dados que poderão ser usados na criação de atividades pedagógicas que mostrem a integração de linguagem e imagem na produção de sentidos. Utilizei, para tanto, as categorias sócio-semânticas propostas por VAN LEEUWEN (1997) para a análise da representação dos atores sociais na linguagem e ferramental teórico desse mesmo autor (VAN LEEUWEN, 2008) para o exame das imagens. Então, comparei e contrastei as análises dessas duas semioses. Os resultados podem ser interpretados da seguinte forma: os brasileiros são diferentes de "nós" (comunidade leitora e o autor). Pode-se dizer ainda que as representações dos brasileiros no texto contribuem para a naturalização da visão de um povo desorganizado e preguiçoso e para a consequente desvalorização do mesmo. Os resultados também apontam para uma congruência entre as duas semioses estudadas, daí pode-se concluir que o todo texto-imagem é coeso e coerente. Portanto, a análise revela questões para discussão nas aulas de inglês e espero que no futuro essa pesquisa possa servir de base para o desenvolvimento de atividades que ampliem os limites conceituais dos alunos, a fim de prepará-los para ler textos multimodais criticamente.

SC-VI – Gramática e processos de categorização
Coordenação: Profa. Lilian Ferrari (UFRJ)

Gramática e categorias radiais: propostas fundadoras

Lilian Ferrari (UFRJ / CNPq)

Este trabalho integra a sessão de comunicação "Gramática e categorias radiais", na qual se pretende focar o pareamento forma-significado em construções gramaticais do português brasileiro, sob a perspectiva teórica da Linguística Cognitiva. Assume-se que construções lexicais e/ou sintáticas funcionam como pistas para a construção de categorias semânticas complexas, radialmente estruturadas. O trabalho aborda a noção

de categoria radial, traçando o percurso do conceito a partir da Antropologia (Berlin e Kay, 1969) e da Psicologia Cognitiva (Rosch, 1973, 1978), e detalhando a relevância de sua aplicação para o desenvolvimento de pesquisas em Linguística Cognitiva (Lakoff, 1987, Goldberg, 1995, 2006). No que se refere às construções gramaticais propriamente ditas, serão apresentadas análises clássicas de fenômenos do inglês, como a proposta de descrição da radialidade da preposição "over" (Brugman e Lakoff, 1988). O trabalho enfocará, ainda, relações entre construções sintáticas com base em redes construcionais, nos moldes propostos por Lakoff (1987) e Goldberg (1995, 2006). A discussão desses trabalhos pretende lançar as bases para a apresentação de pesquisas realizadas no âmbito do LINC (Grupo de Pesquisas em Linguística Cognitiva, UFRJ), cujas investigações enfocam, prioritariamente, o português brasileiro contemporâneo, nas modalidades falada e escrita (Corpus LINC, 2010). Mais especificamente, os conceitos apresentados fundamentam as pesquisas de Mestrado e Doutorado que compõem a sessão de comunicação.

Mesclagem e categorização da polissemia na expressão dêitica "a gente"

Viviane da Fonseca Moura Fontes (UFRJ)

Tendo em vista que o referencial teórico da Linguística Cognitiva não só abre as portas para a identificação dos diferentes significados que integram a polissemia dos dêiticos, mas também permite a investigação dos processos mentais que franqueiam a compreensão de fenômenos dêiticos prototípicos e não-prototípicos, este estudo pretende trazer contribuição relevante para a investigação da dêixis no português brasileiro. Para isso, a pesquisa enfoca o estudo da polissemia da expressão dêitica "a gente" nos discursos oficiais do presidente da República Luís Inácio Lula da Silva, disponibilizados no site oficial da presidência da República, na seção Secretaria de Imprensa e Porta-Voz (<http://www.info.planalto.gov.br>). Embora estudos em sociolinguística e em análise do discurso tenham apresentado importantes mapeamentos descritivos de dêixis de pessoa, o presente trabalho busca contribuir com o aprofundamento de questões relacionadas ao tratamento da polissemia dêitica à luz dos pressupostos da Linguística Cognitiva. Com isso, objetiva-se demonstrar que as características semânticas do dêitico "a gente" refletem uma categoria radial (Lakoff, 1987) organizada numa escala de prototipicidade (Marmaridou, 2000) que vai da referência mais prototípica ("a gente" Inclusivo - eu + você(s)) à menos prototípica ("a gente" Virtual - eu/hipotético + você(s) e /ou outro(s)). Propõe-se, portanto, uma explicação unificada para a estruturação dessa categoria dêitica, com base no modelo dos espaços mentais (Fauconnier, 1994, 1997) e no processo de mesclagem conceptual (Fauconnier, 1997; Fauconnier e Turner, 2002). Neste sentido, duas importantes generalizações teóricas são destacadas: a categorização radial como organização

conceptual do conhecimento adquirido (Rosch, 1975; Lakoff, 1987) e a construção do significado por mesclagem conceptual (Fauconnier e Turner, 2002).

Radialidade na gramática: por uma abordagem construcional da ordem VS no português brasileiro

Diogo Pinheiro (UFRJ)

Este trabalho integra a sessão de comunicação "Gramática e categorias radiais", na qual se pretende enfatizar o pareamento forma-significado em construções gramaticais do português brasileiro, sob a perspectiva teórica da Linguística Cognitiva. Nesta comunicação, ocupamo-nos do problema da inversão do sujeito no português brasileiro à luz da Gramática das Construções (sobretudo GOLDBERG, 2006). Essa perspectiva propicia pelo menos dois ganhos teórico-descritivos. De um lado, permite alargar o conjunto de dados usualmente contemplados na literatura especializada, de modo a incluir os contextos mais ou menos idiomáticos. De outro lado, oferece a possibilidade de um tratamento unificado, capaz de abranger tanto os casos de inversão do sujeito com sentenças composicionais quanto os usos que manifestam algum grau de idiomatização. Neste estudo, identificamos um total de onze contextos de inversão, a serem tratados como subconstruções que apresentam, entre si, diferenças relativas a (i) grau de idiomatização; (ii) extensão do conjunto de verbos licenciados (por exemplo: construções VS de foco largo parecem estar restritas a verbos inacusativos, aí incluídos os copulativos, ao passo que as construções de foco argumental admitem também predicadores transitivos e inergativos) e (iii) propriedades funcional-pragmático-discursivas. A presente comunicação concentra-se neste último item. Os objetivos são (i) mapear as semelhanças e diferenças funcionais (em sentido amplo) entre essas onze subconstruções e (ii) organizá-las em uma rede radial da inversão do sujeito no PB.

Linguagem e Gramática nos Estudos Formais

Livy Real (UFPR/CAPES)

Ricardo Andrade (USP/CAPES)

Considerando a interface entre linguística e ciência da computação, faz-se necessária a discussão de seus objetos de estudo e da nomenclatura assumida por cada uma destas áreas. Para isso, abordaremos as definições de linguagem e gramática geralmente utilizadas pela ciência da computação (CC), a saber pela teoria de autómatos e linguagens formais, e pela linguística formal (LF), particularmente a de base montagoviana. Na CC, linguagem pode ser definida como os strings (palavras ou cadeias de símbolos) formados a partir dos elementos da gramática, que são, basicamente, regras de boa formação e léxico. Já na LF, grosso modo, linguagem é um termo mais abrangente que gramática,

sendo a gramática parte da linguagem. Geralmente, entende-se que gramática é o conjunto de regras capaz de originar parte da linguagem. No entanto, sob o rótulo linguagem, há ainda elementos de fundamental importância para o linguista, como o léxico e a ontologia da língua. Comparando gramática e linguagem em ambas as áreas, percebe-se que enquanto na CC a linguagem é gerada pela aplicação da gramática, na LF, a gramática é um elemento a mais na linguagem, sendo esta última o rótulo pelo qual entendemos o objeto mais abrangente que temos. Considerando que as duas áreas entendem gramática e linguagem de maneira ligeiramente diferente, discutiremos (i) que tipo de objeto é criado considerando os construtos teóricos de cada área, e (ii) em que medida é a preocupação com línguas artificiais ou com línguas naturais que produziu as diferenças que encontramos nestes construtos.

SC-VII – Alfabetização e Letramento

Coordenação: Profa. Maria Teresa Tedesco (UERJ)

A instabilidade do conceito de palavra na escrita segmentada de alunos de EJA

Carmen Regina Gonçalves Ferreira (UFPel- Pelotas/RS)
CAPES

Pesquisas como as de Abaurre (1991), Abaurre e Cagliari (1985) e Cunha (2004) têm investigado as possíveis motivações para as segmentações não-convencionais em textos infantis. Mostram que, muitas vezes, ao se reconhecer formas lexicais no interior de uma palavra, acaba-se separando-a na escrita de forma inadequada. Isso se deve aos processos de hipersegmentação, os quais podem ser decorrentes da instabilidade na conceituação do que seja uma palavra e de quais sejam seus limites gráficos. Com o objetivo de verificar se os adultos passariam ou não pelos mesmos processos, no que diz respeito às hipersegmentações, foram analisados dados de EJA (Educação de Jovens e Adultos) coletados através de oficinas de produção textual durante o ano letivo de 2009. Verificou-se que há uma estreita relação entre o comportamento de ambos os grupos, especificamente, no que diz respeito à influência dos constituintes prosódicos. Os dados mostraram uma preferência pelo isolamento de estruturas que equivalem a clíticos, à esquerda, sobrando, à direita, estrutura que corresponde a uma palavra fonológica. Portanto, essas escolhas de onde segmentar evidenciam um processo em construção, marcado pela percepção que os escreventes já possuem da organização

rítmica e prosódica dos enunciados, bem como do contato com práticas de letramento.

Reinvenção ou Retrocesso? Refletindo sobre Alfabetização

Raquel Oliveira do Nascimento (UERJ)

Desde o final do século XIX, a alfabetização no Brasil tem sido um tema cercado de polêmicas, primeiramente representadas pelas disputas de métodos analíticos e sintéticos por hegemonia (Braslavsky, apud Carvalho, 2007; p.18). Em diferentes períodos históricos, discursos e tensões entre modernos e antigos buscaram desqualificar o passado para viabilizar mudanças (MORTATTI, 2006; p.3). A partir dos anos de 1980, os estudos de Ferreiro e Teberosky (1985) instalaram uma nova tensão: com uma mudança de foco dos métodos para o aprendiz, passou-se a questionar os métodos tradicionais de alfabetização, o que, equivocadamente, resultou no apagamento dos métodos – a desinvenção da alfabetização (Soares, 2004). O presente trabalho surge em reação a um discurso que, atualmente, responsabiliza tal mudança de paradigma pelo “fracasso” em alfabetização, clamando pela institucionalização do método fônico, como sendo o único “cientificamente comprovado”. Por discordar de tal discurso, analisei criticamente os pressupostos que orientam o método fônico à luz de estudos de Linguística, alfabetização e letramento – Braggio (1992), Cagliari (1992) e Soares (2004), entre outros. Em seguida, também analisei um dos textos presentes na cartilha Alfa e Beto, do mesmo método, à luz da Linguística Textual (Beugrande e Dressler, 1981, apud Koch, 2009). Minhas análises sugerem que o método fônico, pode representar um retrocesso em muitas conquistas, não sendo a melhor solução para a busca dos resultados desejados nesse âmbito, principalmente por não permitir que o aprendizado do código alfabético ocorra em contextos de práticas de letramento, o que hoje, já se sabe, é de fundamental importância (cf. Soares, 2004).

Emprego de vírgulas em textos de alunos de quinta série do Ensino Fundamental

Ana Carolina Araújo-Chiuchi (UNESP) – Campus de São José do Rio Preto.
CAPES

Nesta apresentação, tratamos dos usos de vírgula nos textos de alunos de quinta série do Ensino Fundamental. Temos o objetivo de analisar a flutuação do emprego da vírgula, ou seja, a oscilação entre usos convencionais e não-convencionais desse sinal em um corpus constituído de 152 textos produzidos por alunos de três turmas de quinta série a partir de duas propostas de redação, uma aplicada no início e outra no fim do ano letivo. Argumentaremos que as motivações dos “erros” identificados quanto à ausência/

presença da vírgula evidenciam o que Corrêa (2004) chamou de modo heterogêneo de constituição da escrita. Assim como o autor, compreendemos as ocorrências não-convencionais de vírgula como “registros que dão testemunho do trabalho do sujeito” no processo de produção do texto escrito. Desse modo, por meio do uso de vírgulas nos textos analisados, investigamos as possíveis relações, feitas pelos escreventes, entre enunciados orais/falados e enunciados letrados/escritos. De um modo geral, os resultados mostram que essa relação tanto causa o excesso (“erros” pela presença de vírgula) quanto a falta (“erros” pela ausência de vírgula) dos sinais de pontuação. No caso de “erros” pela presença de vírgula, vislumbramos a presença do oral/falado no letrado/escrito na medida em que ocorrências não-convencionais de vírgula coincidem com fronteiras prosódicas, podendo demarcar contornos entoacionais, pausa, etc. No segundo caso, constituído por “erros” pela ausência de vírgula, nossa hipótese relaciona-se às práticas de letramento, já que consideramos que alguns usos não-convencionais observados podem estar relacionados ao que o aluno conhece das regras de pontuação.

As concepções de leitura na Prova Brasil e no Programa Internacional de Avaliação de Estudantes – PISA: Uma análise comparativa

Talita da Silva Campos (UERJ)

A leitura é um processo reflexivo em que as idéias se ligam em unidades de pensamento cada vez maiores, ou seja, requer a compreensão, interpretação e avaliação dessas idéias. Dentro dessa perspectiva, a simples capacidade de reconhecer sinais gráficos distancia-se do que se considera ato de leitura. Esta pesquisa investiga quais perspectivas teóricas subsidiam a Prova Brasil (aplicada no 9º ano de escolaridade) e o PISA (avaliação em que o Brasil participa como país convidado e que é aplicada em turmas de jovens com idades entre 15 e 16 anos) com o objetivo de contribuir para a formação de leitores nas escolas. O referencial teórico sobre as concepções de leitura fundamenta-se nas teorias elaboradas por: MARCUSCHI (2001), KLEIMAN (2007), KOCH (2007), FUZA e MENEGASSI (2009) entre outros. Para identificar que concepções de leitura estão presentes nessas avaliações, utilizei como corpus as Matrizes de Referência de cada avaliação e as questões das provas aplicadas em anos anteriores.

Após levantamento dos aspectos teóricos que orientam a elaboração dos itens das avaliações, identifiquei a utilização dos seguintes mecanismos: I) recorrências a informações implícitas; II) inferências; III) pista textual e IV) estabelecimento de relações entre dois textos. Os resultados apontam os aspectos conceituais essenciais ao processo de leitura e que precisam ser desenvolvidos em sala de aula pelos professores, dentre os quais se destacam: estratégias de localização de informação explícita, paráfrase,

pistas textuais, inferências, linguagem verbal e não-verbal, identificação dos gêneros textuais e suas funções, contexto de produção dos gêneros textuais, coesão e coerência entre outras.

Varição linguística e o ensino de Língua Portuguesa: o panorama das escolas com Ensino Fundamental II e Médio do Agreste Meridional pernambucano

Marcio Vieira da Silva e Marcelo Machado Martins
(UFRPe/UAG)

Labov afirma que a variação linguística é resultado de pressões sociais exercidas sobre um determinado povo, que pode incorrer na construção identitária dele, pois, como afirma Calvet, a variação linguística é a identidade de uma comunidade/região. Mesmo com os estudos atuais acerca da mudança e da variação linguísticas, muitos usuários da língua percebem-nas como um elemento de desqualificação do sujeito da linguagem verbal, quer oral ou escrita. Isso pôde ser constatado por meio de uma pesquisa de campo realizada nas escolas de Ensino Fundamental II e Médio do Agreste Meridional pernambucano, pois o seu resultado demonstrou que, para a maioria dos professores pesquisados, o uso da língua culta, em todos os diálogos em aula, se torna inviável por conta da forte influência da variante linguística. Isso nos mostra que além de os docentes em questão valorizarem sobremaneira a variante de prestígio, responsabilizam a variação na língua pelo não domínio da variável padrão, não ultrapassando, portanto, a perspectiva equivocada de homogeneidade linguística. Portanto, é necessária uma formação de professores de ensino de Língua Portuguesa comprometida com a competência comunicativa de seus usuários, o que implica, entre outros fatores, a adequação da linguagem ao contexto de uso desta, assim, sendo vários os usos e várias as situações, não se pode defender uma forma única de comunicação, mas sim, instrumentalizar o estudante a saber escolher qual a variante mais adequada para o momento comunicativo em que ele estiver situado.

SC-VIII – Estudos da Tradução

Coordenação: Profa. Maria Alice Gonçalves Antunes (UERJ)

Normas que governam as traduções para a língua inglesa

Maria Alice Gonçalves Antunes (UERJ)

O presente trabalho pretende discutir, de pontos de vista distintos, as normas que governam as traduções para língua inglesa. Mais especificamente, pretende demonstrar como as normas se materializam em situações distintas: no processo de internacionalização que a Universidade do Estado do Rio de Janeiro atravessa, na tradução de artigos científicos que tematizam a terceira idade e na tradução de literatura infanto-juvenil. Para a realização deste estudo utilizam-se três corpora. O primeiro é composto de glossários que “apresentam” universidades brasileiras e estrangeiras; o segundo compõe-se de artigos científicos publicados originalmente na Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia e, em versão para o inglês, no site da Organização Mundial da Saúde; o terceiro é composto da obra *Do outro mundo*, de Ana Maria Machado e de sua versão para o inglês, *From another world*, tradução de Louisa Baeta. Resultados indicam que: 1) os glossários têm papel importante para a comunicação da universidade com o público estrangeiro e que os termos com formas semelhantes muitas vezes não são equivalentes entre si; 2) as condicionantes culturais têm papel relevante também no caso da tradução técnica; 3) o tradutor de literatura infanto-juvenil, contrariando expectativas criadas por traduções e versões publicadas anteriormente, pode utilizar estratégias de tendência estrangeirizadora ao verter a obra para o inglês.

Normas e a internacionalização da Universidade: Contribuição para a formação de glossários de termos institucionais universitários em língua inglesa

Rosane Augusta Fernandez (UERJ)

No mundo globalizado deste século, as universidades voltaram a suas origens e se renderam a uma nova fase de internacionalização de suas atividades, onde os limites de suas ações não estão mais ligados às fronteiras concretas de sua cidade, seu estado ou país. Por conta desse status, essas instituições de ensino superior criaram departamentos de cooperação internacional, optaram por se apresentar em outras línguas em seus sites na internet e, dentro destes, explicar seus títulos, cargos e estrutura, criando pequenos glossários em língua inglesa, o latim do novo processo de internacionalização. Este é o

comportamento das universidades surgido com o fenômeno da globalização, portanto, uma norma. Isso se considerarmos como normas os comportamentos recorrentes em uma dada sociedade, transmitindo seus valores e ideais aos grupos de indivíduos que a compõem, conceito assim definido por Toury. A internacionalização é, então, a norma que atua no contexto universitário no século XXI. Não é preciso dizer que o tradutor, neste contexto tem papel importante. É o tradutor quem fará com que a norma internacional seja concretizada por meio da versão para a língua inglesa de sites na internet, além da forma que nos interessa mais neste trabalho: a formação de glossários de termos institucionais. O trabalho a ser apresentado visa compreender o impacto da internacionalização das universidades, estudando sua face materializada tanto nas mudanças de sua estrutura com seus departamentos de cooperação internacional, como na maneira como a universidade, especificamente a UERJ, se apresenta em seus sites em língua estrangeira e nos glossários que define seus termos institucionais.

A tradução de artigos científicos: Uma abordagem por meio do estudo de gêneros e normas

Simone Vieira Resende (UERJ)

Muito ainda há para se explorar sobre a tradução técnica, o gênero conhecido como artigo científico e as normas que envolvem o processo tradutório desse tipo de gênero. Este estudo busca colaborar para o preenchimento de tal lacuna, fazendo uma breve revisão das principais contribuições e conceituações do estudo das normas para a tradução (Toury, 1995, 1999; Hermans, 2009; Baker, 1998, 1999; Bassnett, 2007; Martins, 2002; Schäffner, 1998; Carvalho, 2005), assim como dos estudos de gênero (Marcuschi, 2002; Costa, 2003; Swales, 1990; Bakhtin, 1997), mais especificamente o gênero artigo científico. O objetivo desta pesquisa é mostrar como a tradução pode tirar proveito dos estudos de gêneros, através de uma reflexão teórica baseada na conceituação de normas, com exemplos práticos da análise do caso da tradução da Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia. Para tanto, primeiramente é apresentada uma breve conceituação das normas e suas aplicações nas pesquisas sobre tradução. Em seguida, uma contextualização das noções de gênero e por fim exemplificações e conclusões a respeito dos estudos das normas e dos gêneros para a tradução. Os procedimentos de análise dos corpora foram baseados em duas linhas metodológicas, o esquema para descrição de traduções literárias proposto por José Lambert e Hendrik van Gorp (1985), adaptado aqui à tradução de textos técnicos, e o modelo utilizado por João Azenha (1999) para análise de tradução técnica e condicionantes culturais, também adaptado.

A Literatura Infanto-Juvenil Brasileira nos Estados Unidos: Análise do Efeito da Tradução dos Itens de Especificidade Cultural em From Another World de Ana Maria Machado

Verônica Suhett do Nascimento (UERJ)

Neste trabalho irei revisar e exemplificar os Estudos Descritivos da Tradução, e aplicar o modelo proposto por José Lambert e Hendrik van Gorp (1985) como proposta metodológica para auxiliar a realização de estudos de casos de tradução literárias segundo o paradigma descritivista. O objetivo será a verificação das estratégias utilizadas nas traduções de itens de especificidade cultural em *From Another World* (2005) de Ana Maria Machado, Traduzido por Luisa Baeta. A motivação para a escolha da referida obra foi o fato de ter verificado previamente a presença de diversos itens de especificidade culturais. A LIJ é um gênero marcado por características próprias, o que exige que seu tradutor conheça essas características. Veremos as características principais que definem a LIJ como gênero literário apontadas pela pesquisadora irlandesa, Eithne O'Connell (2006, p. 17), além dos princípios da tradução de LIJ propostos por Zohar Shavit (2006, p. 26).

Léxico e cultura: Alguns apontamentos a partir da tradução de "Foi Assim" de Natalia Ginzburg.

Edson Roberto Bogas Garcia / Claudia Zavaglia (UNESP)

Este trabalho tem como objetivo ponderar acerca da importância da seleção lexical na tradução de obras literárias, bem como das inúmeras possibilidades de estruturação que um texto a ser traduzido pode ter, apontando como base essas escolhas. Toma-se como corpus para a análise, o romance "È stato così", da escritora italiana Natalia Ginzburg, traduzido para o português com o título "Foi assim". A autora vem merecendo destaque no Brasil, pois muitos excertos de textos de suas obras são incluídos em livros destinados ao estudo da língua italiana. A obra em questão, no caso, é marcada pela maneira de representar a sociedade por meio de um realismo cujas raízes se firmam na angústia existencial do nosso tempo. Serve, portanto, para os pontos a que se propõe esta pesquisa. A fundamentação teórica baseia-se, por conseguinte, nos estudos do léxico de Matoré (1953), Vilela (1994) e Carvalho (2001), entre outros, apoiados pelas pesquisas sobre cultura e linguagem de Duranti (2000). Com isso, pretende-se, por meio dessas análises, constatar que o resultado de uma tradução eficiente, além de considerar a empatia tradutor-obra, deve, indubitavelmente, levar em consideração os conhecimentos léxico-culturais desse profissional.

SC-IX – História das Ideias Linguísticas: saberes e discursividades sobre a língua portuguesa

Coordenação: Profa. Beatriz Fernandes Caldas
(Universidade Gama Filho)

Língua portuguesa e tradução

Beatriz Fernandes Caldas (UGF)

O objeto deste trabalho é o discurso em torno dos recortes “língua portuguesa” / “português” / “língua brasileira” / “língua nacional” / “língua materna” e suas relações de sentido nas práticas de tradução no Brasil. Fundamenta-se no arcabouço teórico da Análise do Discurso pecheusiana. Segundo tal teoria, o que está em jogo são os efeitos de sentidos que mudam conforme as posições dos sujeitos nos discursos. Retomamos teoricamente os conceitos de discurso, recorte, língua, historicidade, formação discursiva e sujeito. Em seguida, analisamos os corpora empíricos, constituídos por: a) prefácios de obras sobre tradução; b) textos constituídos por conversa virtual em site de por tradutores. A conversa virtual que compõe nosso corpus eletrônico aconteceu em agosto de 2004, em comunidade constituída por cerca de 1000 tradutores de várias regiões do Brasil e do exterior. Primeiramente analisamos a historicidade de prefácios, considerando-os como textos complementares, que administram e limitam os sentidos do texto central. Posteriormente trabalhamos com os próprios prefácios, usando o dispositivo analítico, construído por recortes. Analisamos também o corpus eletrônico, e através das sequências discursivas resultantes de nossos recortes, construímos o nosso corpus discursivo. Como se produzem os sentidos nesse corpus? Nossas conclusões apontam para a historicidade da língua portuguesa no Brasil, compreendida segundo os conceitos de língua fluida e imaginária, de Orlandi. A ideologia de fidelidade aos textos originais remete a disputas de espaços de enunciação e controle na relação dos tradutores com a sua língua de trabalho.

Sentidos em disputa: O nome “lusofonia” e os nomes das línguas nos países da CPLP

Luiza Katia Castello Branco (IEL-UNICAMP)

Nesse trabalho, discutimos os sentidos de “lusofonia”, pela via da História das Ideias Linguísticas sob uma perspectiva discursiva. Ao refletir sobre esse significante, buscamos compreender efeitos de sentidos produzidos por discursos que dizem sobre língua portuguesa como a língua una e única, língua homogênea, indivisa, falada em um

determinado “espaço lusófono”, discursos que atualizam uma memória já organizada pelo esquecimento, pelo já-dito, pelo já-significado, que, ao mesmo tempo em que recorta um passado, aponta para uma latência de futuro, impedindo que outros nomes, outras línguas se legitimem. O acontecimento discursivo do nome “lusofonia” – nomeação dada a um projeto de criação de um espaço de falantes de mesma língua portuguesa, não importando sua localização geográfica nem suas línguas maternas, incluindo, além de Portugal, Brasil e os países recém-independentes da colonização portuguesa na África (pós-1970) – faz reverberar o efeito de sentido de homogeneidade pelo jogo entre memória (constituição) e atualidade (formulação). Dizer “lusofonia” é colocar na indistinção diferentes memórias, historicidades e discursividades de países diversos, inscrevendo-os no imaginário da ordem da colonização portuguesa. Trazemos para essa apresentação, uma breve análise do artigo da Revista Organon de 1994, intitulado A perspectiva da Lusofonia, de Maria Luiza de Carvalho Armando, em que o funcionamento do nome “lusofonia”, por um lado, parece apontar para um efeito de sinonímia de “a língua portuguesa”, e, por outro, pela repetição, parece produzir o efeito de saturação de sentidos impedindo o deslizar de outros significantes.

Mattoso Câmara, crítico de livros: Circulação de ideias linguísticas na revista “A Cigarra”

Tatiana Freire de Moura (IEL-UNICAMP/CNPq)

Neste trabalho, analisamos os textos produzidos por Joaquim Mattoso Câmara Júnior para a seção “Livros” da revista A Cigarra Magazine, no período de 1957 a 1960. Trata-se de doze resenhas, chamadas pelo autor de “notas ou notícias críticas”, em que ele comentou/divulgou treze obras recém-lançadas (editadas ou reeditadas no período de 1956 a 1959), relacionadas a estudos de linguagem e da língua portuguesa (gramaticais e filológicos, geralmente). Tomamos essas resenhas como ponto de partida de investigação e compreensão de determinadas ideias linguísticas em circulação no fim dos anos 50. Como quadro teórico-metodológico que possibilita esse tipo de trabalho – o da compreensão da produção de sentidos – adotamos o da Análise de Discurso (PÊCHEUX, 1975; ORLANDI, 1999). Sob a perspectiva discursiva, desenvolvemos este estudo no campo da História das Ideias Linguísticas, que trabalha com a história de constituição das línguas e dos saberes que se articulam sobre elas, com os sentidos que são produzidos sobre as línguas (AUROUX, 1989, 1992; ORLANDI, 2002; MARIANI; MEDEIROS, 2010). Buscamos nas resenhas marcas linguísticas que caracterizam a relação do sujeito com o histórico-social e que indicam o que há de materialmente histórico determinando a produção de sentidos. Com este trabalho, observamos que Mattoso Câmara, da posição-autor de resenhas, formula dizeres que incidem sobre

relações entre diferentes posições: a do gramático, a do professor de português, a do filólogo, a do linguista. A partir das diferentes posições-sujeito, Mattoso (re)significa a Filologia, a Gramática, o Ensino Secundário e constitui o saber científico e descritivo da(s) língua(s), a Linguística.

A (super)competência discursiva de um (do) enunciador lusófono: uma análise sobre política linguística para a difusão do português

Diego Barbosa da Silva (UERJ / Arquivo Nacional)

Desde o início do governo Lula (2003), o Brasil tem-se empenhado em ampliar rapidamente a presença da língua portuguesa no mundo. Por causa disso, uma série de políticas linguísticas foram implantadas, tais como a criação da Comissão da Língua Portuguesa – COLIP (2004-2007), a proposta de fundação do Instituto Machado de Assis (2004), ambas no Ministério da Educação e a inauguração da TV Brasil Internacional (2010), no âmbito do governo brasileiro ou a inauguração do Instituto Internacional de Língua Portuguesa em Cabo Verde (1999-2005) e a entrada em vigor do acordo ortográfico de 1990 (2009), no âmbito da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). O presente trabalho tem como objetivo analisar (MAINGUENEAU, 1989 e 2007) as declarações e resoluções da Conferência de Chefes de Estado e de Governo e do Conselho de Ministros da CPLP sobre a difusão e promoção da língua portuguesa. Nossa análise caminha para a constatação da existência de um (super)enunciador onisciente e onipotente, inspirado nas ideias de Nietzsche (1998), que domina uma (super)memória interdiscursiva articulando desde o colonialismo e a mitologia colonial à lusofonia (SILVA, 2009; MARGARIDO, 2000) e ao luso-tropicalismo de Gilberto Freyre (1940; 1961 e 2006). Esse enunciador remete a uma (super)competência discursiva marcada pelo uso do presente não dêitico, pelo enunciado não embreado e pela falta de referências ao próprio enunciado. Ele representa/busca uma monofonia – apesar dos conflitos herdados do colonialismo/imperialismo – a partir de uma heterogeneidade fundante própria da Lusofonia, graças à diversidade de povos lusofalantes. O enunciador utiliza, ainda, paradigmas como o multilinguismo/multiculturalismo (RIGAUD, 1979/1980) para questionar um mundo cada vez mais homogêneo, dominado pela língua inglesa e pelos Estados Unidos, quanto hegemom do sistema internacional.

Discursos sobre a língua na Gramatiquinha de Mário de Andrade

Lívia Letícia Belmiro Buscácio (UFF)

Quando um escritor diz sobre e denomina a língua em que escreve, também faz circular discursividades sobre a língua, sobretudo porque fala de seu lugar de escritor. Em Mário de Andrade, a preocupação em dizer sobre a língua no Brasil encontra-se assinalada em seus romances, correspondências, ensaios, cadernetas: materialidades onde se imprimem posições discursivas sobre a língua e sobre a denominação da língua, reverberando no imaginário e produzindo discursividades. Mário de Andrade, um arquivo de dizeres sobre a língua no Brasil. Para este artigo, será analisada A Gramatiquinha da fala brasileira de Mário de Andrade quanto aos dizeres e denominações sobre a língua no Brasil, à luz da História das Ideias Linguísticas (AUROUX) e da Análise do Discurso (PÊCHEUX). Como arquivo a ser trabalhado, A Gramatiquinha de Mário de Andrade, organizada por Edith Pimentel. Como afirma Auroux, existem três iniciativas de um pesquisador em contar a História das Ideias Linguísticas: a construção de uma base documental; a continuidade de um conhecimento, como no caso da filologia sobre as gramáticas clássicas, o papel fundador de forma a legitimar o próprio discurso acadêmico. Orlandi propõe uma quarta via, no encontro da História das Ideias com a Análise do Discurso: a reflexão sobre os processos discursivos na historicidade dos discursos do conhecimento. Assim, a pesquisa de Edith Pimentel sobre Mário de Andrade liga-se à base documental; sem a qual a minha, filiada à quarta via proposta por Orlandi, encontraria dificuldades ainda maiores para reunir este arquivo.

SC-X – Múltiplos olhares sobre a linguagem

Coordenadora: Profa. Zinda Vasconcellos

O novo jornalismo e as mudanças no trabalho do jornalista: uma abordagem discursiva

Marília Giselda Rodrigues (Grupo Atelier/LAEL PUC-SP/CNPq)

O jornalismo impresso moderno do século XX, que já fora o “novo jornalismo”, passa a ser a “velha mídia”, e precisa se reinventar para acompanhar as grandes transformações decorrentes do desenvolvimento de novas tecnologias; tais transformações permeiam os discursos e as atividades dos jornalistas, e sua observação motivou a elaboração de um projeto de pesquisa de doutorado. Uma análise preliminar de um conjunto de textos

que versam sobre o fim do jornalismo, tomados como um sinal (GINZBURG, 1986/1991) de mudanças, permitiu a construção de um espaço discursivo em que os discursos do jornalismo tradicional e o do “novíssimo” jornalismo disputam a legitimidade de um papel na sociedade. Coube então a formulação da seguinte pergunta de pesquisa: como se constitui esse novo discurso jornalístico, e quais suas matrizes semânticas? Qual a implicação desse novo modo de fazer jornalismo na atividade de trabalho dos atores sociais aí envolvidos? Os pressupostos teóricos são os da Análise do Discurso francesa, sobretudo os de Dominique Maingueneau (1984/2007) e os da Ergologia, um modo de encaminhamento inovador para abordar o trabalho, entendido como atividade humana que nutre e cruza todas as esferas da vida (SCHWARTZ, 2000, 2007). Uma breve análise de parte do corpus da pesquisa, em que comparo exemplares do jornal Folha de S. Paulo antes e depois de reforma editorial apresentada em maio último, permite concluir que o ideal de objetividade e neutralidade, tão caro aos jornalistas, está sendo substituído, lentamente, por uma tomada de posição e uma intimidade maior com os leitores.

Aspectos morfossintáticos das construções correlatas aditivas: Uma perspectiva funcional

Ivo da Costa do Rosário (UFF/UFRJ)

Segundo Hopper & Traugott (1997), “todas as línguas têm dispositivos para interligar as cláusulas no que chamamos de períodos complexos”. Esses mecanismos de ligação intersentencial diferem radicalmente de uma língua para outra, desde construções justapostas razoavelmente independentes até construções retóricas dependentes e complexas. Os autores propõem a existência de três pontos de aglomeração: a parataxe, a hipotaxe e a subordinação. Esses três processos, segundo os autores, expressam um crescendo de integração, e, certamente, envolvem entre um ponto e outro variadas formas de integração clausal constatadas nas diversas línguas do mundo. Quanto à correlação, verificamos asserções esparsas na literatura linguística funcionalista, o que de per si já justificaria um estudo mais aprofundado sobre o assunto. Nossa proposta, portanto, visa a investigar esses tipos de orações, marcados pela presença de conectores conjuntivos descontínuos, com vistas a encetarmos um diálogo mais profícuo entre a correlação e os estudos de gramaticalização. Urge uma melhor classificação dessas cláusulas e um maior aprofundamento com vistas à investigação de suas motivações discursivas. Para esse trabalho, selecionamos as correlatas aditivas. Nosso objetivo será, portanto, apresentar suas principais características morfossintáticas e os contextos discursivos em que se inserem.

“Enfermagem é perfumaria”: A (re)construção da identidade social de gênero em um curso técnico de enfermagem

Aline Provedel Dib (CEFET/RJ – UFF)

Este trabalho tem por objetivo apresentar os resultados preliminares de uma pesquisa de doutorado que pretende investigar, dentre outros fatores, como a identidade social de gênero é construída pela professora-pesquisadora e por seus alunos do 2º ano de uma turma de técnicos de Enfermagem durante as aulas de leitura em inglês ministradas e como essa(s) construção(ões) da identidade social de gênero ajuda(m) a construir a identidade do curso de Enfermagem. Entendo que, se a educação envolve “a apropriação de discursos, como também os conhecimentos e poderes que eles encerram” (FOUCAULT, 1984, p.123), os discursos construídos na sala de aula sobre os tipos de pessoas que somos devem ser examinados devido a sua relevância na definição de quem somos. Para esta investigação, adotei como base a pesquisa interpretativista de cunho microetnográfico, além dos conceitos de discurso e identidade como práticas sociais, de performatividade de gênero, de comunidades de práticas e os construtos da Sociolinguística Interacional. A mola propulsora desta pesquisa foi a implantação do curso técnico de Enfermagem em uma instituição federal que é referência no ensino tecnicista tecnológico. Diante desse contexto, houve uma desestabilização identitária da escola e as pessoas, como um todo, têm tido dificuldades em pisar nesse solo movente. Assim, é exatamente nesse interstício identitário que esta pesquisa pretende atuar. Pretendo utilizar esse período de instabilidade e discussão para investigar a construção da identidade do curso de Enfermagem dentro da instituição, bem como, segundo mencionado anteriormente, de que maneira as construções de gênero também ajudam a construir a identidade do curso de Enfermagem.

Territorialidade e a construção da identidade de professoras de inglês na escola fundamental regular

Gladys de Sousa (UFMG)

Muitos alunos do curso de Inglês da FALE/UFMG começaram a atuar no mercado de trabalho de inglês para crianças, criando a necessidade de se investigar como as professoras estavam se inserindo e atuando na primeira etapa do ensino fundamental, na Região Metropolitana de BH/MG. O objetivo foi pesquisar a construção de processos identitários dentro do contexto da territorialidade. Buscou-se embasamento nas teorias da linguística aplicada, da geografia social e histórica e da filosofia. É uma pesquisa de opinião de cunho quantitativo e qualitativo. Participaram professoras e coordenadoras pedagógicas. Os dados advêm de questionário com questões fechadas e abertas versando sobre diversos aspectos envolvidos no espaço do ensino e da escola. As categorias de análise surgiram a partir das respostas obtidas. Foram discutidas e confrontadas as percepções, contradições e ambiguidades inerentes ao espaço escolar,

às relações profissionais e à prática pedagógica das professoras. Os resultados apontam que existe uma relação de cordialidade velada entre os dois grupos de participantes devido às relações de poder e territorialidade, mas há desejo de maior engajamento e cooperação. Conclui-se que é necessário discutir esse tema durante a formação inicial do aluno de Letras e junto às escolas, criando-se, assim, condições para que o futuro profissional conheça e compreenda o território e/ou contexto do ensino de LI em uma escola regular do ensino fundamental, e que, por sua vez, a coordenação se engaje no sentido de incluir, na rotina da territorialidade escolar e das relações de trabalho, o professor de língua estrangeira.

SC-XI – Análise de Discurso: a questão do sujeito em diferentes materialidades

Coordenação: Profa. Vanise Medeiros (UFF)

“Ônibus 174”: silêncio e subjetivação no cinema brasileiro

Eduardo Alves Rodrigues (IEL-UNICAMP/CAPES)

Nesse trabalho, discuto a categoria do silêncio no quadro da Análise de Discurso Materialista, analisando como o silêncio – em sua política própria e em sua materialidade específica – produz efeitos de sentido que recortam historicamente a realidade social, significando-a na disputa com outros sentidos. Isso ocorre à medida que o sujeito se subjetiva imbricado aos processos de constituição dos sentidos. Nessa perspectiva, não há significação sem silêncio: o silêncio possui espessura semântica, configurando-se como espaço diferencial relativo à linguagem – espaço fundador do trabalho histórico da linguagem respondendo à necessidade histórica do sentido. Analiso os filmes “Ônibus 174” e “Última Parada 174”, dando visibilidade ao funcionamento do processo discursivo que significa/subjetiva aí o percurso do sujeito Sandro do Nascimento. Trabalho a tensão entre discursividades que se textualizam na materialidade híbrida dos filmes. Metodologicamente, a análise recorta sequências fílmicas em que observo indiretamente o trabalho de significação do silêncio, cuja ordem é do efêmero, do não-observável: analiso o movimento de significação da linguagem para identificar pistas que tornem

flagrante o movimento efêmero do silêncio atravessando-a. Assim, procuro explicitar, no processo do significante que constitui a significação do percurso do sujeito Sandro, elementos que se configuram como pontos de identificação em que esse sujeito se ancora, “reconhecendo-se” sentido-sujeito; mostro como a tensão entre discursividades faz trabalhar a contradição histórica, a incompletude da linguagem, a interpelação ideológica, a política do silêncio, significando nos filmes um percurso singular de um sujeito em face ao social brasileiro – espaço de interpretação plural, de divergência de sentidos, de polissemia.

As suspensões do dizer em A Hora da Estrela

Fátima Almeida da Silva (UERJ)

Com este nosso trabalho, ousamos trilhar um caminho que nos parece duplamente pouco explorado: por um lado, debruçamo-nos sobre as suspensões do dizer que se materializam em cortes no fio discursivo da literatura clariceana; mais especificamente nas interrupções que comparecem por meio de travessões e parênteses em A Hora da Estrela. Por outro lado, trazemos, para nosso objetivo, uma abordagem discursiva, isto é, temos como suporte teórico-metodológico a Análise de Discurso cujos autores basilares são Pêcheux e Orlandi. A pontuação, vista discursivamente, abre fendas do não-dizer no dizer, trabalhando sua (in)completude. Os travessões e os parênteses, em Clarice, rompem repetida e sucessivamente a linearidade da língua expondo seus vazios, seus meandros, seus impasses. No caso de A Hora da Estrela, é o narrador Rodrigo que assim vai tecendo sua trama, vai nos expondo e (des)compondo sua Macabéa. Pontos de fuga, espaço em que se produz um exterior, glosas sobre o dizer, estes cortes discursivos jogam com a dispersão, a impossibilidade de tudo dizer e com o real da língua. São vários seus efeitos. Para nosso trabalho, trazemos, também, as reflexões teóricas de Authier-Revuz acerca das não-coincidências do dizer. Almejamos analisar o funcionamento discursivo do travessão. Este sinal discursivo apresenta, pelo menos, dois funcionamentos: funciona como glosa meta-enunciativa que retorna sobre o já dito, delimitando os sentidos de alguma palavra ou oração anterior. Neste caso, não temos uma dispersão de posições-sujeito. O travessão funciona, ainda, como suspensão da narrativa de Macabéa. Aqui, nas incisivas, defrontamo-nos com um jogo de posições-sujeito distintas.

Tradução e subjetividade: pensando o sujeito-tradutor

Giovana Cordeiro Campos de Mello (PUC-Rio/UFRJ)

Este trabalho tem por objetivo aprofundar a relação entre língua e ideologia no campo dos Estudos da Tradução sem desconsiderar uma discussão sobre a subjetividade do tradutor. Desse modo, pretendemos investigar os movimentos do sujeito-tradutor na/pela língua tomada como materialidade da ideologia e do inconsciente e refletir a respeito da forma como o sujeito-tradutor responde ao seu processo de assujeitamento ideológico, aqui tomado como um ritual que admite o equívoco. A pesquisa se realiza na confluência dos Estudos da Tradução, mais precisamente os trabalhos de Lawrence Venuti (1986, 1995, 1998), Maria Paula Frota (2000, 2007) e Giovana Campos (2004, 2007), com a Análise do Discurso francesa tal como foi proposta por Michel Pêcheux (1975) e desenvolvida no Brasil por Eni Orlandi (1992, 1996, 2005), Bethania Mariani (1998, 2003, 2004), Freda Indursky (2000, 2007), Beatriz Caldas (2009) e Solange Mittman (2003), entre outros. A partir dos conceitos de identificação, contra-identificação e desidentificação, pensados no âmbito da Análise do Discurso (AD) em relação aos processos de repetição de discursos sedimentados e aos de instauração e fortalecimento de discursos dissidentes, propomos a reformulação dos conceitos de resistência e de assimilação no campo dos Estudos da Tradução. O material empírico que compõe o corpus para análise é formado por traduções e textos escritos por Monteiro Lobato, tais como cartas, prefácios, posfácios, entrevistas, conferências e artigos retirados das Obras Completas de Monteiro Lobato (1948), onde podemos encontrar expressas muitas de suas opiniões sobre assuntos diversos, como a discussão sobre literatura, língua e tradução no Brasil do início até a metade do século XX. Por meio da análise das seqüências discursivas (SDs), procuramos compreender o funcionamento discursivo e, com ele, a constituição da posição-sujeito tradutor, observando a construção de discursos consoantes e dissidentes que constituem a forma lobatiana de pensar/fazer a tradução.

A posse das terras brasileiras no jornalismo on line: sujeito, processos de subjetivação

Maria do Socorro Pereira Leal (UFRR/UFF/CAPES Prodoutoral)

As reflexões apresentadas neste trabalho fazem parte de uma pesquisa de doutorado cuja temática é a posse das terras brasileiras nos discursos político e midiático sobre demarcação de terra indígena. Mais especificamente, tomamos pronunciamentos de deputados federais e senadores de Roraima e manchetes das versões eletrônicas dos jornais Folha de Boa Vista (RR), Folha de São Paulo (SP) e O Globo (RJ). Para esta comunicação, nos restringiremos à análise de algumas manchetes publicadas após a homologação da terra Raposa Serra do Sol (em Roraima) como posse permanente dos índios Ingarikó, Makuxi, Patamona, Taurepang e Wapixana. Para esta pesquisa,

interessa a forma pela qual a posse da terra, ainda disputada entre índios e brasileiros, foi sendo noticiada pela mídia eletrônica. E, para esta comunicação, nosso objetivo é, na narrativa (MARIANI, 1998) da disputa pela terra, discutir questões relativas ao sujeito do/no discurso jornalístico virtual sobre essa temática. Para isso, temos como aporte teórico a *Análise do Discurso*, nos termos em que a propõe Michel Pêcheux, na França, e Eni Orlandi, aqui no Brasil. Por essa perspectiva, concebe-se a língua em sua relação inseparável com a sociedade, com a história, com a ideologia. Conforme esses pressupostos, o que depreendemos no texto são posições que o sujeito ocupa ao dizer, segundo representações imaginárias dos lugares sociais em conjuntura histórico-político-ideológica dada. Como o sujeito desse dizer se constitui e abriga-se no universo virtual? Que sentidos são ostentados como óbvios para o sujeito ao dizer sobre a disputa pela posse das terras brasileiras?

Discurso sobre a comida no Brasil: discutindo a noção de cultura do lugar da AD

Phellipe Marcel da Silva Esteves (UFF/Capes-Reuni)

Muito se ouve falar sobre o caráter sensorial, impressionista e pessoal do paladar e de sua expressão. Muito também se diz sobre como o “feijão com arroz” acaba sendo o prato marcante da gastronomia nacional. Perguntamo-nos, então, até que ponto a o discurso sobre comida e a expressão evidente, ideológica, de seus sabores constroem determinados imaginários sobre o Brasil, principalmente quando se fala em identidade brasileira — aquela que se procurou ilusoriamente estabilizar e fixar ao longo de séculos de história. Assim, tratar do discurso sobre comida é extremamente relevante, vista a suma importância que assume a questão da alimentação em diversas discursividades. Especificamente neste trabalho, meu objetivo é discutir a noção de cultura e pensá-la à luz da AD, visto que os imaginários sobre o Brasil/sobre os brasileiros passam por seu processo de constituição e são discursivizados no que se diz sobre a cultura e sobre aquilo que se considera ser a “identidade” brasileira. Iniciaremos esta análise por um capítulo do livro *O que faz o Brasil, Brasil?*, de Da Matta (1999), procurando investigar o que diz o discurso antropológico — heterogêneo, não unitário — sobre a cultura brasileira, e depois partindo para outros materiais, como o discurso da geografia cultural e o da própria linguística.

SC-XII – Psicolinguística: aquisição e processamento

Coordenação: Érica dos Santos Rodrigues (PUC-Rio)

Propriedades linguístico-textuais de livros acadêmicos introdutórios: Subsídios para identificação de habilidades de leitura requeridas para alunos universitários

Érica dos Santos Rodrigues e Juliana da Silva Neto (PUC-Rio)

Este trabalho tem por objetivo investigar a organização estrutural e os recursos linguísticos de manuais de ensino universitários, com vistas a prover subsídios para o estabelecimento de uma matriz de habilidades linguísticas e discursivas necessárias à leitura desse tipo de texto. A pesquisa é guiada por uma abordagem psicolinguística da compreensão leitora [1,2] e incorpora resultados de estudos na área de gêneros textuais [3, 4]. Foram analisados capítulos de livros introdutórios de Linguística, Administração de Empresas, Direito e Economia. Verificou-se que os capítulos de Linguística e de Direito apresentam estrutura similar em termos de processos retóricos e de organização gráfica. Já os de Administração e Economia caracterizam-se pela presença de textos secundários, que sintetizam ou complementam informações do texto central, marcado por sequências tipológicas expositivas. Para análise dos recursos linguísticos, empregou-se a ferramenta computacional Coh-Matrix-Port [5], que analisa textos a partir de métricas lexicais, sintáticas e discursivas. Destacamos, para fins deste resumo, o resultado do índice Flesch, que procura estabelecer uma correlação entre tamanhos médios de palavras e sentenças e facilidade de leitura. Segundo esse parâmetro, os capítulos de Administração e de Linguística seriam enquadrados como textos muito difíceis (índice entre 0 - 25) e os capítulos de Direito e Economia, como textos difíceis (índice entre 25 - 50), adequados para alunos do ensino médio ou universitário. Questões associadas à complexidade sintática e custo de processamento também foram consideradas na pesquisa e serão discutidas com vistas à identificação de habilidades de leitura requeridas para alunos universitários em cursos introdutórios.

O emprego de estratégias de conhecimento lexical no processo de leitura: Um estudo com alunos-universitários

Claudia Finger-Kratochvil (Universidade Federal da Fronteira Sul, UFFS,
Chapecó, SC)

Longe de ser um assunto simples, o léxico é questão multifacetada e envolve a complexidade do conhecimento de uma palavra, a(s) forma(s) pela(s) qual(is) se constrói

o conhecimento sobre as palavras, sem esquecer dos aspectos metacognitivos. A diversidade do olhar pressupõe um “conceito rico” de léxico que envolve aspectos linguísticos, psicolinguísticos, sociolinguísticos, pragmáticos. O trabalho aqui apresentado discute as estratégias contextual e morfológica para o processo de construção da competência lexical e a compreensão em leitura. Após resultados num teste de leitura e segundo a sua competência leitora (alta ou baixa), onze alunos-calouros integraram a etapa experimental. Essa buscou verificar o uso de estratégias de construção do conhecimento lexical – contextual e morfológica – durante a leitura de textos, ambos com palavras e pseudopalavras, utilizando-se o software Translog e os TAPs (Think-Aloud Protocols) em dois momentos, antes e depois de um período de ensino e aprendizagem (PEA) a respeito das estratégias. Os índices revelam o despontar da consciência da palavra. Por exemplo, em Plantas, na condição palavra, a estratégia morfológica recebeu atenção dos participantes ($M= 2,5000$; $DP= 4,36151$). Tais resultados apontam para uma diferença significativa entre as condições estudadas ($+2 = 15,107$, $p = 0,10$). Os TAPs, por sua vez, parecem confirmar mudanças na abordagem dos problemas de vocabulário pelos participantes, ao longo da leitura. Mudou o tipo de reflexão a respeito das palavras. Percebem-se ganhos no que Nagy e Scott (2004) e Stahl e Nagy (2006) têm chamado de “consciência da palavra”. Entretanto, os resultados confirmam que as habilidades envolvidas no uso dessas estratégias, visando à leitura, precisam ser desenvolvidas considerando-se um trabalho de longo prazo.

O Rastreamento ocular na pesquisa Psicolinguística e a integração de informações contextuais no processamento de orações relativas restritivas

Renê Forster (PUC-Rio/Faperj)

O objetivo deste trabalho é o de apresentar as contribuições que a metodologia de rastreamento ocular (*eye-tracking*) oferece à pesquisa psicolinguística. Com este fim, são apresentados alguns trabalhos que ilustram a interação entre os movimentos oculares e o estado cognitivo com destaque ao trabalho de Forster et al. (2010), no qual se utilizou a metodologia de rastreamento ocular para investigar a integração de informações contextuais no processamento de orações relativas restritivas. Na primeira parte do trabalho, são apresentadas considerações gerais a respeito do processamento da informação visual com o intuito de demonstrar que a percepção visual não é apenas um resultado da configuração dos objetos em nosso campo de visão, mas sim produto de um processamento cognitivo que interpreta as imagens que nos são apresentadas (eg. Hill & Johnston, 2007). Na segunda parte do trabalho, são apresentados os aspectos técnicos do rastreamento ocular, demonstrando como são obtidos dados de movimentação ocular em pesquisas cognitivas. A terceira parte do trabalho apresenta

resultados de pesquisas que ilustram a interação entre os movimentos oculares e os processos atencionais (cf. Irwin, 2004). Na quarta parte do trabalho, são apresentadas pesquisas que investigaram a compreensão lingüística a partir do rastreamento ocular (eg. Altmann e Kamide, 1999), com destaque aos resultados de Forster et al. (2010), que investigou como informações contextuais de natureza visual são integradas no processamento de orações restritivas relativas de objeto no Português Brasileiro. Em acordo com as previsões, os resultados sugeriram que os participantes identificaram o referente da relativa assim que havia informação distintiva disponível.

Análise de aspectos da concordância verbal por crianças falantes do português brasileiro: Produções escritas induzidas

Queila de Castro Martins e Raquel Oliveira do Nascimento (UERJ)

O presente trabalho apresentou-se como teste piloto sobre o processamento da concordância verbal, tema a ser aprofundado no curso de mestrado. Em Levelt (1989), há a proposta de um modelo de processador lingüístico mental de geração de sentenças. Durante o processamento, haveria a formulação da concordância, caso houvesse alguma interferência, poderia ocorrer erros de concordância, esses erros são concebidos como pistas para a compreensão do próprio processamento da linguagem. Negro et al (2005) investigaram o processamento da codificação gramatical serial/hierárquico em escritores iniciantes e em jovens e adultos. Rodrigues (2006) verificou os fatores: propriedade interveniente entre sujeito/verbo (sintagma preposicional ou oração relativa) e distância linear, visando mostrar se e como tais fatores fariam prevenir erros de concordância. A partir desses trabalhos e embasadas no modelo de processamento de Levelt (1989) analisamos a formulação de concordância verbal por falantes nativos da Língua Portuguesa. Realizamos o teste com 16 crianças de 11 anos de idade aproximadamente, de uma escola pública do Rio de Janeiro. Os alunos ouviam preâmbulos de sentenças, anteriormente, gravados em CD e, em seguida, era-lhes mostrada uma ficha com um verbo no infinitivo. Os participantes deveriam transcrever o preâmbulo ouvido e completá-lo com o verbo apresentado. Os resultados obtidos revelaram que erros de concordância ocorrem nos dois fatores: com elementos intervenientes e distância linear. Visto que o trabalho apresentou-se como ponto de partida às pesquisas de processamento da concordância, os próximos passos serão aprofundar os estudos realizados em função de maior especificidade e conhecimento acerca do tema abordado.

O escopo da negação em sentenças com predicados factivos: Dados da aquisição

Sammy Cardozo Dias (UERJ)

A factividade verbal corresponde à designação de um conjunto de verbos que admitem uma sentença como seu complemento e cujo uso pressupõe a veracidade da proposição expressa por essa sentença (Kiparsky e Kiparsky, 1971). Adicionalmente, em sentenças factivas, o escopo da negação na matriz não atinge a pressuposição de verdade da sentença complemento (Letícia soube que seu irmão viajou/ Letícia não soube que seu irmão viajou). As características dos predicados factivos não são prontamente reconhecidas pelas crianças, conforme apontam estudos, com dados do inglês, como os de Hopmann e Maratsos (1977), Abbeduto e Rosenberg (1985), Schulz (2003). No português, não há dados específicos acerca da aquisição dessa classe de verbos. Nesta investigação inicial, observamos a compreensão de crianças de 3;6 a 6;0 anos de idade, no processo de aquisição do português brasileiro, no tocante ao escopo da negação em sentenças factivas e não-factivas, a partir de uma metodologia experimental, a técnica de escolha forçada (forced-choice designer). Foram testadas sentenças com verbos e predicados em suas versões afirmativa e negativa, sendo um grupo fativo (com o verbo saber e com o predicado ser surpresa) e outro não factivo (com o verbo achar e com o predicado ser possível). Os resultados, submetidos ao pacote estatístico ezANOVA, demonstram que as crianças mais novas ainda não diferenciam verbos factivos e não-factivos em relação ao escopo da negação ($p < .03$) ou sentenças afirmativas de negativas com predicados não-factivos ($p < .03$), sugerindo uma tendência de processar apenas o complemento sentencial, ignorando-se, assim, a negação na matriz.

SC-XIII – A poesia musical brasileira: aspectos léxico-discursivos

Coordenação: André Valente (UERJ)

O português do Brasil na poesia musical de Noel Rosa e Nei Lopes:
Inovação e Atualidade

André Valente (UERJ)

Este estudo propõe discutir aspectos linguístico-discursivos dos neologismos por empréstimos – anglicismos, francesismos e latinismos - em algumas letras dos repertórios dos compositores cariocas Noel Rosa e Nei Lopes. Características marcantes

de suas canções são suas inovações linguísticas e estilísticas, assim como sua atualidade temática. O corpus é constituído de obras-primas como Não tem tradução (Noel Rosa) e Habeas corpus (Noel Rosa/Orestes Barbosa), A neta de Madame Roquefort (Rogério Rossini/Nei Lopes) e Águia de Haia (Luís F. de Lima/Nei Lopes), São letras musicais que devem continuar a ser objeto de estudo de professores e alunos, seja na escola seja na academia. A abordagem das criações neológicas do corpus buscará, na descrição e na análise, ressaltar aspectos léxico-discursivos e destacar a importância delas na evolução linguística do Português Brasileiro. Na fundamentação teórica, dar-se-á prioridade a obras de autores franceses, portugueses e brasileiros (ver bibliografia), reconhecidas por sua contribuição aos estudos da área lexicológica.

Letras de samba: Metalinguagem, metadiscurso e conceitos afins

André Nemi Conforte (UERJ)

Há, no universo do samba, uma série de composições que se caracterizam por manifestar um discurso autorreferente. Poderíamos chamá-los sambas metalinguísticos. Um olhar mais acurado mostra, contudo, que existem sambas metalinguísticos de natureza diversa. Nosso trabalho, resultante de nossa dissertação de Mestrado realizada na UERJ (Conforte, 2007), estuda a função metalinguística (Jakobson, 1993) em letras de samba. Baseamo-nos em estudos anteriores realizados, além das fontes já citadas, por Valente (1999), Chalhub (2002), Alves (2005) e Jubran (2000), entre outros. Estudamos os sambas em sua relação com a função metalinguística sob três formas distintas, a saber: 1) metassambas, em que a canção alude a elementos do universo semiótico e do campo semântico do gênero, contando sua história e as histórias do cotidiano dos sambistas; 2) sambas metapoéticos, semelhantes aos metapoemas: neste tipo de samba se canta a inspiração, o processo de composição, invocam-se (como nas epopeias) deuses e musas da inspiração; 3) sambas metalinguísticos propriamente ditos, em que o tema da canção é a própria língua portuguesa, em sua relação com as variantes populares e com a invasão de termos estrangeiros – é neste último caso que o samba se associará mais claramente a um discurso específico, seja da resistência popular, como no caso de diversos sambas de Candeia, seja do nacionalismo, como demonstram sambas de Noel Rosa, João Nogueira e Nei Lopes. Também abordaremos a relação da metalinguagem com fenômenos afins, como o metadiscurso e o interdiscurso.

O léxico da letra de samba: Um estudo baseado em corpus

Flávio de Aguiar Barbosa (UERJ)

Este é um estudo das características lexicais das composições de sambistas pioneiros do Rio de Janeiro, a partir de uma perspectiva discursiva alicerçada na constituição de um corpus representativo da sua produção lítero-musical. Tal corpus contém composições de três artistas nascidos na primeira década do século XX: Paulo da Portela, de Oswaldo Cruz, Ismael Silva, do Estácio e Cartola, da Mangueira. Meu objetivo no estudo foi contribuir para o estudo dessa variedade lexical, pela constituição de uma base documental sólida para a descrição do vocabulário do samba carioca no período delimitado; essa base é fundamental para o estabelecimento de verbetes, a delimitação de unidades lexicais plurivocabulares, a elaboração de definições acuradas e não preconceituosas, a observação de peculiaridades, como o vocabulário de especialidade do samba etc. A pesquisa foi realizada com base nos princípios da Linguística de Corpus (Berber Sardinha e Mike Scott), da Lexicografia (Biderman e Borba), da Análise do Discurso (Charaudeau) e dos Estudos Culturais sobre o samba e o Rio de Janeiro (Roberto M. Moura, Carlos Sandroni). Instituições de referência, como o Museu da Imagem e do Som, a Biblioteca Nacional e o Instituto Moreira Salles foram visitadas na recolha das letras, que foram processadas a partir do software Wordsmith Tools. Depreenderam-se sete áreas temáticas principais das composições: relações amorosas; metalinguagem; cotidiano; reflexões existenciais; Brasil; natureza; religiosidade. Cada uma dessas áreas foi estudada em suas características discursivas, com depreensão dos campos semânticos mais recorrentes. O corpus constituído contém aproximadamente 300 letras, cujo processamento quali-quantitativo resultou em 289 verbetes, entre palavras-chave estatisticamente relevantes e outras unidades lexicais discursivamente importantes.

A poesia de Candeia

João Baptista M. Vargens (UERJ)

A comunicação revelará aspectos importantes referentes ao texto das canções de Antônio Candeia Filho (1935-1978), compositor carioca, reconhecido por seus pares e pela crítica especializada como um dos principais autores de samba. Além do referido gênero musical, Candeia dedicou-se a outros, o que torna sua obra multifacetada e versátil. No terreno da criação para sua escola de samba - a Portela - foi mestre nas três modalidades, no samba-enredo, no samba de terreiro e no partido-alto, dominando, como poucos, a técnica do versejar nas três linguagens, nem sempre próximas.

Na intervenção, serão destacados aspectos em torno dos quais gravitam as preocupações do compositor. Tal fato pode ser percebido por intermédio de um exame cuidadoso de sua poesia, a partir da observação de redes de palavras, relacionadas a certos campos semânticos, que se repetem e, assim, tornam-se agentes transformadores

da realidade, mesmo que em sonho de um domingo de carnaval. Serão apreciados, também, os versos do samba de terreiro “Luz da Inspiração”, que, na verdade, configuram o que podemos chamar de arte poética de Candeia. Cabe ressaltar que esse poema foi utilizado, no início dos anos 80 do século passado, em prova de ingresso no Mestrado em Poética, na Faculdade de Letras da UFRJ.

Detalhes de Roberto e Erasmo Carlos: A polifonia na argumentação

Paulo Cesar Costa da Rosa (UERJ)

Identificam-se hoje dois tipos de produção cultural: uma, erudita e autônoma, voltada para os produtores de arte/cultura; outra, popular, subordinada ao mercado econômico. Nesse contexto, cabe ao artista buscar um espaço (a paratopia) onde procurará ter sua obra avaliada por seu público alvo. Essa paratopia é criada a partir do discurso. Objetivamos examinar como o cantor Roberto Carlos constrói uma imagem (ou a reforça) que o levou ao epíteto de “rei”. Para isso, analisaremos a canção Detalhes, à luz da teoria da polifonia de Oswald Ducrot.

SC-XIV – Construções identitárias e políticas de ensino em situações de contato

Coordenação: Mônica Savedra (LIDIL 4)

A negação do outro=índio no espaço da cidade

Águeda Aparecida da Cruz Borges - CUA/UFMT
DINTER-UNICAMP/UNEMAT/CAPES/FAPEMAT

A presença indígena, frequente em Barra do Garças-MT, produz discursos de afirmação do preconceito, estereótipo, marginalidade, negação desse sujeito no espaço da cidade. Num movimento constante de análise, fundamentada no dispositivo teórico de interpretação fornecido pela Análise de Discurso de base materialista, venho construindo um “corpus” de pesquisa para compreender, discursivamente, as relações que se estabelecem entre índios, mais especificamente os Xavante, e não-índios,

entendendo o espaço dessa relação não como lugar empírico, mas como espaço de sentidos que me levam a tentar compreender o modo como nele se dá o processo de identificação/subjetivação desses indígenas na cidade. De acordo com Orlandi (2000-2002), o preconceito está na origem da estagnação social e histórica. É uma forma de censura para impedir a respiração dos sentidos e conseqüentemente de novas formas sociais e históricas na experiência humana. Nessa perspectiva, o preconceito é uma discursividade que se impõe sem sustentação em condições concretas/reais e é fortemente mantida por relações imaginárias atravessadas por uma não permissão do dizer que apaga (silencia) sentidos e razões da própria maneira de significar. Flagramos fatos discursivos que ajudam a situar questões que coloco e me instigam a pensar esse/ nesse sujeito negado no espaço da cidade, mas frequente nele, sofrendo seus efeitos. Por exemplo, na base dos enunciados em referência ao objeto da pesquisa fixam marcas linguísticas que atualizam um discurso remoto: "índio não é gente", "índio é bicho", que retoma "índio selvagem", "índio preguiçoso", "índio não é brasileiro", "deve ficar na aldeia" e outros que caracterizam o discurso da "descoberta", o qual determina a diferença e deixa pistas para a interpretação de quem é que deve aprender a ser igual, no entanto quando isso ocorre (os Xavante falam a língua Portuguesa, vestem roupas, utilizam aparelhos eletrônicos) o índio é rejeitado nesse espaço onde os "brancos" julgam ser os donos: o espaço urbano.

A internet como espaço de dizer indígena: funcionamento discursivo dos blogs

Lucimar Luisa Ferreira (UNICAMP /FAPEMAT)

Este trabalho trata da circulação de sentidos dos/sobre os índios na internet, enfocando o funcionamento discursivo de blogs indígenas. Na atualidade, os dizeres indígenas e os que colocam em pauta a temática indígena, são pouco visíveis na mídia em geral, mas com o avanço das novas tecnologias da informação, em especial a internet, os índios estão ocupando um espaço singular para fazer circular sentidos próprios interditados ao longo da história. O uso da internet explodiu nos últimos anos e a sua influência já abrange praticamente todas as atividades econômicas, sociais, políticas e culturais essenciais por todo o planeta. A popularização da internet no Brasil é bem recente, mas já aponta para mudanças sociais importantes na forma de viver e se relacionar das pessoas. Com relação aos índios, por mais essa mídia ainda esteja longe da grande maioria das aldeias indígenas do nosso país, ela já é usada e significada. Muitos índios navegam na internet, têm e-mails, blogs e fazem parte de comunidades virtuais se posicionando e agindo circundados por essa forma própria de fazer do mundo informatizado e isso forma uma rede de sentidos em circulação no ciberespaço.

Nesse sentido, lideranças indígenas consideram que o acesso às novas tecnologias da informação, em especial a internet, possibilitará uma conquista de espaço dizer, divulgar conhecimentos culturais e reivindicar espaço político. Atualmente, isso já acontece com muitos povos que usam a internet como fonte de informação, interação e também como alternativa para divulgar a sua cultura, contar as suas histórias, denunciar o não cumprimento das leis pelo poder público e debater idéias.

Identidade, representação linguística e educação bilíngue: Um estudo sociolinguístico em situação de contato português - tikuna

Edson Santos da Silva Júnior / Mônica Maria Guimarães Savedra
Universidade Federal Fluminense (UFF)/ CNPq

A diversidade linguística no Brasil, identificada nas diferentes situações de contato entre línguas autóctones, alóctones e de fronteira é tema de estudos sociolinguísticos, que evidenciam os aspectos identitários e culturais do plurilinguismo nacional. Neste estudo tratamos do contato entre a língua portuguesa e a língua Tikuna, uma língua autóctone de uma aldeia indígena da cidade de Benjamim Constant, no Amazonas. O objetivo é identificar os fenômenos que se delineiam como responsáveis pela caracterização das representações linguísticas e suas co-relações com a (des)construção da identidade étnica, dos sujeitos que vivem nesta comunidade linguística de contato. Delimitamos o enfoque neste momento a questão do uso funcional das línguas no ambiente escolar, identificando os impactos provocados pela política da educação bilíngue proposta a partir de um grupo de professores indígenas bilíngües das etnias tikuna, kokama, cambeba e caixana. O cerne do trabalho é a relação estabelecida entre a identificação das representações do status linguístico in loco e das atitudes sociolinguísticas dos sujeitos envolvidos na pesquisa, para embasar as reflexões e questionamentos acerca da implantação de políticas linguísticas adequadas e eficientes, que possam promover a manutenção dos valores culturais desta minoria linguística representante das línguas autóctones brasileiras. O referencial teórico apóia-se nos estudos desenvolvidos sobre representação linguística e identidade (CALVET, 2001, 2003; CAVALLI, 2003), a partir do enfoque sociolinguístico (FERGUSON, 1959; HEYE, 1979; FISCHMAN, 2001) que embasa as situações de contato bilíngüe/multilíngüe (SAVEDRA, 2009; SAVEDRA & HEYE, 2006). A metodologia de pesquisa empregada é qualitativa, de cunho etnográfico e utiliza entrevistas, questionário, observação participante e análise documental como instrumentos de investigação.

Representações linguísticas na fronteira anglófona do Brasil

Débora Amaral da Costa (UFF)

Propomos o estudo das representações linguísticas de alunos do nível médio das cidades da fronteira Brasil-Guiana, única fronteira que o país faz com falantes de inglês como língua oficial, comparando com pesquisas de outras regiões já investigadas, no intuito de fornecer subsídios teóricos para o direcionamento de políticas linguísticas em região de línguas em contato no Brasil. O referencial teórico é delimitado por SAVEDRA (2009), SAVEDRA; SALGADO (2009), CALVET (2000, 2002) e CAVALLI; COLETTA (2003). Entende-se por representação linguística um sentido coletivamente construído acerca de uma língua e seu povo. A representação é intersubjetiva, discursiva, reflexiva e coletiva, profundamente marcada pela memória discursiva de seus falantes. Política linguística é “um conjunto de escolhas conscientes referentes às relações entre língua(s) e vida social, e planejamento linguístico a implementação prática de uma política linguística” (CALVET: 2002, p. 145). Para Calvet, as políticas se situam sempre em dois níveis, in vivo e in vitro: “in vivo, nos escritórios de quem decide, e in vivo, na prática dos locutores” (CALVET: 2000, p. 184). Assim, esse trabalho objetiva mapear essas representações dos estudantes sobre a língua portuguesa e a língua inglesa, que são as oficiais de cada Estado, apesar de conviverem com línguas indígenas brasileiras, línguas crioulas guianenses, o hindi e o urdu. Para esse mapeamento, serão feitas entrevistas semi-direcionadas, com o uso da técnica de acionamento (CAVALLI; COLETTA: 2003), proporcionando o maior número de divergências possível entre os participantes. A pesquisa é etnográfica, de base qualitativa. Deste modo, contribuiremos com dados que permitam embasamento às práticas educacionais para o ensino de língua estrangeira, bem como o favorecimento de políticas linguísticas mais aproximadas à realidade desses falantes.

SC-XV – Gramaticalização, conectores e o contexto à luz do Funcionalismo

Coordenação: Profa. Maria Lúcia Leitão, UFRJ (LIDIL 03)

A importância do contexto na gramaticalização das micro-construções “vá lá” e “vamos lá”

Ana Cláudia Machado Teixeira (UFF/CNPq)

Sob o enfoque do funcionalismo linguístico, nos termos de Bybee (2003), Heine e Kuteva (2007), Traugott (2004, 2008), Traugott e Dasher (2005), entre outros, visa-se examinar os padrões de uso de “vá lá” e “vamos lá”, entendidas como uma construção,

nos termos de Goldberg (1995; 2006) e Croft (2001) e classificadas como micro-construções de acordo com Traugott (2008a, no prelo). Percebe-se que as trajetórias das micro-construções são abstratizadas por conta de motivações de ordem metonímica e metafórica. Em “vá lá” o verbo parte do domínio concreto de deslocamento no espaço para um mais abstrato de deslocamento na expressividade e o locativo, de um sentido físico-espacial de lugar para um lugar na opinião, como em: “Só isso. Ainda que, vá lá, os tradicionais adversários tivessem se juntado em Belo Horizonte, que, ao menos, tal união tivesse honrado a política com uma liderança real.” Com a construção “vamos lá”, o verbo passa a um domínio mais abstrato de deslocamento na intenção e, seu locativo, a um lugar na intenção, como em: “Sim, na linguagem do Senado a “nobreza” pode vir junto com a “mentira”, a “excelência” com a “culpa”, mas vamos lá – isto não é defeito, mas virtude.” A análise busca investigar gêneros textuais e sequências tipológicas que permitam observar o processo de gramaticalização, partindo de inquéritos, entrevistas, artigos de opinião, blogues, carta de leitores e comentários de blogues. Visa-se apresentar os contextos discursivo-pragmáticos preferenciais para o uso das construções “vá lá” e “vamos lá”, as diversas funções que elas podem assumir de acordo com a situação comunicativa e a influência da estrutura sintático-semântica, pragmática e discursiva para a sua gramaticalização.

Gramaticalização do verbo “pegar” em construções perifrásticas [pegar + (e) + v2]: uma abordagem formalista

Christiane Miranda Buthers de Almeida e Maria José de Oliveira (UFMG)

A proposta deste trabalho é verificar, sob a luz do quadro teórico formalista, o processo de gramaticalização que envolve o verbo “pegar”, nas construções perifrásticas [PEGAR+(e)+V2]. Neste contexto de análise, o verbo “pegar” não denota mais o sentido prototípico de “segurar”, mas parece denotar características aspectuais. Para chegar a essa constatação, verificamos os traços de transitividade presentes no verbo “pegar” em suas diversas acepções e relacionamos tais traços com as alterações no comportamento do verbo quanto a características semânticas e morfossintáticas. Para a análise da transitividade, baseamo-nos em Hopper e Thompson (1980). Segundo estes autores, há dez traços que permitem verificar a transitividade verbal, quais sejam: (i) participantes; (ii) cinese; (iii) aspecto; (iv) pontualidade; (v) volicionalidade; (vi) afirmação; (vii) modalidade; (viii) agentividade; (ix) afetação do objeto; e (x) individualização do objeto. Os dados coletados para análise permitem conjecturar que, possivelmente, a figuração do verbo “pegar” em construções do tipo acima relacione-se com valores aspectuais. Deste modo, as várias nuances de apresentação de tal verbo foram analisadas, buscando-se verificar as causas da variação no uso. Na descrição e na análise das ocorrências formadas por [PEGAR+ (e) + V2], mapeamos pistas que nos permitiram analisar as ocorrências do

verbo “pegar” comportando-se como verbo auxiliar.

Análise funcionalista do onde no português arcaico

Ianaê de Oliveira(UFF)

As línguas vivas possuem caráter dinâmico. Por meio de seus falantes são influenciadas cultural, geográfica, cronologicamente, etc. Em paralelo, as línguas também estão sujeitas a fenômenos de continuidade e/ou de mudança, mas essas são apenas percebidas com o tempo. Propomos uma análise empírica considerando os pressupostos teóricos do funcionalismo linguístico norte-americano e observando a trajetória linguística do onde no sentido forma>função. Atualmente, o onde recebe funções diversificadas conforme o tratamento dado por seu falante. Comportamento condenado pela gramática. Serão considerados para a análise o onde e suas variantes hu, i, u, ulo (plural e feminino) com ocorrência nos seis primeiros capítulos de O Livro de Vita Christi e nos três primeiros livros de Orto do Esposo. Aquela, uma das primeiras obras traduzidas do latim para o português e essa, obra anônima produzida em língua portuguesa. A seleção dos corpora provoca uma complementaridade trazendo um panorama geral do uso do onde nos séculos XIV e XV. Serão considerados os recortes em seus contextos anafórico e catafórico em que estão inseridos, utilizando-se do método Key Word in Context (KWIC) (Manning; Schütze, 1999), considerando-se pelo menos uma oração anterior e uma posterior. Trabalhamos com a hipótese de que os usos de onde em diversas funções são registrados nos primeiros textos em língua portuguesa, confirmando a dificuldade de classificar e limitar seu uso. Utilizaremos não só as construções prototípicas, mas também os casos ambíguos e sem interpretar. Partiremos das gramáticas históricas de Said Ali (1964, p.185) e Ismael Coutinho (1982, p. 265) e dos postulados sobre gramaticalização de Givón(1979), Traugott e Heine (1991), Heine, Claudi e Hünemeyer (1991) e na contra mão desses, Votre (1999).

Uso(s) de QUE NEM como conector

Violeta Virginia Rodrigues (UFRJ)

A motivação para um estudo, enfocando a descrição do(s) uso(s) de QUE NEM, que podem funcionar como conjunção subordinativa comparativa e, portanto, ligam a oração subordinada adverbial comparativa à oração principal, advém das contribuições dos trabalhos de Barreto (1999), Rodrigues (2001), Mateus et alii (2003) e Casseb-Galvão & Lima-Hernades (2007). Com base na análise qualitativa de dados reais de Língua Portuguesa, retirados do corpus Roteiro de Cinema, disponível no site www.

roteirodecinema.com.br, que disponibiliza, desde 2003, mais de 380 roteiros de inúmeros filmes nacionais na íntegra, já produzidos ou inéditos, pode-se identificar ocorrências de orações comparativas que se materializam linguisticamente na modalidade escrita do português do Brasil como estruturas de “desgarramento”, constituindo, por si mesmas, unidades de informação à parte. Nesse sentido, essas orações se diferenciam das estruturas “encaixadas” — aquelas que estão em constituição com um item lexical, funcionando como um argumento desse e, portanto, integradas estruturalmente em outra, a oração matriz, fazendo, com essa, parte de uma mesma unidade de informação. Assim, os resultados deste estudo permitem apontar para um novo uso das estruturas iniciadas por QUE NEM, isto é, como estruturas “desgarradas” (cf. Decat, 1999). Para a análise do(s) uso(s) de QUE NEM funcionando como conector, utiliza-se a perspectiva funcionalista, principalmente, levando em conta o conceito de gramaticalização.

SC-XVI – Ensino e Aprendizagem de Línguas Estrangeiras
Coordenação: Profa. Josefina Zeitune
(Universidad Nacional de Tucúman)

Research, Development and Application of a Learning Resource for
Enhancing Listening and Spoken Skills in Spanish

_____ Maria Elena Paz Vizcaya (Dublin Institute of Technology, Ireland)

When we speak, besides linking the sounds with which we form words, we change the pitch and the intensity, lengthen some elements and modify the quality of the voice. Thus, our words are perceived as emphatic, assertive, rushed, dubious or suggestive among many other nuances. In order to interpret messages, speakers not only focus their attention on the phonological contrasts between segments, but also, they are sensitive to other elements of the signal that provide information regarding aspects like lexical stress, sentence modality or the speaker’s intention. Native speech is directed towards native listeners, not designed for comprehension and analysis by language learners. Speed of delivery - or economy of effort - produce a speech signal to which the native listener can assign the correct words — there are no discrete words in the speech signal itself. Experience of using timescaling with recorded English has highlighted the benefit of making slowED speech available to the language learner or

researcher, as opposed to slow speech – i.e delivered slowly. The main contribution to knowledge of this project is to generate a unique research and analysis corpus (audio resource) of informal NS-NS Spanish speech recorded at a high level of audio quality and which is amenable to linguistic analysis, and which can therefore act as a resource to test the research hypotheses. It is hoped that these Technology-Enhanced Language Learning (TELL) tools will resolve the problems encountered by learners of Spanish as L2 in the acquisition and improvement of their aural skills. In this paper, the process and analysis carried out to identify suitable segments to apply the time-scaling tool and test the research hypotheses – segments which will later populate the nascent Dynamic Speech Corpus – is explained.

A Formação de Professores de Alemão como Língua Estrangeira: Autonomia, Motivação, Currículo

Roberta Cristina Sol Fernandes Stanke (UERJ / Goethe-Institut Rio de Janeiro)

O objeto de pesquisa abordado nesta apresentação é a formação do professor de alemão como língua estrangeira. Trato dos aspectos curriculares do curso de formação de professores de alemão como língua estrangeira em duas instituições públicas de ensino superior do Rio de Janeiro, tendo como foco a questão da autonomia e da motivação. Na literatura da área de ensino de língua estrangeira, autonomia e motivação são temas centrais. A definição de ambos os termos é, entretanto, descrita por diversos estudiosos da área com complexa. A maioria das definições apresentadas por estudiosos da área têm em comum o fato de se dar mais espaço de decisão aos aprendizes e colocar o processo de aprendizagem em suas mãos. E colocar o processo nas mãos dos aprendizes significa orientá-los e lhes dar recurso para isso. Isso quer dizer, então, que se trata de um assunto que precisa ser contemplado nos cursos de formação de professores. A partir de reflexões teóricas, questionários foram aplicados a estudantes de duas instituições públicas de ensino superior do Rio de Janeiro com objetivo de (1) conhecer os motivos dos estudantes dos cursos de graduação em Letras / Português-Alemão para estudarem essa língua estrangeira, e se e como seus motivos mudaram desde o princípio da aprendizagem; (2) verificar o grau de autonomia desses aprendizes e (3) a sua avaliação sobre o currículo do seu curso. Os resultados apontam que muitos destes estudantes não são aprendizes autônomos, ou apresentam apenas alguns traços de autonomia, estão insatisfeitos com algumas disciplinas da grade curricular de seu curso e sua respectiva carga horária, mas que sua motivação aumentou desde o início de seu curso.

Desenvolvimento da autonomia leitora em francês língua estrangeira

Joanna Barrão Ferreira (UERJ)

Este trabalho descreve e apresenta alguns resultados de um primeiro momento de uma pesquisa de mestrado, na área de Linguística Aplicada, que está sendo desenvolvida na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. A pesquisa se fundamenta basicamente em elementos da Linguística Textual e tem como objetivo identificar os diferentes processos que envolvem a leitura em Francês Língua Estrangeira (FLE). O que torna esta proposta de trabalho relevante para o ensino de FLE é o fato de que trata da formação do leitor em língua estrangeira o que estabelece um contraponto com as pesquisas atuais que tomam como base a Língua Materna. Para desenvolver esta pesquisa, escolhi um grupo de 15 alunos do 6º ano do ensino fundamental que têm entre 11 e 12 anos e são iniciantes no aprendizado de FLE. Neste momento, observei como os alunos faziam para compreender textos em que não tinham o conhecimento da língua, quais estratégias utilizavam e que tipo de leitura eram capazes de fazer, uma vez que não podiam recorrer a traduções. Para tal, diferentes gêneros textuais foram utilizados. Os resultados, nesta primeira observação, apontam para a variedade comportamental dos estudantes durante os processamentos e a predileção por algumas estratégias de leitura.

Adquisición de la partícula se por estudiantes lusófonos: Una propuesta didáctica

Cristina María Puertas Hernández

Instituto Superior de Línguas e Administração – Lisboa (Portugal)

El presente trabajo pretende ofrecer una solución a los problemas que plantea la adquisición de la partícula se. De esta forma, a partir de teorías lingüísticas referidas al campo de la Adquisición de Segundas Lenguas, creamos una propuesta didáctica para el aprendizaje de la misma. Nuestro punto de partida se fundamenta en que la semántica verbal condiciona el tipo de estructura en que un verbo va a parecer; asimismo, consideramos que incorporar el concepto de diátesis en el aula ELE ayuda a la identificación las diferentes clases semánticas verbales. Además presentamos la metodología empleada para proceder al Análisis de Errores en la producción escrita, la identificación de los mismos, su descripción y clasificación. Se trata de un estudio comparativo de dos sistemas lingüísticos: el español y el portugués y, más en concreto, de un determinado elemento de su gramática. La aparición de la partícula se afecta tanto a la sintaxis como a la semántica oracional; de modo que analizamos la problemática que el término diátesis conlleva, definiremos las diversas estructuras en las que un verbo

puede aparecer, la necesidad o no de su explicitación dentro de la secuencia oracional, además del análisis semántico de los verbos que exigen la aparición de se. Partimos de la hipótesis de que determinados verbos de una misma clase semántica presentan un determinado comportamiento sintáctico o alternancia diatética y necesitan de la partícula se. Indagaremos si la manera de conceptualizar un determinado evento es idéntica en diferentes lenguas y si su expresión sintáctica es o no coincidente.

Concatenações lexicais ativadas por atividades de brainstorming: facilitadores de leitura em língua inglesa para iniciantes

Lesliê Vieira Mulico (IFRJ-Pinheiral)

Quando se trata de leitura instrumental de textos em inglês, o conhecimento de vocabulário torna-se primordial. O reconhecimento de cognatos auxilia na compreensão global do conteúdo; entretanto, um texto também contém palavras que não são transparentes. Tal fato suscitou a seguinte pergunta: que práticas pedagógicas facilitam a aquisição do vocabulário de alunos iniciantes na leitura instrumental em língua inglesa? O presente trabalho sugere que o brainstorming se configura como atividade eficaz de pré-leitura já que induz a ativação do conhecimento esquemático (WIDDOWSON: 1983), a contextualização do assunto abordado (LEWIS: 1993) e a socialização da linguagem entre participantes (OCHS & SCHIEFFELIN: 1997), promovendo – de acordo com os pressupostos conexionistas – a saliência dos elementos lexicais alvo (PLUNKETT: 1997). Tal evento favorece a indexação do novo léxico ao meio e emula o fortalecimento de redes neurais, além de proporcionar um ensino participativo de vocabulário. Pesquisas em aquisição da linguagem (WEBB: 2007; HULSTIJIN: 2001; GIVÓN: 1995) vêm demonstrando a importância do contexto, da relevância e da interação como ferramentas de acomodação de conhecimento de elementos linguísticos, pois promovem aprendizagem significativa, uso e a saliência cognitiva das palavras-chave. Baseado nessas questões, o brainstorming, seguido de algumas atividades interacionais, foi aplicado em quatro turmas do primeiro ano do ensino médio em 2010 para verificar suas influências nas atividades de leitura. Com isso, observou-se um aumento do interesse do aprendiz pelo texto e uma maior predisposição à inferência lexical, além de minimizar interrupções para perguntas durante a fase de skimming.

Sessão Coordenada XVII – Linguagem e representações identitárias
em contextos profissionais
Coordenação: Maria das Graças Pereira (PUC-Rio)
(LIDIL 04)

Que copa é essa? Um breve olhar discrusivo sobre a imagem da África do Sul construída pela mídia em 2010

Fernando França Mendanha (UFOP)

O ano de 2010 está marcado na história. Pela primeira vez, a Copa do Mundo FIFA de Futebol chegou ao continente mais pobre do planeta, trazendo holofotes de todo o mundo para a África do Sul. Por esses e outros motivos, o país de Nelson Mandela ganhou as manchetes e passou a ser assistido nos cinco continentes, despertando a curiosidade e o imaginário das pessoas sobre o futebol e a cultura local. Ao provocar sentimentos, avaliações, valores e discursos socioculturais, colocando em questão a relação de poder entre países ricos e em desenvolvimento, a Copa e sua cobertura pela mídia brasileira tornam-se cenário repleto de elementos para esta pesquisa. O objetivo é apresentar e analisar recortes discursivos com viés político-sociocultural construídos por sites, revistas e jornais brasileiros nos meses de antecedência e realização do evento, a fim de responder a algumas questões: quais os discursos construídos sobre a África do Sul? Aos olhos do mundo, o país-sede, com suas particularidades e excentricidades, tornou-se o foco do evento ou continuou tendo sendo visto como periferia do mundo desenvolvido? Para tanto, os estudos se concentram na vertente Semiolinguística da Análise do Discurso, trabalhada por Charaudeau, que reconhece a argumentação como sendo a forma de ganhar a adesão de um auditório com um enunciado, a partir de estratégias formuladas pelo enunciador baseadas nas características linguísticas e psicossociais presentes no discurso. Desse modo, o aspecto social, ao mesmo tempo configurado pela atuação do discurso, contribui também para construção de outros discursos.

Reflexões sobre a representação dos atores sociais nos gritos de guerra militares

Marcelo João Naves (UERJ)

A linguagem militar representa um campo de estudo bastante diversificado, tendo em vista as diferentes abordagens que pode suscitar, e considerando-se as

formações discursivas resultantes de um conjunto de códigos inerentes à instituição. Nesse universo tão específico, escolhemos como foco de estudo os gritos de guerra militares, gênero que traz algumas das marcas mais contundentes da identidade militar. Neste trabalho, analisamos oito gritos de guerra de grupamentos de cadetes do Curso Básico da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), buscando identificar a referência aos militares por meio de animais com base nas categorias sócio-semânticas de representação dos atores sociais de Van Leeuwen (1997). Analisamos o nosso corpus com base em duas dessas categorias, a Coletivização e a Simbolização, que nos parecem, em primeira instância, serem as que mais refletem os modos de representação dos militares nos gritos de guerra. Contudo, partindo da constatação de que o sistema não dá conta de uma especificidade do corpus de análise, a referência a um outro ser (o leão, a águia, a onça etc.), foi necessário criarmos uma nova categoria – Apropriação – através da qual um grupo de atores sociais deixa de ser representado pela sua própria identidade para ser representado por uma outra identidade de que se apropria, tomando como seus os atributos valorizados de um outro ser. Dessa forma, os indivíduos inscrevem-se na materialidade textual, revelando-se coletivamente sob uma figura dotada de características consideradas essenciais aos próprios militares, buscando, assim, disseminar uma imagem pela qual gostariam de ser percebidos.

A materialização da subjetividade no discurso jurídico: A linguagem do magistrado

Valdeciliana da Silva Ramos Andrade - Faculdade de Direito de Vitória (FDV)

O presente estudo trata acerca da manifestação da subjetividade no discurso jurídico. Por ser inerente ao ser humano, a subjetividade é parte integrante da produção de qualquer cidadão, independente da posição ocupada na sociedade. Assim, parte-se do pressuposto de que a subjetividade está presente em qualquer manifestação linguística e isso não é diferente no âmbito jurídico. Além disso, na esfera discursiva do Direito, em geral, pressupõe-se que o discurso é “neutro”, isento de traços de quem o produz. Por causa desse equívoco, é necessário mostrar que o discurso jurídico, como outras instâncias discursivas, é perpassado pela subjetividade, a qual ultrapassa a mera noção de pessoalidade e impessoalidade. A fim de realizar este estudo, pautou-se nas premissas discursivas aludidas por Benveniste (1995) e no pressuposto de que a materialização do discurso jurídico ocorre através de diferentes gêneros textuais, a saber: técnico, opinativo, decisório, legal, processual (ANDRADE, 2007). Por isso, de acordo com o gênero textual, há diferentes formas de manifestação da subjetividade, uma vez que os sujeitos assumem posições discursivas distintas. Assim, busca-se

verificar as diferentes formas de manifestação da subjetividade no discurso proferido pelo magistrado (gênero decisório) e associá-la à posição discursiva e argumentativa ocupada pelo juiz, que é o sujeito comunicante no texto decisório. Para a realização da análise, recorreu-se, para a formação do corpus (amostra aleatória), a sentenças do âmbito trabalhista. Neste sentido, foram selecionadas 10 sentenças de magistrados distintos. Tal quantidade corresponde a cerca de 20% dos magistrados de primeiro grau.

As Imagens dos coenunciadores da cartilha do movimento “O Petróleo Tem Que Ser Nosso”

Fábio Carlos da Fonseca (UERJ)

A criação da campanha “O PETRÓLEO TEM QUE SER NOSSO” se deu aproximadamente dois meses após o pronunciamento do presidente Lula, em cadeia de rádio e TV, pelas comemorações do Dia da Independência, cujo tema foi exatamente as descobertas dos campos do pré-sal, acenando com a proposta de mudança do marco regulatório do setor no país. O carro-chefe da campanha “O PETRÓLEO TEM QUE SER NOSSO” tem sido o recolhimento de assinaturas para dar apoio ao projeto de lei popular, criado pelo movimento, apresentado à Câmara dos deputados em agosto de 2009, reivindicando, entre outras coisas, a reestatização da Petrobras e a nacionalização do petróleo e do gás. Para tanto, inúmeros materiais tem sido produzidos, bem como a criação de vários comitês locais por todo Brasil. Entre estes materiais, ganha destaque a cartilha de massas do movimento. Nosso foco é entender como a questão tem sido abordada pelo movimento na perspectiva da sua cartilha. Interessa-nos os sentidos que aí se constroem. Para isso, temos feito uma análise que objetiva compreender o lugar do enunciador do material bem como o de seu co-enunciador, a partir da noção de cenografia discursiva (Maingueneau, 1997). Também fazemos uma discussão sobre gêneros do discurso (Bakhtin, 1992), uma vez que o nosso material apresenta uma heterogeneidade singular. Nessa comunicação, apresentaremos apenas os resultados parciais no que diz respeito à compreensão das imagens do par interlocutivo, em análise realizada somente no capítulo de introdução da cartilha. Também pretendemos apresentar os rumos que a pesquisa vem tomando e seus desdobramentos tanto teóricos quanto metodológicos.

SC-XVIII – Múltiplos olhares sobre a linguagem (LIDIL 02)

Coordenação: Profa. Carmelita Dias de Pádua

A representação temático-ideológica e imagética do negro em livros didáticos de Língua Portuguesa

Silvio Ribeiro da Silva (Universidade Federal de Goiás/Campus Jataí; CNPq)

Neste trabalho, apresento parte dos dados de uma pesquisa (UFG/CNPq), inserida no campo da Linguística Aplicada, cuja análise objetivou identificar como se dá a abordagem e a representação do negro em livros didáticos de Português (LDP). Através da análise de uma coleção de LDP das séries/anos finais do Ensino Fundamental (Projeto Araribá – Português), devidamente avaliada e aprovada pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), identifiquei que ideologia é veiculada pelo LDP em relação ao negro e, conseqüentemente, ao branco. Parto do pressuposto de que a figura social do indivíduo negro não é reconhecida e nem respeitada no LDP, o que acaba por negar o fato de que se trata de um grupo étnico portador de uma cultura e de uma identidade singulares. Negam-se, também, os valores representados pela tradição intelectual africana e sua contribuição cultural, como os hábitos, costumes, produção de riquezas, danças e músicas. A análise visou à identificação de como o LDP constrói a figura hegemônica do branco, levando à sociedade uma ideia de branqueamento social, ou de como ele procura levar até essa sociedade conceitos que contribuem para uma interação étnica, favorecendo o entendimento e respeito a qualquer cultura. Na análise dos dados, nota-se, dentre outras questões, que a maioria dos personagens ilustrados são brancos e que o negro não aparece constituindo grupos, multidões, famílias, casais. O LDP concretiza, assim, segundo Silva (2001), o ideal da ideologia do branqueamento quando apresenta um Brasil de maioria branca, onde o negro aparece como espécie em extinção.

A organização dos glides no PB

Evilazia Ferreira Martins (UFMG)

O inventário vocálico (e fonológico) do português brasileiro é formado por sete vogais (/i, e, E, a, O, u/), identificadas com base na sílaba tônica, que podem ocupar a porção obrigatória do núcleo de uma sílaba. São caracterizadas como silábicas. Porém, deste inventário, apenas dois sons relativos às vogais de traço [+ alt] podem ocupar a posição assilábica (ou não-obrigatória do núcleo) da sílaba. Foneticamente,

trata-se de sons bastante semelhantes aos sons vocálicos do /i/ e do /u/ localizados na posição de núcleo silábico. Esses segmentos podem, conforme sua distribuição, exercer papel funcional de consoantes ou de vogais nas línguas e são denominadas Glides. Visto isso, o objetivo deste trabalho é discutir as análises de Leite (1974), Lopez (1979), Mateus, (1982), Bisol (1989) (2009), Cristófaru (1992), Kikuchi (2001) e Wetzels (2009) para o funcionamento dos glides no Português Brasileiro e apresentar a nossa proposta, à luz das teorias: Autossegmental de Goldsmith (1976), Geometria de Traços por Clements (1985), Clements & Hume (1996) e silábica por Selkirk (1982).

Variação fonológica das vogais pretônicas /e/ e /o/ dos verbos na variedade do interior paulista

Márcia Cristina do Carmo (IBILCE/UNESP /FAPESP)

Este trabalho (FAPESP–2009/09133-8) descreve o comportamento fonológico das vogais médias pretônicas dos verbos na variedade do interior paulista. Nessas vogais, há a aplicação variável do alçamento vocálico, em que as vogais médias /e/ e /o/ são pronunciadas, respectivamente, como as altas [i] e [u], como em s[i] guindo e ç[u]zinhar. Como corpus de pesquisa, são utilizados dezesseis inquiridos do Banco de Dados IBORUNA, resultado do Projeto ALIP (IBILCE/UNESP – FAPESP 03/08058-6). São analisadas amostras de fala espontânea de informantes do sexo feminino que apresentam: (i) Ensino Superior completo ou em andamento; e (ii) uma das seguintes faixas etárias: de 16 a 25; de 26 a 35; de 36 a 55; e acima de 55 anos. Quanto à metodologia utilizada, foram realizados os seguintes passos: (i) extração das ocorrências de vogais médias pretônicas dos verbos; (ii) identificação dos fatores controlados; (iii) análise do conjunto de dados, procedendo à transcrição fonética de base perceptual; (iv) identificação dos contextos de variação; e (v) quantificação das ocorrências selecionadas. A análise é realizada segundo a Teoria da Variação e da Mudança Linguística (LABOV, 1972), com a utilização do pacote estatístico VARBRUL. Como resultado geral, tem-se que alçam 16% das 2455 ocorrências de vogal pretônica /e/ e 10% das 2147 ocorrências de vogal pretônica /o/. Observa-se, também, que a maioria das ocorrências de pretônicas alçadas pode ser explicada pela harmonização vocálica (BISOL, 1981), por meio da qual há a influência de uma vogal alta presente na sílaba seguinte à da pretônica-alvo, como em acr[i]ditar e t[u]ssindo.

As disfluências da fala em foco: Descrevendo casos, descobrindo mecanismos

Antônio Marcos de Oliveira, Sammy Cardoso Dias,

Thiago Quintanilha da Silva (UERJ)

Estudos psicolinguísticos revelam que a fala espontânea é marcada por hesitações disfluentes, como, por exemplo, as pausas e as repetições. Essas disfluências são encaradas como ajustes anteriores ou mesmo posteriores à produção da mensagem. Isso é possível, pois, de acordo com Levelt (1989), entre os elementos que constam no estado mental, como, por exemplo, conceptualização, formulação e articulação, estaria o monitor, cuja responsabilidade é controlar, detectar e corrigir possíveis erros. Partindo disso, Moniz (2006), com base em Shriberg (1994), com intuito de refletir e comparar disfluências em outras línguas, criou um sistema de anotação que simula o comportamento do ouvinte diante de uma disfluência. Embora esses estudos apontem, entre outros fatores, para um papel fundamental das disfluências na estruturação do discurso e a regularidade de suas propriedades, nada foi feito, pelo menos não pelo viés psicolinguístico, na língua portuguesa brasileira. Dessa maneira, o presente estudo se dedica a primárias reflexões sobre as disfluências no caso do português do Brasil e possíveis comparações com outros estudos, principalmente, o de Moniz (2006). Para tal, gravamos a aula de um professor de ensino médio (sem a identificação prévia da gravação). Após transcrevemos a fala, classificamos as disfluências, quantificamos os resultados e refletimos esses dados em várias situações, inclusive comparando com os dados de Moniz (2006). Como resultado, houve mais distanciamentos do que aproximações com os achados de Moniz (2006). Além disso, segundo o aspecto da disfluência, notamos que o corpus apontou para um discurso do professor voltado a escolha mais adequada das palavras.

O papel das narrativas na sustentação de opiniões no contexto empresarial

Amitza Torres Vieira (FAFISM)

O objetivo deste estudo é explicitar como as narrativas atuam na sustentação da fala opinativa de profissionais de uma empresa brasileira do ramo de energia, anteriormente estatal e controlada atualmente por um grupo europeu. A fundamentação teórica embasa-se em Schiffirin (1990), que mostra narrativas sendo enquadradas numa perspectiva que contextualiza a própria posição do locutor, e em Shi-xu (2000), que mostra fatos objetivos sendo usados em sustentação de opiniões, revelando normas sociais e projetando avaliações negativas sobre a cultura do outro. A metodologia da pesquisa compreende a análise qualitativa e interpretativa das entrevistas realizadas com quatro funcionários da empresa, acerca de como avaliam a atuação do grupo gestor e de como veem suas próprias possibilidades de atuação nesse contexto. Para identificar as narrativas que atuam na sustentação das opiniões, buscou-se fundamentação no trabalho de Oliveira et al. (2007) que distinguem entre narrativas factivas, fictivas e

hipotéticas. Os resultados da análise dos dados mostram a ocorrência de narrativas, apresentadas como sustentações objetivas e formatadas inferencialmente por meio de fatos objetivos, que revelam a avaliação subjetiva do locutor sobre normas ou comportamentos sociais. Os aspectos culturais subjacentes às narrativas do funcionário recém-contratado projetam implicitamente uma avaliação sobre as dificuldades da empresa de se comportar do modo que seria apropriado a uma cultura empreendedora. Os fatos objetivos narrados pelos funcionários antigos revelam quais valores sociais estão sendo avaliados, apontando para uma cultura organizacional que associa à hierarquia uma alta distância social entre as pessoas.

SC-XIX – Gêneros e produção de texto

Coordenação: Profa. Bárbara Hemais, PUC-Rio

Gêneros do discurso e progressão curricular: uma análise a partir do livro didático

Terezinha Toledo Melquíades de Melo (FACED/UFJF)
Juliana Clara Pinton (FACED/UFJF/FAPEMIG)

Neste trabalho, a teoria da enunciação (BAKHTIN, 2003) e o interacionismo sociodiscursivo, proposto pelo grupo de Genebra (SCHNEUWLY & DOLZ, 2004), subsidia as reflexões metodológicas. Tendo como base cinco tipos textuais - narrar, expor, instruir, argumentar e relatar - os autores propõem um enfoque de agrupamento de gêneros a partir de três critérios de referência: domínios sociais de comunicação, aspectos tipológicos e capacidades de linguagem dominantes. Tal proposta representa a possibilidade de um trabalho didático com os gêneros e configura-se como uma forma da escola responder às finalidades sociais, no sentido de ampliar a competência discursiva dos alunos e suas capacidades de linguagem. Apesar de os livros didáticos representarem hoje, tanto para o professor quanto para o aluno, um importante instrumento para o trabalho com a língua materna, sabe-se que muitas vezes eles não se inserem na perspectiva de língua enquanto processo de enunciação. Esse fato distorce a relação produtiva possível entre gênero e ensino. Ao findar a análise observou-se que o material apresenta uma grande diversidade de gêneros textuais, mas estes não são

organizados numa progressão curricular de modo a favorecer a apropriação de suas características e compreender seus usos sociais. O gênero é concebido e usado para o ensino de aspectos ortográficos e gramaticais.

Charge e Notícia: paródia ou paráfrase

Juliana dos Santos Ferreira (UERJ)

Observando a primeira página do jornal por dois meses seguidos (março/abril de 2010) constatamos que as charges produzidas por Chico Caruso obedeciam muitas vezes a uma seqüência, estabelecendo uma relação de intertextualidade entre si. Além da relação de intertextualidade entre as charges publicadas em dias diferentes, também observamos que essas charges mantêm uma relação de intertextualidade com as notícias publicadas nos mesmos exemplares e em exemplares anteriores. Essas observações impulsionaram uma pesquisa que investigou a relação de intertextualidade existente entre notícias e charges da seqüência publicada do dia 26 ao dia 29/03/2010, cujo tema é "disputa eleitoral", considerando o conceito de intertextualidade de Kristeva (1974). Em todas as charges publicadas nesse período, encontramos a representação do presidente Lula, com roupa de juiz de luta de boxe, e a dos candidatos Dilma e Serra, ambos com luvas de boxe. Assim, o principal objetivo do trabalho consistiu em revisitar o conceito de intertextualidade, considerando as relações charge/charge e charge/notícia veiculadas na primeira página de O Globo. Utilizamos na pesquisa uma abordagem cognitivista, tendo como embasamento teórico a Teoria da Integração (Mesclagem) Conceptual de Fauconnier e Turner (2002) e a Teoria das Metáforas Conceptuais de Lakoff e Johnson (1980). Esse tipo de abordagem nos permite ultrapassar o material linguístico e entender como as relações intertextuais são processadas no momento em que o leitor lê a primeira página do jornal.

A categorização do gênero textual "anúncio": Uma análise histórica

Anderson Godinho Silva (UERJ / CAPES)

Apresenta-se, neste trabalho, uma descrição do gênero textual "anúncio". Tal descrição justifica-se pelo fato de haver, dentro de um rótulo denominado "anúncio", vários outros gêneros. Há algumas evidências que permitem a subdivisão do anúncio em outros gêneros. Uma delas é a possibilidade de se encontrarem tradições discursivas distintas em cada subcategoria de anúncio. A noção de tradição discursiva utilizada neste trabalho vai ao encontro da proposta de Kabatek (2006). Para o presente trabalho, foram contabilizados os anúncios encontrados no corpus VARPORT, com os seguintes objetivos: i) subcategorizar o rótulo "anúncio"; ii) determinar qual subcategoria é mais

frequente em cada século (XIX e XX) e iii) observar possíveis tradições discursivas em cada subcategoria de anúncio. Adota-se uma visão funcionalista já que se fará um estudo em que se considera a língua em seu uso real. A metodologia utilizada neste trabalho é a da análise histórica do discurso, pois se fará um estudo de um gênero textual no que tange às suas propriedades linguísticas bem como suas condições comunicativas. Analisando os anúncios dos séculos XIX e XX referentes ao português brasileiro, encontraram-se 6 (seis) subcategorias de anúncios: 1) venda, aluguel; 2) classificados (prestação de serviço); 3) comunicado (de um evento, de casas lotéricas, de saída de barco); 4) "achados e perdidos" (perda de objeto, fuga de escravo, desaparecimento de pessoas); 5) propaganda (de um produto específico, de uma loja) e 6) "Passo o ponto" (transferência de estabelecimento).

O conceito de gênero e a concepção de linguagem presente nas Orientações Curriculares de Língua Portuguesa para o ensino médio

Sandra Mara Moraes Lima (PUC-SP)

O trabalho se propõe a analisar o texto das Orientações Curriculares de Língua Portuguesa para o Ensino Médio, propostas pelo MEC em 2006, no que diz respeito à presença e à pertinência de conceitos bakhtinianos presentes no texto. O objetivo da análise é apresentar qual a concepção de linguagem adotada, demonstrando incoerências no caminho epistemológico apontado. Objetiva, ainda, verificar o conceito de gênero que permeia o texto, demonstrando que há uma imprecisão na abordagem desse conceito, que ora aponta para gêneros discursivos, ora para gêneros textuais. A fundamentação teórica que embasa a pesquisa é respaldada na perspectiva de Bakhtin e o Círculo. A análise empreendida pretende demonstrar que o conceito de gênero concebido pelo Círculo bakhtiniano abarca a essência da língua, a discursividade, considerando primordialmente a construção dos sentidos, tratando-se, dessa maneira, de gênero discursivo, o que vai além do gênero textual. O texto das Orientações Curriculares, embora em alguns momentos aponte para o gênero discursivo, traz, predominantemente, a concepção de gênero textual, uma vez que a proposta dimensiona as instâncias lingüísticas, textual e pragmática, com níveis separados de análise. Nosso intento é demonstrar que o texto das Orientações Curriculares apresenta incoerências no que diz respeito à concepção de linguagem e o conceito de gênero veiculado, trazendo pouca contribuição para os professores no sentido de esclarecer acerca de uma metodologia mais significativa e profícua no ensino da língua materna e, ainda, demonstrar como a visão, trazida pelo Círculo de Bakhtin, parece ser mais fecunda no que diz respeito ao ensino de língua materna.

A imagem do jornal e a produção do texto jornalístico: Entre o impresso e o digital

Telma Domingues da Silva (UNIVAS)

A proposta geral é compreender as relações entre texto e discurso, enquanto noções na Análise de Discurso, no âmbito da produção textual e discursiva na Mídia. Retomo, nesse momento, a distinção, sobre os processos de produção do discurso, entre constituição, formulação e circulação (Orlandi 2001), sendo que abordo mais diretamente a formulação e circulação nesta análise. As mudanças ocorridas em 2010 nas redações dos jornais Estado e Folha foram tomadas como objeto de análise, através de um corpus que inclui o material produzido pelas duas empresas (vídeos, encartes etc.), através dos quais estas se dirigem ao leitor para falar sobre as reformulações que são feitas, nesse momento, em que o jornal se desdobra, sendo um produto digital e um produto impresso. Tais reformulações são tomadas como acontecimento discursivo (Pêcheux 1990) que, mobilizando a memória discursiva sobre o fazer jornalístico e sobre o jornal, permitem uma compreensão dessa prática hoje. A divisão da prática jornalística entre o impresso e o digital coloca questões sobre a identidade do jornal, e a ameaça de seu fim. Os enunciados analisados mostram, pois, o modo como se dá na prática do jornalismo um re-investimento sobre o “corpo” do jornal e um trabalho sobre esse texto, que é cada vez mais voltado para o consumo da imagem, e para a valorização de uma identidade corporativa (o Estado é o Estado e a Folha é a Folha, nos dois meios).

SC-XX – Plurilinguismos e outras Interfaces no Ensino de LE (LIDIL 03)

Coordenação: Profa. Sílvia Becher (PUC-Rio / UFRJ)

A abordagem plurilinguística de ensino de LE: Integrando os desafios da globalização e a interculturalidade

Victor Ernesto Silveira Silva (Universidade do Estado da Bahia)

Este artigo apresenta uma investigação sobre a relação entre abordagem de ensino, aprendizado e avaliação de LE proposta pelo Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas (QECL) e as perspectivas recentes a respeito do ensino de LE e os desafios da educação para o século XXI. O QECL foi desenvolvido pelo Conselho da Europa (instituição fundada com finalidade de fortalecer os estados europeus e facilitar a afirmação de acordos e convênios entre as nações) o qual valorizou as pesquisas que

propunham escalas para nivelamento de proficiência em LE partindo da compreensão da multiculturalidade e multilingüismo que caracteriza a Europa. Como fundamento primordial o QECRL apresenta uma perspectiva geral voltada para a ação, (caracterizada como plurilingüística uma vez que preconiza a inter-relação entre as línguas aprendidas) considerando o aprendiz como o centro do processo de ensino e aprendizado de LE. Nesse sentido, para o uso comunicativo da língua o falante desenvolve uma série de competências gerais como conhecimento declarativo (saber), competência de realização (saber fazer), competência existencial (saber ser, saber estar) e competência de aprendizagem (saber aprender). Esses componentes também estão relacionados aos quatro pilares da educação propostos no relatório da Comissão Internacional para Educação do século XXI da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO). Nesse documento Delors (1996) afirma que para enfrentar as tensões que se formarão no decorrer do século XXI, devido á globalização, o sentimento de falta de consistência cultural e muitos outros problemas de ordem social que serão conseqüências diretas da crescente interdependência entre povos, a educação precisa ter como alicerces quatro pilares: saber ser, saber fazer, saber conhecer e saber viver junto. A relação entre tais perspectivas tem contribuído para o desenvolvimento dos conceitos de consciência intercultural e competência comunicativa intercultural no ensino de LE.

“Desestrangeirizar” a aula de leitura em E/LE nos Ciclos de Formação Humana da Rede Municipal de Ensino de Itabuna-Ba: uma proposta possível?

Juliana Ferreira Chaves (UESC/BA)

Maria D’Ajuda Alomba Ribeiro (UESC/BA)

A presente comunicação tenciona refletir/discutir acerca de uma possível desestrangeirização da aula de leitura em Língua Espanhola nos Ciclos de Formação Humana da Rede Municipal de Ensino em Itabuna-Bahia. Apesar do vasto número de estudos dedicados à compreensão leitora em LE, percebe-se que o tratamento metodológico ainda privilegia um modelo tradicional que a contempla como habilidade passiva de mera decodificação e tradução linear de palavras, o que caracteriza uma tarefa incipiente de mera transposição de vocábulos de uma língua a outra. Trabalhamos com a concepção de língua e leitura que pressupõe a compreensão leitora como um processo inevitável de interlocução entre leitor e autor mediado pelo texto, ou seja como espaço de dialogismo no sentido bakhtiniano, onde o sujeito leitor interage com o texto, adquirindo uma visão de mundo mais ampla criando maneiras de (des)construir sentidos do e no mundo. Para falar de leitura em E/LE utilizamos o termo “desestrangeirizar” (ALMEIDA FILHO:2002), pois para esse autor a “nova” língua para se desestrangeirizar precisa ser aprendida para e na comunicação sem se limitar exclusivamente ao domínio

de estruturas e do seu funcionamento enquanto sistema.

Uma reflexão sobre a terapia wittgensteiniana e a pedagogia de línguas estrangeiras na escola

Cristiane Cerdera (Colégio Pedro II – RJ)

Este trabalho reflete acerca do papel da filosofia do segundo Wittgenstein para a pedagogia de línguas estrangeiras, tomando-se como ponto de partida uma atividade de produção escrita em inglês feita por alunos do 7º ano do ensino fundamental de uma escola pública federal no Rio de Janeiro. Os variados questionamentos levantados por eles acerca dos impasses relacionados ao uso de determinadas estruturas da língua inglesa demonstrou a aparente dificuldade para pensar tais impasses através de paradigmas mais consolidados nos estudos linguísticos. Por conseguinte, buscou-se na filosofia de linguagem do segundo Wittgenstein elementos que pudessem lançar luz sobre um contexto recorrente em sala de aula: o descompasso existente entre ensino de 'gramática' e 'uso' da língua. Estando alinhado ao pensamento de outros autores (notadamente Gottschalk, 2007 e Oliveira, 2004), defende que a concepção wittgensteiniana de linguagem – essencialmente pragmática – e de filosofia como 'terapia' pode contribuir para o entendimento dessa e de outras questões no que diz respeito ao ensino de línguas. Dada a natureza da investigação aqui proposta e a convergência entre a filosofia de Wittgenstein e a Prática Exploratória, valemo-nos da atitude reflexiva da última (como forma de 'estar' dentro e fora de sala de aula para entender a vida no contexto escolar) na busca de entender as questões aqui levantadas. Consoante a atitude exploratória supra citada, não serão apresentados 'resultados', mas sim desdobramentos à questão inicial.

Português Brasileiro Falado: Um caso de gramática high-context?

Ebal Sant'Anna Bolacio Filho (PUC-Rio)

O tema principal do presente trabalho é o humor. O ponto central do estudo consiste em analisar o estereótipo extremamente arraigado segundo o qual o brasileiro seria alegre e bem-humorado por natureza, enquanto o alemão seria o protótipo da falta de humor. A hipótese postulada é que as características do humor de cada uma das sociedades em questão refletem e grande parte a dicotomia low-context/high-context cunhada por Hall (1976). Como Whorf e Sapir, ele também constatou que o modo de pensar de cada sociedade se refletia nas formas de se expressar de cada uma. Ainda que a teoria Whorf-Sapir em sua versão forte tenha sido rechaçada posteriormente

(determinismo linguístico), sua versão moderada (relativismo) foi a base desse ramo de investigação das Ciências Sociais que ganhou tanto relevo e importância no Pós-Guerra. Whorf tentou mostrar que categorias como presente/passado/futuro de pouco serviam para definir o modo de pensar e ver o mundo dos povos nativos norte-americanos. Tal constatação já havia sido feita por estudiosos europeus em sua tentativa de utilizar nomenclaturas da gramática latina para língua que não pertenciam ao ramo indo-europeu. No caso do português brasileiro, levanto a hipótese de ter ele uma forma bastante indireta de se expressar que corresponderia à característica high-context da sociedade brasileira. Tal característica estaria presente ao constatarmos p.ex. que os pronomes pessoais anafóricos, considerados indispensáveis ao bom encadeamento lógico do discurso funcionam, no português brasileiro falado, de forma bem diferente das línguas européias que são e foram por mim são ensinadas aos meus compatriotas.

Reconstruindo identidades discursivas de e raça na sala de aula de língua estrangeira

Aline da Silva Azevedo

A presente comunicação parte da ideia de que alunos negros no Brasil costumam ter suas experiências envolvendo racismo e estigmatização silenciadas no contexto educacional, devido a práticas pedagógicas institucionalizadas, que tratam de temas como discriminação e diferença de forma apenas periférica. Levando em conta tal cenário, o objetivo deste trabalho é investigar a possibilidade de (re)construção das identidades de raça de alunos em termos menos naturalizados e estigmatizados. Para tal, o estudo reflete sobre a operacionalização de uma proposta de intervenção encaminhada por uma professora-pesquisadora junto a seus alunos de 6º ano (5ª série) na sala de aula de Inglês como Língua Estrangeira, em uma escola municipal situada na região metropolitana do Rio de Janeiro. Essa intervenção foi levada a efeito em oito aulas, nas quais os participantes eram estimulados a refletir criticamente sobre os sentidos tradicionalmente atribuídos às identidades negras, sem, contudo, incorrer na essencialização de uma negritude de caráter fechado – orientada por um tipo de ação denominado “essencialismo estratégico” (SPIVAK, 1993). Ancorado por uma visão sócio-construcionista do discurso e das identidades sociais (MOITA LOPES, 2002), a qual pressupõe que o discurso é construtor de realidades e identidades sociais, por uma abordagem multiculturalista (BANKS, 2002) e por uma epistemologia pós-colonial (SANTOS, 2004), o estudo segue o paradigma interpretativista, tendo contornos de pesquisa etnográfica crítico-intervencionista. Os dados gerados, analisados com o auxílio de ferramenta analítico da Sociolinguística Interacional (GOFFMAN, 1979/ 1998; GUMPERZ, 1998), mostram que a sala de aula pode ser caracterizada como um fórum de reflexão sobre produtos culturais construtores de noções de verdades.

SC-XXI – Metáfora e mesclagem na cognição (LIDIL 04)

Coordenação: Sandra Bernardo (UERJ / PUC-Rio)

Mesclagem conceptual na compreensão de cartum

Sandra Bernardo (UERJ/PUC-Rio)

Postula-se a conceptualização de um cartum, a fim de mostrar como a compreensão desse tipo de texto requer operações cognitivas complexas. O cartum analisado, obtido no Google Imagens, ilustra a imagem de médico, com expressão positiva, diante de um paciente com uma faca literalmente cravada nas costas, exibindo expressão séria, e o seguinte texto abaixo da imagem: “Tenho boas notícias. Os testes mostram que se trata apenas de uma metáfora”. A proposta, apresentada aqui, baseou-se nas interpretações de 45 alunos do primeiro período de uma universidade do Rio de Janeiro. O trabalho fundamenta-se nas teorias da mesclagem e da metáfora conceptuais (Fauconnier e Turner, 2002; Lakoff e Johnson, 1980), ferramentas que se revelaram extremamente adequadas à análise do cartum, porque permitem estabelecer hipóteses sobre o funcionamento do raciocínio criativo, imaginativo, que torna os seres humanos capazes de produzir e compreender operações mentais complexas, como inferir, hipotetizar, inventar, criar mundos, realizar analogias etc., mesmo sem perceber, por meio da compressão relações conceptuais, denominadas vitais por Fauconnier e Turner (2002: 93ss). Entre as relações vitais apresentadas pelos autores, destaca-se a compressão-descompressão de analogia-desanalogia, causa-efeito, mudança, representação e identidade, porque, para a construção de sentido irônico da imagem aliada ao texto no cartum, o leitor precisa acionar e cancelar conhecimentos armazenados, na forma modelos cognitivos idealizados, quanto ao conceito de metáfora e sua relação com o dito “ser apunhalado pelas costas” para conceptualização desse tipo de produção artística, que configuraria uma rede de escopo duplo assimétrica.

Extensões da metáfora literária

Antonio Marcos de Oliveira e Luciano Oliveira Camara (UERJ)

O objetivo do presente estudo consiste em demonstrar, a partir da teoria da Metáfora Conceptual (Lakoff e Johnson, 1980; Kövecses, 2002), que a metáfora é um fenômeno mental subjacente à linguagem, seja cotidiana ou literária. Essa hipótese é fundamentada nas asserções basilares da Linguística Cognitiva de que metáforas conceptuais estão presentes tanto nas conversas cotidianas quanto nas manifestações literárias e artísticas mais elaboradas. Lakoff e Turner (1989) afirmam que os grandes poetas são capazes de se comunicar conosco porque se utilizam de modos de pensamentos que todos nós possuímos. Acerca do exposto, Kövecses afirma que as metáforas poéticas são construídas por processos de extensão, elaboração, questionamento ou combinação, objetivando a criação de novos conceitos. A metáfora poética faz emergir novos conceitos ou formas de pensar, provocando a ruptura de estruturas conceptuais e lingüísticas já cristalizadas pelos falantes. Enquanto os discursos que se pretendem reprodutores fieis da realidade se esmeram em alcançar uma objetividade que se mantém fugidia no horizonte, o poeta, percebendo a incapacidade de captar o real pelas palavras, exercita sem remorsos sua condição de criador. O uso e a criação de expressões metafóricas multiplica-se virtualmente ao infinito. Isso como que estimula o poeta a alçar voos ainda mais elevados. O poeta leva o caráter metafórico da linguagem a territórios inexplorados pelo falante comum e pelos discursos que se pretendem objetivamente realísticos. Portanto, a partir de poemas da literatura da língua portuguesa selecionados, pretendemos desvelar metáforas conceptuais subjacentes às metáforas presentes em tais poemas.

O artifício de extensão na metáfora da “luta”

Naira de Almeida Velozo (UERJ/ FAPERJ)

Lakoff e Johnson (2002[1980], p.45) afirmam que a metáfora não é apenas um ornamento retórico, pois “está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação”. Neste artigo, escolheu-se como objeto de estudo a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA, a qual permite que o conceito de discussão seja parcialmente estruturado pelo conceito de guerra. Tendo em vista esse objeto, alguns exemplos de realização lingüística dessa metáfora foram obtidos da primeira sessão de um caso de mediação endoprocessual. Parte-se da hipótese de que a metáfora da “guerra” seja uma extensão da metáfora da “luta”, chamada de metáfora primária. Dessa forma, objetiva-se observar que elementos conceptuais são introduzidos no domínio LUTA, para que se construa, por meio do artifício cognitivo de extensão, o domínio GUERRA, o que possibilita a compreensão da formação da

metáfora DISCUSSÃO É GUERRA. Portanto, este estudo de caso será fundamentado pelo seguinte arcabouço da Linguística Cognitiva: teoria da metáfora conceptual, hipótese da corporificação e princípio de projeção entre domínios conceptuais. Os resultados dessa pesquisa indicam que os elementos conceptuais plano de estratégia e forças marciais foram introduzidos no domínio LUTA para que o domínio GUERRA se formasse, o que possibilitou a existência da metáfora da “guerra” no sistema conceptual humano. Nota-se também que essa extensão se relaciona a propósitos argumentativos, intensificando a força dos argumentos em uma discussão.

Uma análise da Metáfora Conceptual na Língua Brasileira de Sinais

Paula Helouise Oliveira/ Mestranda Linguística (UERJ)

A Linguística Cognitiva apresenta a linguagem como uma manifestação visível dos processos cognitivos, e não como uma faculdade mental isolada. A estrutura da linguagem e seu uso são partes de uma organização cognitiva maior que abrange modelos sociológicos e culturais, aprendizagem, desenvolvimento psicológico e projeções neurobiológicas. Essa conceituação justifica a escolha da Linguística Cognitiva como norteadora deste trabalho, uma análise de determinados sinais e processos dialógicos ‘com’ e ‘entre’ surdos falantes da LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais; sendo possível analisar qualitativamente as manifestações metafóricas e particularidades apresentadas por tais indivíduos no processo de conceptualização, considerando-se os pressupostos teóricos propostos por Lakoff e Johnson (1987), postulados na Teoria da Metáfora Conceptual. Sabemos que surdos e ouvintes vivenciam experiências físicas e culturais de maneira diferente. Para os surdos, o sentido da visão é mais influente no processo de significação do mundo e aquisição de conhecimento do que o sentido da audição, uma vez que estes compreendem o mundo que os cerca mais pelos ‘olhos’ que pelos ‘ouvidos’. Tomando-se tais diferenças, o presente trabalho objetiva verificar se as metáforas conceptuais podem ser encontradas na LIBRAS, buscando a verificação da coerência com o sistema metafórico proposto por Lakoff e Johnson (1987), tendo por finalidade esclarecer que a LIBRAS, uma língua rica como todas as outras com estrutura e gramática próprias e naturalmente adquirida, também possui rico arsenal metafórico originado de atos pragmáticos. A parte empírica do trabalho foi concebida a partir de experiências com surdos (projetos, prática clínica e pesquisa direcionada; além de interação informal em diferentes eventos comunicativos).

O discurso midiático acerca dos relacionamentos amorosos juvenis

Ana Paula Ferreira (Mestranda PPG Letras - UERJ)

Reconhecendo a pluralidade das representações acerca dos relacionamentos amorosos oferecida pela mídia, minha intenção no presente estudo foi a de verificar o conceito de amor existente nas produções impressas e quais os recursos utilizados por estas quando os jovens são os co-enunciadores, averiguando se há uma forma de relacionar-se privilegiada atualmente pelos instrumentos midiáticos voltados para a juventude. Para tanto, contei com um diálogo entre duas teorias da área da linguagem, Linguística Cognitiva, em especial a Teoria da Metáfora Conceptual, e Análise de Discurso de linha francesa, visando à compreensão do modo como os jovens agem e interagem no meio social e a atribuição de sentido aos múltiplos discursos em que eles se encontram inseridos. O corpus foi constituído por artigos da Revista Capricho que trataram sobre relacionamentos amorosos, analisados conforme as teorias citadas. Nas edições consideradas, as metáforas conceituais indicavam, em sua maioria, uma representação do outro com o qual a leitora se relaciona afetivamente como objeto, alimento, forma de investimento, ou como adversário. A visão de uma sociedade pautada pelas relações de mercado, utilitarista e individualista parece ser corroborada. Os relacionamentos se mostram fluidos, imediatistas, com validade até o momento em que houver conveniência.

SC-XXII – Sociolinguística (LIDIL 02)

Coordenação: Valéria Chiavegatto (UGF / UERJ)

Mais do Menas: onde a Exposição jamais esteve!

Thayane Santos Antunes (UERJ) / Ricardo Joseh Lima (UERJ)

“Menas – o certo do errado, o errado do certo” foi uma exposição realizada pelo Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, no primeiro semestre de 2010. Nesta comunicação, pretendemos analisar os objetivos dessa exposição fazendo uso dos textos explicativos disponibilizados pelos seus idealizadores, entrevistas dadas pelos mesmos e relatos de visitantes da exposição. Argumentaremos que: (a) a discussão dos conceitos de “certo” e “errado” aconteceu de modo superficial e (b) ainda assim (ou por causa disso), essa discussão não conseguiu ser concretizada pela exposição e não atingiu o efeito desejado nos relatos analisados. A partir disso, apresentaremos uma outra proposta de abordagem para explorar a discussão sobre os conceitos de “certo” e de “errado” em se tratando da Língua Portuguesa falada no Brasil. Essa proposta possui um caráter fortemente divulgador e radical, pois acompanha ideias

veiculadas por linguistas como Marcos Bagno, que propõe que a Linguística deve promover discussões e esclarecimentos a respeito dos conceitos de “certo” e “errado”. Retomamos, assim, uma das tarefas da Linguística tal como foi proposto por Saussure, no final do segundo capítulo do Curso de Linguística Geral, qual seja, a de socializar o conhecimento proveniente desse campo de estudos. Utilizando ferramentas como o vídeo, acreditamos que essa tarefa possa ser cumprida com mais êxito quando a abordagem privilegia um espaço de diálogo com os dois lados da questão do “certo” e do “errado” no Português Brasileiro.

As estratégias de relativização padrão e não padrão no português culto carioca na década de 1990

Elaine Alves Santos Melo (UFRJ)

No português brasileiro, segundo Tarallo (1993), atuam três tipos de estratégias de relativização: padrão – quando o uso do pronome relativo segue a norma prescrita pela gramática tradicional; a copiadora ou relativa com pronome lembrete – uma forma pronominal co-referente ao sintagma nominal relativizado aparece como lembrete; e, a estratégia cortadora que se restringe aos casos em que o sintagma nominal relativizado é um objeto preposicionado e tem a sua preposição cortada. Percebe-se que a norma do português brasileiro difere da daquilo que as gramáticas tradicionais prescrevem, principalmente no que diz respeito as estratégias de cortar o preposição e de usar um pronome lembrete. Tarallo (1993) comprova que no português brasileiro as relativas cortadoras estão mais presentes do que as copiadoras. Talvez, a presença de cortadoras em maior índice que as copiadoras esteja relacionada a questão do estigma social carregado, por esta, última. Ou seja, por hipótese, a pragmática estaria influenciando na produção dessas estruturas. É importante verificar que o aparecimento de tais processos linguísticos em dados produzidos por falantes classificados como culto indica que esta já é uma mudança em um estágio bem avançado na língua. Isto porque a mudança teria começado nas classes mais baixas, caracterizando o que Labov (1994) chama de mudança de baixo para cima. Para uma descrição mais clara desse fenômeno no português brasileiro é importante verificar como as estratégias de relativização atuam nos registros escrito e oral produzidos por falantes cultos. Assim, este trabalho preocupar-se-á com um pequena descrição dessas estratégias na norma culta carioca, produzidas na década de 1990 em textos orais e escritos: editoriais, artigos e anúncios. A hipótese é que por ser um Corpus da norma culta a estratégia padrão prevalecerá sobre as demais. Estas estarão mais presentes nos indivíduos com faixa etária mais baixa enquanto que aquelas ocorrerão mais frequentemente no registro escrito e nos dados da faixa III. Outra hipótese é que na oralidade os índices de estratégias não padrão estarão mais presentes.

“Ocê percisa di vê”! Chico Bento e a variação linguística

A pesquisa aborda a questão da variação da língua nas obras de “A Turma da Mônica”, tendo o personagem Chico Bento como objeto de investigação. Demonstra, a partir de suas falas, que o fato de o Brasil inteiro se utilizar de um mesmo sistema de comunicação não significa dizer que exista uma unidade linguística. Para isso, este trabalho se constitui de análises bibliográficas de gibis desde a década de 70 até os dias atuais, associando os fenômenos linguísticos que ocorrem no nosso idioma e enaltecendo a importância de descrevê-los para o leitor/falante da língua portuguesa a fim de oferecer ferramentas para a leitura e compreensão textuais. A descrição deste fenômeno da língua, de acordo com o grupo social em que participa, prova como o meio de comunicação evoluiu para atender às necessidades do leitor, inserindo o estudo da linguagem e apresentando-lhes conceitos de competência linguística. O presente artigo conta com embasamento teórico acerca da história em quadrinhos e princípios da produção textual, sob o ponto de vista diacrônico para bom entendimento da linguagem do personagem, sem desconsiderar o gênero, o tempo, as condições, e o público a que é destinado, pois se trata de uma variação regional por ser habitante de uma região não central, confirmando que o Brasil, apesar de ser um país monolíngue, não possui homogeneidade linguística. Portanto, pode-se assim dizer que Maurício de Sousa soube reconhecer esta diferença com a evolução de suas HQs.

A presença de unidades fraseológicas no Atlas Linguística do Ceará (2010)

Vicente Martins (UVA/ UFC/FUNCAP)

Os objetivos da presente pesquisa são: a) recenseamento das unidades fraseológicas, presentes no Atlas Linguístico do Ceará (ALECE, 2010), publicado em 2010, sob a coordenação do Professor Dr. José Rogério Fontelene Bessa (UFC); b) classificação das unidades fraseológicas a partir das tipologias fraseológicas propostas por Mario García-Page Sánchez, Gloria Corpas Pastor, Alberto Zuluaga e Carmen Mellado Branco e c) verificação das variantes ortográficas das unidades fraseológicas, registradas no ALECE, nas edições de 2001 e 2009 do Dicionário de Houaiss. Inicialmente, recenseamos as unidades fraseológicas, registradas pelo ALECE, decorrentes do universo vocabular dos informantes escolarizados e dos informantes analfabetos. Para a descrição das unidades fraseológicas, consideramos as seguintes abordagens: (a) a etnolinguística, avaliando os procedimentos dialetológicos adotados pela pesquisa, através das técnicas de pré-questionário e questionário, para a coleta e a análise dos dados lingüísticos e extralingüísticos; b) a cognitiva, considerando as estratégias psicolingüísticas, utilizadas pelos documentadores, para a recuperação de itens lexicais armazenados, nas memórias declarativas de longo prazo (semântica e episódica) de seus entrevistados e (c) a lingüística estrutural e lexicológica, análise das unidades fraseológicas, presentes no ALECE, a partir da teoria da composição e da sinapsia em

E. Benveniste. Os resultados preliminares da análise do ALECE apontam para um baixo registro de expressões idiomáticas e um significativo número de compostos e locuções nominais (adjetivas, adverbiais, substantivas e verbais) evocados pelos informantes escolarizados e analfabetos. Na análise dos lexemas, verificamos que unidades fraseológicas como, por exemplo, “antes de ontem”, “ante de ontem”, “antes de antes de ontem”, “antes de ontem-ontem”, “caiu um toró de chuvas”, “chuvas de muita água”, “(es) tá só neblinando”, entre outros, apresentam as seguintes características fraseológicas: (a) pluriverbalidade; (b) fixação; (c) Idiomaticidade; (d) Institucionalização; (e) Estrutura sintagmática e (f) Nominação e (g) Anomalia.

Repetições e perguntas como estratégias de processamento discursivo no português falado na região de Muriaé, MG

Amitza Torres Vieira; Alessandra Maria Custódio &
Vinícius Martins Galvão (FAFISM)

Este trabalho faz parte de um projeto maior de organização de um banco de dados anotado do português falado na microrregião de Muriaé, na Zona da Mata Mineira. A perspectiva teórica tem como enfoque principal o uso da língua em seu contexto social, especialmente identificada com as orientações da Análise da Conversação (Marcuschi, 2000; Koch, 2001) e da Sociolinguística Interacional (Gumperz, 1982). As anotações no campo de pesquisa foram realizadas segundo a abordagem da Etnomedologia (Coulon, 1995). O presente estudo tem como objetivos apresentar os corpora coletados nos municípios de Muriaé e Miradouro, no ano de 2010, e explicitar estratégias usadas pelos falantes no processamento discursivo. São focalizadas as repetições e as perguntas, com o objetivo de identificar seus tipos e funções a partir dos trabalhos de Marcuschi (2002), Hilgert (2001) e Fávero et al (2002). As amostras de interação, gravadas em MP3 e transcritas de acordo com as normas propostas por Sacks, Schegloff & Jefferson (1974) e Atkinson & Heritage (1984), abarcam conversas espontâneas em situações familiares. Os resultados da análise mostram heterorrepetições lexicais, que contribuem para a continuidade tópica, a interatividade e a ratificação; heterorrepetições de estruturas sintáticas oracionais e suboracionais, que atuam reafirmando e confirmando informações; e paráfrases, que funcionam especificando ou complementando o termo parafraseado. Os seguintes tipos de perguntas foram identificados: pedidos de informação, de confirmação e de esclarecimento. No que tange à função, a análise aponta para a atuação das perguntas no processamento da fala, funcionando na introdução, continuidade e mudança do tópico discursivo.

SC-XXIII – Estratégias argumentativas no discurso jornalístico,
político e religioso

Coordenação: Profa.Tânia Conceição Pereira (LIDIL 03)

Por uma gestão emocional sustentável: A metáfora como recurso
persuasivo em uma reportagem sobre ecologia emocional

Ana Maria de Carvalho Leite

Com base na ideia de que a metáfora estabelece ligações entre argumentos lógicos e emocionais, tendo em vista os estudos de Lakoff & Johnson (1980), Steen (1999), Gibbs (1999), e Zaltman (2008), verificamos neste artigo como as expressões metafóricas empregadas em uma reportagem podem exercer importante papel persuasivo de sensibilizar o leitor. Procura-se focar, pela expansão crescente de seu domínio social, a linguagem jornalística, que, com frequência, lança mão de metáforas para atingir seus objetivos publicitários de divulgar produtos, serviços, ideias e/ou opiniões. Tomou-se como objeto de estudo uma reportagem sobre Ecologia Emocional, publicada na revista Marie Claire, da editora Globo, dirigida ao público feminino. O objetivo é analisar o papel persuasivo da metáfora, do ponto de vista sociocognitivo, em uma abordagem jornalística sobre a nova pedagogia do autoconhecimento, esoterismo, psicologia transpessoal, além de alguns métodos de equilíbrio psicológico e energético. Na análise, são seguidos os passos sugeridos por Steen (1999) para fazer o mapeamento conceitual, gerador das expressões metafóricas utilizadas na reportagem. Observou-se que as expressões metafóricas foram utilizadas estrategicamente para reforçar outros recursos, como imagens e cores que remetem ao meio ambiente. Percebe-se, enfim, que, à sugestão de posturas sentimentais sustentáveis, subjaz o apelo publicitário, que, por meio da metáfora conceitual, realizada linguisticamente, mobiliza elementos emocionais arraigados no universo feminino.

Metáforas em tempos de crise: O discurso de Franklin Roosevelt e Barack Obama

Cristiane Mendes (UFF)

Esta pesquisa investiga a metaforicidade no discurso inaugural de dois presidentes norte-americanos: Franklin Roosevelt e Barack Obama, por compartilharem a tradição democrata e a delicada situação econômica de seu país ao assumirem a presidência, respectivamente em 1933 e 2009. Tornou-se também objeto deste estudo pontuar as

principais estratégias retóricas utilizadas para transmitir confiabilidade a milhões de americanos e convocar o apoio da população, pelo viés das metáforas empregadas no discurso desses dois líderes políticos. Para explorar sistematicamente essas questões, o estudo baseou-se em teorias distintas, porém complementares, sobre metáfora, enfocando, primordialmente, os fundamentos da corrente sócio-cognitivista (eg. Lakoff, & Johnson, 2002; Kövecses, 2006) e a relação da metáfora com a cultura (Kövecses, 2002, 2005, 2007), a persuasão, a ideologia (Charteriz-Black, 2004) e o discurso (Cameron, 2008, 2009; Vereza, 2007). Aliou ainda este percurso da metáfora à tradição dos estudos da retórica, tendo como base a visão aristotélica, no que se refere, especificamente, à questão da audiência. A metodologia adotada para a análise do corpus em questão se baseou no paradigma qualitativo, pela natureza da investigação. Entretanto, a linguística de corpus teve uma breve contribuição na etapa inicial das análises, uma vez que o levantamento das palavras mais frequentes mostrou-se de grande valia a fim de determinar o conteúdo metafórico. O estudo revelou que a urgência de uma crise em momentos distintos da história sócio-econômica americana ajudou a construir o estilo de liderança que Roosevelt e Obama procuraram construir para convocar o apoio da população no proferimento de seus primeiros discursos como presidente. O conteúdo metafórico de seus discursos, marcado por metáforas linguísticas, que por vezes organizam-se em metáforas sistemáticas ou nichos metafóricos, ou revelam metáforas conceptuais, frames e cenários subjacentes, constituiu parte determinante de seus recursos retóricos.

Um estudo de cartas de leitores de jornal para o trabalho com argumentação na escola

Solange Nascimento da Silva (UERJ)

Nos jornais de modo geral, no caderno dedicado à opinião, há um espaço reservado para manifestação do público do jornal, que envia cartas e e-mails com opiniões, críticas, reivindicações, elogios etc. sobre temas e fatos do cotidiano. As cartas selecionadas para esta pesquisa foram retiradas da seção Cartas dos Leitores, do caderno Opinião, do jornal O Globo, em seu formato impresso. Esse tipo de texto configura-se como um gênero de natureza argumentativa. Neste trabalho, pretende-se expor uma breve análise das estratégias argumentativas utilizadas nessas cartas, como também apresentar propostas para o desenvolvimento de habilidades específicas de leitura e escrita em sala de aula. Para isso, procura-se verificar: a) Os fatores que delimitam as cartas de leitores de jornal como um gênero textual específico de caráter argumentativo; b) Algumas possibilidades para o estudo desses textos em sala de aula do ensino médio. Considerando essa abordagem, apresentamos análise de um grupo de cartas, indicando

alguns elementos próprios do texto argumentativo em sua macroestrutura, destacando tese e argumentos, assim como em seu contexto de produção, levando em conta os propósitos comunicativos. Por fim, relacionamos essa análise a uma aplicabilidade do trabalho com essas cartas no ensino médio, como estratégia produtiva para leitura e produção textual. Essa perspectiva pode favorecer a formação de alunos leitores mais reflexivos e produtores de texto mais eficientes e eficazes. Para isso, as cartas são um bom material, na medida em que o estudante pode interpretar e discutir diferentes pontos de vista sobre temas ligados à sua realidade, assim como formar suas próprias opiniões diante dela, como um exercício de argumentação e cidadania.

O Documentário no Discurso sobre a Fé

Luciana Leão Brasil (UNIVAS)

O documentário é um lugar para a observação do discurso. A partir de sua materialidade significativa é possível apreciar a materialidade específica da ideologia, tratada pela análise de discurso, funcionando socialmente e tendo a língua como base material. O foco de nosso olhar é o documentário *Nhá Chica – A Pérola de Baependi* (2004). Nesse tecido fílmico, analisamos os discursos a propósito de Francisca de Paula de Jesus Isabel. Nele observamos o funcionamento do interdiscurso na constituição dos sujeitos. Para dar conta dessa pesquisa, lançamos mão de conceitos da análise de discurso, bem como do procedimento de recorte elaborado por Orlandi (1984), referido à intersecção de diferentes materialidades de estudo, a fim de entendermos os percursos de sentidos e suas configurações frente ao interdiscurso. Observamos que os depoimentos, recortados em suas redes de filiações no interdiscurso constroem a identidade de Francisca de Paula, mas também mostram os indícios de seu processo de identificação junto às figuras santas. A partir da análise do não-verbal percebemos a força do discurso da fé encarnada que envolve *Nhá Chica*, mas também a necessidade do sujeito do cotidiano religioso “apanhar” essa fé. A análise da figura de *Nhá Chica* nos mostrou que a comunidade de Baependi se constitui na fé na devota de Nossa Senhora da Conceição. *Nhá Chica* tem sua crença também assegurada na sua interlocução com o divino, pois é uma figura mística, profética, milagrosa e acima de tudo uma figura de resistência no Sul Mineiro.

SC-XXIV – Análise do Discurso e trabalho
Coordenação: Profa. Máisa Aparecida Requena
(Grupo Atelier/LAEL PUC-SP/CNPq)

“Esse é o legítimo tá pessoal”: o discurso dos vendedores informais em situação de trabalho

Máisa Aparecida Requena (Grupo Atelier/LAEL PUC-SP/CNPq)

A observação das diversas maneiras de manifestações criativas do povo brasileiro nos permitiu localizar pessoas que encontraram um meio diferente de trabalho para enfrentar o problema da falta de emprego. Foi possível localizar, no interior dos trens metropolitanos de São Paulo, pessoas que espremem-se e equilibram-se no vai e vem do veículo, numa multiplicidade de vozes superam o balançar e o barulho do veículo e vendem, arriscam-se todos os dias. Trata-se de discursos produzidos por vendedores informais. Nesse sentido, a pesquisa tem por objetivo analisar os mecanismos discursivos que caracterizam a fala do vendedor informal. A investigação se enquadra na perspectiva desenvolvida por Dominique Maingueneau, mais precisamente, nas noções de interdiscurso, cenografia e ethos. Do ponto de vista metodológico, foram seguidas as seguintes etapas: (i) observação da atividade de trabalho dos vendedores e dos discursos produzidos por eles, (ii) anotações de campo sobre a atividade em situação de trabalho e sobre os discursos veiculados pelos vendedores e (iii) transcrição de algumas de suas falas. A análise revelou dois grupos de discursos: os discursos-slogans e os discursos-anúncios. Os primeiros apresentam uma cena de enunciação compatível com a de feira livre e os segundos, são semelhantes à cenografia de um leilão. A partir da análise da cenografia, emergiu o ethos dos enunciadores dos dois grupos. No discurso-slogan, o ethos é o de um enunciador ágil, discreto, invisível, enquanto no discurso-anúncio, a imagem discursiva é o de um enunciador bem-humorado, calmo, simpático, ágil e atento aos chamados dos clientes.

O conceito de exercício profissional no PPP do IL/UERJ

Alice Moraes Rego de Souza (UERJ) &
Vera Lucia de Albuquerque Sant’Anna (UERJ)

Desde 2006, os cursos de licenciatura vivem um contexto de reforma curricular. Motivada por políticas de educação que demandam a formação de um docente qualificado adequadamente para o exercício profissional, a reforma das licenciaturas, embora já implementada, mostra-se como um grande desafio às universidades e a seus institutos e faculdades, sendo, portanto, um importante assunto a ser discutido nas comunidades

acadêmicas. Nesse sentido, o presente trabalho destina-se a realizar uma análise do projeto político-pedagógico do Instituto de Letras (IL) da UERJ, tendo em vista seu surgimento atrelado à incorporação das novas exigências advindas da reforma das licenciaturas. Para tanto, buscou-se identificar intertextualidades no PPP que participam da proposta de formação em Letras no IL/UERJ, com o propósito de observar a construção de sentidos para formação e exercício profissional. Tudo isso, considerando as relações de espaço e tempo estabelecidas no universo do corpus em análise, as quais configuram o lugar desde o qual se enuncia. Foram utilizados como referenciais teóricos os conceitos de projeto político-pedagógico (Vasconcellos apud Baffi, 2002) e de gênero do discurso (Bakhtin, 2000), para caracterizar o corpus a partir de suas especificidades no espaço institucional, considerando a relativa estabilidade de sua estrutura; a ideia de intertextualidade e interdiscurso (Maingueneau, 2008), no que tange às diversas vezes que se manifestam no PPP do IL-UERJ, constituindo efeitos de sentido que sustentam as obrigações criadas com relação à formação docente em Letras; e, finalmente, algumas contribuições da ergonomia da atividade e da ergologia (Telles & Alvarez, 2004) para refletir sobre o exercício profissional docente, tomando o PPP como incluído no campo das prescrições para o trabalho e, ao mesmo tempo, como um espaço para a manifestação da voz do docente sobre sua atividade no interior de uma instituição.

Entrevistas com o Colegiado das Licenciaturas da UERJ: um diálogo em busca de traços que caracterizam a formação de professor de E/LE

Giselle da Motta Gil (UERJ)

Em nossa pesquisa nos voltamos para o estudo dos documentos relativos à formação do professor, mais especificamente à formação do professor de Espanhol/ Língua Estrangeira (E/LE). Procuramos conhecer traços do perfil de professor de Espanhol construídos a partir da Reforma UERJ/2006 da Licenciatura em Letras, através da análise das entrevistas realizadas com os membros do Colegiado das Licenciaturas (CL) da UERJ, dada sua importância na discussão e estabelecimento das bases para a implantação da Reforma das Licenciaturas na Universidade. Temos como objetivo: Identificar traços que caracterizam a formação de professor (de E/LE) no Instituto de Letras da UERJ, tendo como ponto de partida entrevistas realizadas com alguns membros do Colegiado de Licenciaturas (CL) dessa Instituição; Observar modos de constituição da Reforma, a partir de informações dadas pelos entrevistados sobre as questões discutidas nas reuniões do Colegiado e captar os interdiscursos presentes nos discursos dos entrevistados. Dessa forma, considerando a perspectiva de Daher, Rocha e Sant'Anna (2004) e nossos objetivos de pesquisa, construímos um roteiro da entrevista a ser realizada com membros desse Colegiado. Entrevistamos o coordenador do Colegiado na época das discussões da Reforma; os representantes da Faculdade da Educação e do CAP, e um representante

discente. Para as análises das entrevistas, tivemos como aporte teórico a Análise do Discurso de base enunciativa. (MAINGUENEAU, 1989, 2002, 2008) e sua noção de: discurso, sujeito discursivo, ethos, formação discursiva e interdiscurso. Nesta comunicação apresentaremos o início de nossas análises e algumas considerações feitas a partir da realização das entrevistas.

Competências, renormalizações e trabalho impedido: uma análise discursiva do dizer sobre o trabalho docente

Raphaela Dexheimer Mokodsi

Após a mudança de governo ocorrida em 2009, a Secretaria Municipal de Educação (SME) elaborou novos materiais de orientação, avaliação e revisão voltados para os alunos do 2º segmento do ensino fundamental nas disciplinas de Língua Portuguesa e de Matemática. Considerando tais fatos, esta pesquisa se propõe a analisar a fala de professores de Língua Portuguesa da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro sobre o seu trabalho. Foi realizado um grupo de discussão entre os professores cujo intuito era o de refletir sobre os discursos que circulam sobre o trabalho docente. Definiu-se o corpus da pesquisa a partir das noções de competências (SCHWARTZ, 1998), renormalizações (SCHWARTZ, 2002 e 2007) e trabalho impedido (CLOT, 2006), ambos os conceitos oriundos dos estudos das Ciências do Trabalho. Objetivou-se responder a seguinte pergunta: de que maneira o discurso dos professores, sobre a sua prática docente, dialoga com as novas diretrizes enviadas pela SME? Para tal, recorreremos aos materiais destinados a prescrever o trabalho do professor (Carta de Apresentação do Material, Orientações Curriculares de Língua Portuguesa-6º ano, Orientações Pedagógicas de Língua Portuguesa-6º ano, decretos e resoluções) e a avaliar os resultados das provas (resultados da prova diagnóstico, análise dos resultados das provas de revisão de Língua Portuguesa " 1º e 2º bimestres ", análise pedagógica das provas de Língua Portuguesa- " 1º e 2º bimestres) realizadas com as turmas de 6º ano. Nosso embasamento teórico para a pesquisa prioriza os estudos de Schwartz (1998, 2002 e 2007), Clot (2006), Souza-e-Silva (2004 e 2007), Daher, Rocha e Sant'Anna (2002) no que tange aos estudos do mundo do trabalho. Quanto aos estudos sobre a linguagem, partimos das propostas de Análise do Discurso de base enunciativa (MAINGUENEAU, 2001 e 2008) somadas à ótica bakhtiniana da linguagem (BAKHTIN, 2003). Os resultados nos possibilitaram apontar discursos circulantes subjacentes acerca do trabalho docente e refletir sobre tais construções de posições enunciativas que, em sua maioria, mostram diferenças entre o que é prescrito pela SME e o que relatam os professores.

SC-XXV – Discurso no contexto pedagógico (LIDIL 02)**Coordenação: Profa. Cláudia Bokel (UFRJ)**

Aplicando a linguística ao livro didático de biologia: Uma análise crítica

Antonio Fernando de Souza (UFRJ)

Este trabalho analisa um capítulo de uma obra didática do Ensino Médio, da disciplina de Biologia, verificando a adequação de seus textos ao que é disposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Objetiva comprovar a capacidade da obra avaliada em instrumentar os educadores na formação de pessoas aptas a entender o mundo onde atuam e a participar, de forma crítica e cidadã, na construção desse mundo. A obra em questão foi dissecada sob a perspectiva da Análise de Discurso Crítica (ADC). A avaliação do capítulo escolhido não irá enfatizar os seus aspectos técnicos, próprios do ensino da disciplina Biologia, e sim a pertinência entre textos/exercícios propostos e o que é recomendado nos PCNs. Ao final, restarão evidentes as contribuições da obra estudada na formação de cidadãos portadores de pensamento crítico, conscientes da multidiversidade na qual estão inseridos e partes de um universo que os forma e por eles é formado. O escopo teórico do presente trabalho vem dos estudos na área da ADC (Fairclough, [1992] 2001); dos escritos bakhtinianos (Faraco, 2009; Fiorin, 2008; Brait, 2008) e das pesquisas relativas às questões contemporâneas (Moita Lopes, 2006).

E por falar em ideologia, e por falar em poder... Professor de periferia: Leão de Chácara ou Prisioneiro?"

Silvia Adélia Henrique Guimarães (UERJ)

A formação do professor tem sido tema em muitos espaços, como fóruns e congressos, seja para apontamento de inovações educacionais ou responsabilizações pelo fracasso escolar. O ponto alto dessas discussões, contudo, é teoria e prática tratadas como saberes estanques (Tardif, 2002; Oliveira, 2006). Atualizando o tema, averigui como se reconstrói o discurso do professor ao considerar-se despreparado para uma prática pedagógica com alunos que fogem à prescrição. De natureza exploratória (Alvez-Mazzotti, 1999), entrevistei cinco professores de escolas públicas periféricas no Rio de Janeiro. Oriundos de disciplinas, espaços geográficos, culturas e personalidades distintas, trouxeram à tona um eixo comum: a interferência do contexto e da cultura sócio-econômica dos alunos de periferia em sua prática educacional. Analisei o corpus pelo modelo teórico-metodológico da Linguística Sistêmico-Funcional, através do sistema de transitividade da metafunção experiencial (Lima Lopes 2001).

Vistos pelo aporte teórico da Análise crítica do Discurso (Fairclough, 1997), os dados materializam representações ideológicas das relações assimétricas de poder, ora do professor em relação ao Sistema, ora em relação ao aluno. A pesquisa sugere que estes professores incorporam um pessimismo ao seu discurso, tornando-o ressentido pelo desaviso da realidade que enfrentariam; que a inaplicabilidade das teorias não está no desconhecimento das mesmas, mas nas questões macro (Althusser, 1985; Foucault, 1979 e 1996; Thompson, 2009). Os resultados sinalizam a necessidade de parceria entre teoria e prática em caminho inverso ao atual: adaptar teorias e métodos para a realidade tal qual se apresenta, como falta de letramento e desinteresse dos alunos para o saber formal.

Representações narrativas no livro de inglês: Uma abordagem semiótico-funcional

Adriana Baptista de Souza (UERJ)

Este trabalho visa a analisar representações visuais em um livro de inglês produzido no Brasil, com base na teoria da multimodalidade de Kress e van Leeuwen que, por sua vez, baseia-se na visão Hallidayana da linguagem como semiótica social. A pesquisa foi motivada pela atual necessidade de comunicação multimodal e pelo consequente aumento de textos multimodais no livro didático. O livro sob análise apresenta um grupo de personagens que desempenham funções diversas ao longo das unidades. Selecionei, inicialmente, apenas atividades em que eles estivessem envolvidos em situações de interação, que, textualmente, podem se manifestar através de diálogos (escritos ou orais), e, visualmente, através de padrões vetoriais, linhas oblíquas formadas pelo corpo ou membro de um participante, ou por um objeto que constitua a extensão do seu corpo, e que, basicamente, representam ações (processos de ação). O vetor também pode ser formado pelo olhar de um ou mais participantes representados (processo reacional), ou por um balão de diálogo (processos discursivos) ou pensamento (processos mentais). As análises demonstram que as representações podem ter função meramente ilustrativa e que as imagens, apesar de pouco exploradas pelo próprio material, são ricas em detalhes e merecem maior atenção pelos professores e alunos de forma a nos tornarmos capazes de fazer uma leitura multimodal mais crítica em língua estrangeira, ampliando nossas visões de mundo.

A (in)utilidade de Fichas de Segurança de Laboratório questionada nas aulas de inglês para fins específicos

Ana Paula Marques Beato-Canato (IFRJ-Maracanã/UEL)

Com base em Lawrence Anthony (2000), o pesquisador (SWALES, 2007) argumenta que, atualmente, os métodos de ensino de gêneros passaram de abordagens explícitas para outras nas quais as características são ‘negociadas’ por meio de discussões em sala de aula ou ‘reinventadas’ por meio de elaboração de tarefas de escrita. Alinhado a uma perspectiva que enfatiza a importância do contexto como determinante e engloba ainda características discursivas e linguístico-discursivas, o trabalho a ser apresentado foi realizado no ensino médio-técnico profissionalizante de um Instituto Federal de Educação Tecnológica, onde ficha de segurança de laboratório é frequentemente citada por alunos do curso de Química como um dos gêneros textuais mais significativos a serem estudados na disciplina de inglês para fins específicos. A partir da solicitação, tal gênero textual foi incluído no planejamento de ensino de uma turma de 7º. período, cursando o terceiro semestre da disciplina, cuja carga horária é de quatro tempos semanais. A busca de textos para a elaboração de material revelou que, ao contrário das representações (MOSCOVICI, 2009) dos aprendizes, tal ficha pode ser substituída por outros textos em determinadas situações de comunicação, dependendo dos objetivos dos participantes. Assim, a opção foi de elaboração de um material com base nos pressupostos do interacionismo sociodiscursivo (ISD), que contribuiu com a compreensão do gênero textual e seu uso e avaliação criticamente.

SC-XXVI – Análise do Discurso e Ethos (LIDIL 4)
Coordenação: Prof. Bruno Deusdará (UERJ)

Análise discursiva de canções: “Meus tempos de criança” e “Minha infância” (Ataulfo Alves): Interdiscurso, cenas de enunciação e ethos

Fabiana Castro Carvalho (UFV)

Este artigo trata da constituição do ethos discursivo, relacionado às cenas enunciativas e ao interdiscurso, em duas canções de Ataulfo Alves que apresentam em comum o tema da infância e a saudade da cidade natal, quais sejam: “Meus tempos de criança”, composta em 1956, e “Minha infância”, composta em 1962. Tomamos a Análise do Discurso de linha francesa em suas novas tendências, a partir da abordagem de Maingueneau (1989, 1996, 2008), como suporte teórico-metodológico, visto que,

conforme esse autor, essa metodologia se propõe a estudar a linguagem levando em conta sua exterioridade. Nossos objetivos ao realizar esse estudo foram: examinar o modo de constituição do ethos discursivo; aprofundar-nos nos estudos em Análise do Discurso; pesquisar o papel do samba no Brasil; conhecer a vida e a obra de Ataulfo Alves levando em conta sua importância na Música Popular Brasileira - MPB; analisar duas de suas canções tendo por base três noções: interdiscurso, cenas enunciativas e ethos discursivo, nas perspectivas apontadas por Maingueneau para a Análise do Discurso. Buscamos responder a três questões metodológicas: a) Como se dá a constituição do ethos nas canções de Ataulfo Alves selecionadas para a análise? b) Há diferenças nessa constituição, de uma canção para outra? c) Até que ponto podemos transferir a constituição do ethos nas canções selecionadas para a análise da cultura popular brasileira no período por elas retratado? A partir dos temas "infância" e "terra natal", os resultados apontaram para a construção de uma imagem de si projetada no discurso nos moldes do discurso dominante, visto que o sujeito enunciador não questiona os Aparelhos Ideológicos do Estado, mas adéqua seu discurso a eles.

O ethos discursivo do PT e do DEM em spots da campanha eleitoral à prefeitura de São Paulo em 2008

_____ Alice Pasqualina Vitorino Ribeiro (Grupo Atelier/LAEL PUC-SP/CAPES)

No âmbito de reflexões sobre a problemática das relações políticas no Brasil contemporâneo, o objetivo deste trabalho é analisar o discurso publicitário eleitoral com o intuito de desvelar mecanismos de argumentação e sedução que constituem a prática discursiva na época de campanha eleitoral. O corpus analisado é constituído de spots publicitários veiculados na televisão por ocasião da disputa pela prefeitura de São Paulo em 2008, pelas candidaturas de Marta Suplicy (PT) e Gilberto Kassab (DEM). A partir de procedimentos de leitura ancorados nos princípios da Análise do Discurso francesa (AD), sob a perspectiva de Dominique Maingueneau (1984/2005), e baseando-se na relação entre os diferentes planos do discurso, o trabalho procura desvendar os efeitos de sentido criados em discursos políticos mediante a análise das diversas cenografias e do ethos construídos nos spots. Para a constituição e análise do recorte discursivo, utilizo o método indiciário (GINZBURG, 1986/1991). A proposta do método indiciário assemelha-se à atividade do analista do discurso que se caracteriza fundamentalmente pela descrição de indícios que tornam possível a interpretação dos diversos planos do discurso. As reflexões a respeito do processo analítico dos spots analisados parecem caminhar para a apreensão de uma cenografia petista de depoimento e promessa que se aproxima da cena genérica, ao passo que a cenografia do DEM é de festa. O ethos de uma candidatura parece se compor de vários traços. O ethos do DEM é leve, descontraído e bem-humorado e o ethos do PT apresenta um tom mais tradicional, de

oposição e de seriedade.

A aplicação do ethos discursivo no cenário jurídico trabalhista

Nayanne Neves Spessimilli / Paola Marcarini Boldrini
Faculdade de Direito de Vitória (FDV)

Nos limites desse estudo, será abordada a temática do ethos no discurso jurídico, visto que o ethos é a projeção daquele que fala. Trata-se, especificamente, da construção feita por magistrados e por advogados, no cenário de uma audiência trabalhista. É importante dizer que a construção do ethos é empregada por tais atores para persuadir o receptor por meio da imagem mostrada. Dessa forma, ao se comunicar, os sujeitos transmitem ao outro apenas aquilo que desejam, não representando, necessariamente, o que eles são, mas o que querem aparentar ser. A essa modalidade de se interagir na comunicação e de se representar um personagem caracteriza-se como o ethos discursivo. Para realizar esta pesquisa, far-se-á uma análise teórica das concepções de Maingueneau (1996, 1997, 2002 e 2008) e de Charaudeau (2006) que defendem o ethos como uma ilustração que está junto com aquele que fala, mas não é única dele; é como um personagem que o interlocutor cria e a partir daí constrói suas falas. Além disso, vale destacar que a projeção do ethos implica a existência do princípio da alteridade, caracterizado pela necessidade de se colocar na posição do outro para compreendê-lo. Portanto, para desenvolver este estudo, recorreu-se a uma situação real, visto que a observação deu-se em cinco audiências trabalhistas, nas quais o magistrado é o mesmo, mas os advogados, presentes nas audiências são distintos. Isso permitiu ver as diferentes manifestações discursivas construídas no decorrer de uma audiência.

Ficar e namorar: Um olhar bakhtiniano sobre enunciados do vestibular da UFRN

Kassios Cley Araújo (UFRN)

Este trabalho se insere na área de investigação da Linguística Aplicada, circunscrevendo-se na compreensão da Linguagem e sua constituição nas Práticas Sociais e se configura como uma pesquisa qualitativa que privilegia aspectos essenciais que envolvem o sujeito em sua prática discursiva, o sentido e valor, numa abordagem da Teoria dialógica dos autores do Círculo de Bakhtin. Em face disso, tem-se como objeto de estudo os sentidos e valores atribuídos aos verbos ficar e namorar, a partir da questão da redação do Processo Seletivo Vestibular 2005 da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), que tem a seguinte instrução: "Em um relacionamento a dois, qual a melhor opção a ser feita? Deve-se apenas "ficar", somente namorar, ou, alternadamente,

“ficar” e namorar?”. As redações elaboradas pelos candidatos permitem nos perguntar: que sentido e valor ficar e namorar assumem hoje e, como se processa a apropriação e transmissão de vozes sociais manifestadas nesses textos e que ancoram os sentidos e valores neles presentes? Espera-se com isso identificar os sentidos e valores que namorar e ficar assumem nos textos, bem como as diversas formas de apropriação do discurso alheio presente nos mesmos. As produções textuais refletem sobre as relações afetivas na contemporaneidade assumindo um posicionamento contrário às relações afetivas de natureza temporária, consideradas como irresponsáveis. Sem dúvida que o discurso de base concorda com uma voz social crítica aos meios de comunicação, e os valores por eles divulgados, particularmente responsáveis pela circulação e difusão desses novos valores.

“Caritas in Veritate”: o éthos da Doutrina Social da Igreja

Sueli Maria Ramos da Silva (USP/ CNPq)

Este trabalho tem como objetivo específico depreender mecanismos de construção do sentido da encíclica “Caritas in Veritate”, documento promulgado pelo sumo pontífice Bento XVI, em 29 de junho de 2009, tendo como conteúdo temático as relações estabelecidas pela Igreja Católica com o mundo e a sociedade em que ela atua. Teremos como fundamentação teórica, a semiótica greimasiana, de linha francesa, tomada também em seus desenvolvimentos tensivos elaborados por Zilberberg (2006) e os enfoques contemporâneos da Nova Retórica obtidos, principalmente, por meio dos trabalhos de Meyer (2007) e Perelman; Olbrechts-Tyteca (2005). A análise semiótica do texto recortado será feita com o auxílio de um instrumento teórico-metodológico, o percurso gerativo do sentido, ferramenta pela qual se abstrai a construção do sentido dos textos. Como nossa proposta consiste em fornecer as bases para a operacionalização da noção de éthos, no que diz respeito à associação entre semiótica tensiva e retórica no que concerne à noção de estilo, procuramos demonstrar os procedimentos argumentativos utilizados pelo enunciador da divulgação especializada, segundo os quais nos é possível entrever seu corpo, tom, voz, caráter e corporalidade na constituição de um modo de dizer e de ser específicos. Com base nesses pressupostos, os resultados de nossa análise incidem na caracterização do enunciado da encíclica como uma divulgação definida segundo os parâmetros do “ensinamento social da Igreja”, o que projeta o papel específico do éthos do enunciador, orientado por meio de um tom de voz próprio à cena enunciativa pressuposta. A formação discursiva, como sistema de crenças e aspirações, fundado em figuras e temas de determinado discurso, e a escolha de recursos relativos à gramática da língua refletem na incorporação do éthos de um “intelectual cristão”, consciente dos problemas sociais.

Culturas e textos jornalísticos: Uma introdução ao estudo semiótico aplicado

Laís Máximo Barreto (Colégio Estadual Prof^a Eliana de Almeida)

A Semiótica estuda os processos significativos que estabelecem as relações do homem com tudo que o rodeia. Iuri Lótman (Escola de Tártu-moscou), apontou em suas pesquisas o valor contextual entre emissor e receptor. Assim, originaram-se os estudos semióticos da cultura, em 1970. Partindo desta teoria, o trabalho aborda os estudos semióticos culturais de Iuri Lotman e da Escola de Tártu-Moscou, a fim de compreender o diálogo dos seguintes corpora: um grupo de jovens da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro e dois textos jornalísticos com temas de relevância socioeconômica. A questão principal é mostrar ser plausível a compreensão de informações baseando-se na interpretação à luz dos códigos culturais. Uma cultura quando exposta a outra, realiza uma modelização de estruturas e geração de sentido por meio do dialogismo. Desta forma, há um enriquecimento mútuo quando, por fim, este fenômeno gera uma nova informação (MACHADO, 2003; MACHADO, 2007). Com os corpora, isto fica evidente quando os jovens realizam a interpretação dos textos jornalísticos por meio da aplicação do conteúdo destes em seu contexto sociocultural. Baseado nas análises desta interação, foi possível criar as ilustrações que tornam claro como ocorre este processo de diálogo entre diferentes culturas.

Um caso de concordância com tópicos: A expressão de plural em verbos meteorológicos no interior de orações relativas

Igor de Oliveira Costa (UERJ) Marina R. A. Augusto (UERJ/PUC-Rio)

De acordo com Pontes (1987), Kato (1996), Galves (2000) e Duarte (1995) quanto à suposta concordância de verbos com um tópico, o presente trabalho buscou verificar, através de testes psicolinguísticos de eliciação, se verbos meteorológicos no interior de orações relativas seriam flexionados em concordância com tópicos no plural. Os dados foram submetidos ao pacote estatístico ezANOVA, revelando um efeito principal de tipo de oração ($F(7,182) = 50,4$ $p < 0,000001$). Conforme o esperado, quando o antecedente estava no plural, a maioria dos verbos meteorológicos flexionou-se no plural, em aparente concordância com seu antecedente (...são vários os estados que trovejam durante as chuvas de verão). Verificou-se também que o contraste entre as condições experimentais

preposicionado versus não-preposicionado é relevante ($t(26)=4,26$ $p<0,0002$). Nas sentenças em que os antecedentes eram NPs plurais no interior de um PP (Há inúmeros problemas nos verões que chove muito), menos de metade dos casos apresentou flexão plural (25,9% e 40,7%); por outro lado, nas sentenças em que os antecedentes eram NPs plurais não preposicionados (...são incomuns os dias que nevam de verdade), a maioria apresentou flexão plural (70,4% e 66,7%). Os dados parecem indicar, portanto, que o falante do português brasileiro está processando uma relativa de sujeito no lugar de uma de adjunto adverbial, mesmo o verbo da relativa não admitindo sujeito pleno. Isso ocorre, ao que tudo indica, devido à demanda de processamento da relativa de sujeito ser menor do que a demanda exigida pelas relativas de adjuntos adverbiais (Corrêa, Augusto, Miranda, Marcilese, 2008; Corrêa, Augusto, Marcilese, 2009).

A influência de Darwin na teoria linguística como um prelúdio à teoria contemporânea da linguagem como sistema complexo

William Alfred Pickering (UNICAMP)

Uma análise da influência das idéias de Darwin na linguística demonstra que a abordagem atual que vislumbra a linguagem como sistema complexo tem continuidade e coerência com as idéias de muitos dos teóricos mais importantes na história dos Estudos da Linguagem. No século dezenove, as teorias de mudança linguística de Schleicher, Müller, Paul e Jespersen foram todas influenciadas por Darwin. Nas primeiras décadas do século vinte, Boas e Sapir, vigorosos oponentes do conceito de “línguas primitivas”, em diferentes momentos consideraram seriamente que a mudança linguística pode ser análoga à seleção natural. Bloomfield, mesmo com reservas, aceitou a teoria de Jespersen de progresso linguístico. Mas tarde, Jakobson sugeriu analogias entre a linguagem e o código genético. Todos estes teóricos enfrentaram dificuldades em buscar precisas analogias linguísticas à evolução biológica. Desde a segunda guerra mundial, o consenso entre os linguistas tem sido que a mudança linguística não é análoga à seleção natural e não manifesta progresso. Nas últimas décadas, o consenso tem sido contestado por linguistas de variadas áreas, que argumentam que os conceitos atuais da evolução biológica permitem analogias apropriadas entre processos biológicos e linguísticos. Recentemente, proponentes de abordagens “evolucionárias” à linguagem propuseram uma abordagem baseada na teoria de sistemas complexos, tentando alargar as analogias tradicionais para incluir as propriedades mais gerais de sistemas complexos (estrutura de rede, controle distribuído, feedback, fechamento organizacional, hierarquia, emergência, etc.). O presente trabalho mostra que esta nova abordagem não constitui um rompimento com o passado, nem um retrocesso, mas uma continuidade.

“Ajudar ou A-ju-dar: o que é melhor para o afásico?”: Contribuições de testes de não-palavras

Victoria Cristin do Nascimento Haddad (UERJ - Extensão)

Com o objetivo de investigar a resposta do afásico diante do modo de apresentação do estímulo linguístico, foi aplicado o teste de repetição de não-palavras. Sua aplicação é relevante para medir a memória de trabalho verbal (MTV) e problemas articulatórios na produção da linguagem. MTV é um elemento na mente que envolve a compreensão da linguagem. Havendo problemas na MTV, podem acontecer distúrbios na compreensão. Para a confecção do teste foi elaborada uma lista de palavras que não existem. Em seguida, o aplicamos em duas fases: i) não-palavras fluentes; ii) não-palavras silabadas (palavras faladas pausadamente). Em ambas as fases, o teste foi aplicado primeiramente em controles e, em seguida em três afásicos, sendo dois afásicos agramáticos e um anômico. Análises dos resultados da primeira fase apontam que todos os afásicos apresentaram problemas com palavras mais longas. Todavia, os agramáticos obtiveram um desempenho diferenciado do anômico, tendo mais dificuldades na retenção e reprodução das não-palavras. Resultados da segunda fase ainda estão sendo examinados. Entretanto, análises preliminares apontam que os afásicos apresentam mais dificuldade nesta fase. Este tipo de teste ajuda no tratamento, pois a partir dos resultados se descobrem problemas específicos, como a capacidade de manter informação na MTV e a capacidade de articulação de determinados fonemas. Além disso, se de fato afásicos possuem mais dificuldades na repetição de não-palavras silabadas, não haveria necessidade de mudarmos a maneira de nos dirigir a eles: não adiantaria falar pausadamente, pois isso, em vez de ajudar, atrapalharia na retenção e na compreensão da fala.

Inresponsável: como explicar?

Ana Carolina Vidal, Grasielle Martins, Luana Miguel, Priscila dos Santos,
Roberta Gouvea, Sabrina Morais, Tatiane da Silva (UERJ)

Um fato constantemente observado nas realizações lingüísticas da atualidade é o uso do prefixo de negação “in” antes de “r”, como em irresponsável. É sabido que na norma lingüística da Língua Portuguesa, antes das letras m, n, r e l, esse prefixo de negação muda para “i”, como em inato, imoral, irreal e ilegal. Como explicar tal fato e entender mais de 15 mil resultados para a palavra “inresponsabilidade” em um site de busca? A fonologia apresenta um direcionamento para a explicação desse fenômeno. A letra “r” na língua portuguesa faz a representação de dois fonemas distintos quanto

aos traços: o fonema /x/, o “r” de rato ou carro, e o fonema /r/ de caro e arara. Isso aconteceu porque o /r/ mudou fonologicamente ao longo do tempo, gerando outra realização. Buscando verificar esse funcionamento, realizamos uma pesquisa com 16 pessoas em que cada uma deveria utilizar o prefixo “in”. O resultado geral mostrou que houve maior número de “in” nas palavras iniciadas por “r” do que antes de “m” ou “l”. Tendo como base o conceito de traços fonológicos, percebemos essa ocorrência porque os fonemas /m/, /n/ e /l/ possuem traços em comum. Entretanto, o “r” que inicia palavras (fonema/x/) é diferente dos demais; fato que justifica os “erros”. O fonema /x/, por seu distanciamento, está fora do alcance da regra, sendo uma alternativa para o usuário da língua em suas interações. Para tratar do assunto de modo irreverente, elaboramos um vídeo que está em <http://www.youtube.com/ricardolinguerj>.

Habilidades de monitoramento em um afásico agramático

Fernanda Soares da Silva (PIBIC/UFRJ)

O objetivo desta pesquisa consiste em verificar a habilidade de monitoramento interno em afásicos de Broca. Para identificar a presença ou ausência de tal habilidade em tais indivíduos, foram realizados experimentos psicolinguísticos primeiramente em indivíduos não afásicos, posteriormente nos afásicos. Nos experimentos dos controles, foram usadas 25 redes com cenários dinâmicos, cada uma contendo 8 objetos diferentes. Neste experimento, obtiveram-se os mesmos resultados de Oomen, Postma e Kolk (2001, 2005), visto que observou-se que os controles utilizaram o monitoramento interno em proporção bem menor ao monitoramento externo. Depois foi realizado um experimento com o afásico de forma mais simplificada, tendo em vista sua dificuldade em produzir sentenças. Foram utilizadas 11 redes com 5 objetos com cores. O resultado obtido nesta parte do experimento também foi o mesmo encontrado pelos pesquisadores já citados, pois o afásico utilizou o monitoramento interno em proporção bem maior do que o externo, o que leva a pensar se o monitoramento interno é o único disponível para ele. Assim, torna-se necessário ressaltar a segunda etapa da nossa pesquisa que consistiu em verificar se o afásico possui monitoramento externo, uma vez que usou o interno de forma considerável - mais de 70%. Nessa etapa, o afásico ouviu a descrição das mesmas redes do teste anterior e deveria dizer se havia algum erro. O afásico obteve 100% dos acertos, nesta fase, o que indica que ele possui monitoramento externo. Conclui-se que ele privilegia o monitoramento interno tal como propõem os autores citados.

Análise de publicidades veiculadas em jornais impressos de Muriaé-MG

Igor Vinícius de Souza Teodoro (FAFISM)
Dalcylene Dutra Lazarini (FAFISM/UFMG)

O presente estudo procura desvendar o comportamento de três jornais impressos – Gazeta de Muriaé, Jornal de Muriaé e Folha do Sudeste –, verificando a distribuição dos gêneros ao longo de suas páginas e como, dentro deste contexto, o domínio jornalístico busca atender a um propósito comunicativo que justifique a sua veiculação. A partir da perspectiva qualitativa interpretativista, o estudo usa o quadro teórico de Bakhtin (1953/1994) e Marcuschi (2008), que amplia a noção dos gêneros, mostrando a sua evolução de acordo com as mudanças sociais. Bazerman (2005), ao se referir aos gêneros discursivos, chama a atenção para o fato de sua percepção e compreensão variarem segundo as circunstâncias comunicativas, ressaltando a importância do social na transformação dos gêneros. Corroborando a perspectiva social proposta por Bazerman, Marcuschi (2005) reafirma que o gênero não ocorre de maneira solta, mas inserido numa realidade sócia histórica. Além disso, enfatiza o fato de os gêneros se transformarem de acordo com seu funcionamento na sociedade e na interação estabelecida entre os indivíduos. Dentre os gêneros encontrados nos jornais investigados, analisamos duas publicidades presentes na última folha. Na parte superior da folha, verificamos um anúncio publicitário referente à concessionária de automóveis e na parte inferior outro referente à prestação de serviço, envolvendo a saúde da mulher. Tal escolha deve-se em função da grande influência que as peças publicitárias exercem nos comportamentos atuais. Os produtos oferecidos concedem “status”, bem-estar e êxito, conferindo-lhes um caráter de essencialidade à condição humana.

Rotacismo: a troca do “L” pelo “R” – o pobrema é nosso!

Alice Sequeira, Bruna Carvalho, Jefferson Silva, Juliana Santana Paiva
Luana Couto, Sara Alves, Tamiris Barbosa (UERJ)

Erros de fala na construção das palavras com encontros consonantais são um tema de estudos que desperta um especial interesse aos linguistas, motivados por sua importância na construção do que se convencionou denominar Norma Padrão. Um destes objetos é o fenômeno do Rotacismo: um “erro” comum entre os falantes do Português, em que se pronunciam as palavras que possuem encontros consonantais com “L” trocando-as pelo encontro com o fonema “R” (como framengo, ao invés de flamengo). Estas trocas podem ser feitas por diversas razões, dificultando que se definam planos e metodologias de ensino que sejam eficazes neste fenômeno. A fonologia, segundo uma abordagem gerativista, estuda os fonemas e os seus traços, ou seja, as suas unidades abstratas. No caso do “L” e “R”, somente uma característica destas unidades abstratas diferencia os dois fonemas, sendo justamente a última a ser adquirida pelas crianças. Na nossa pesquisa de campo, utilizamos a troca na palavra Flamengo e buscamos opiniões a respeito do tema. Foram feitas três perguntas relacionadas, utilizando um conjunto de dez alunos de diversos cursos. Percebemos que é recorrente entre os participantes considerar que estas trocas se dão por falta

de estudo e/ou por dificuldades financeiras, além de admitirem este “erro” como uma forma de ignorância. Buscamos neste trabalho desmistificar esta ideia – errônea – de que o Rotacismo seja um erro, resultado da ignorância dos falantes. O rotacismo é sim um problema de todos nós e por isso fizemos um vídeo para divulgar essa ideia, que pode ser acessado em <http://www.youtube.com/ricardolinguerj>.

Resultado da aplicação de material didático de ensino de português como segunda língua para surdos

Lucinéia Nunes da Mata; Rebeca Cavalcanti Costa (Universidade de Brasília)

O trabalho ilustra resultados obtidos com a produção e aplicação de material didático no ensino de Português como Segunda Língua para surdos, em nível inicial de aquisição da L2. Fruto de disciplinas do curso de Português do Brasil como Segunda Língua – PBSL, este trabalho teve a contribuição de profissionais em surdez e de alunos surdos onde a unidade foi aplicada. Utilizando o folclore brasileiro, a atividade se destinava a ensinar adjetivos de forma prática e pensada nos contextos mais usuais da língua para esse determinado público em contexto social autêntico. Para isso, fêz-se necessário identificar, anteriormente, quais os gêneros textuais e sociais mais recorrentes na vida desses educandos. Embora não fosse a pretensão inicial, este trabalho mostra como muitos outros fatores que antecedem a aula interferem diretamente na forma como a aquisição ocorre. Foram ouvidos diversos alunos surdos e descobriu-se que uma das dificuldades, além das esperadas, era que eles conheciam muito pouco ou quase nada do folclore brasileiro, com certeza devido à tradição oral na transmissão dessas histórias.

A teoria da relevância no discurso jurídico

Géssica Silva, Isabelle da Costa, Mariana Oliveira
Faculdade de Direito de Vitória (FDV)

O presente estudo parte do pressuposto de que a linguagem deve ser clara, objetiva, sem ambiguidade, breve, ordenada, sem obscuridade e acessível ao público a que se destina, principalmente quando se trata de textos técnicos científicos, conforme o princípio da cooperação. Diante disso, vê-se que, na esfera jurídica, há textos que produzem um abismo entre o produtor e o receptor, o que resulta em problemas para a compreensão e interpretação textual. Dessa forma, cabe analisar a Teoria da Relevância, que põe em evidência aquilo que as pessoas observam por considerar relevante. Nesse sentido, este estudo tem como objetivo analisar, por meio de pesquisa documental, a

linguagem empregada no discurso jurídico presente nos textos científicos de Direito Penal, nos livros de Bittencourt, Greco, Hungria, visto que os manuais científicos abordam um mesmo assunto de forma distinta e, muitas vezes, confusas. Além disso, muitos textos jurídicos apresentam citações exarcebadas, exemplos repetitivos, frases extremamente longas, notas de rodapé extensas e confusas, e até mesmo uma certa poetização do assunto tratado. Assim, para desenvolver este estudo, recorreu-se ao método de abordagem hipotético dedutivo, assim como à pesquisa bibliográfica, centrada nos pressupostos teóricos de Sperber e Wilson (1995), Levinson (2007), Silveira e Feltes (1997), Feltes (2007), Maia (2008). Tais textos tratam da Teoria da Relevância, além do suporte teórico de gêneros textuais no discurso jurídico respectivamente.

Juridiquês: a quebra do contrato de comunicação

Juliana Oliveira Ribeiro, Natália Camara Lopes, Priscila Tinelli Pinheiro
Faculdade de Direito de Vitória (FDV)

Para se comunicar, o ser humano estabelece acordos para o processo de interação. Logo, é possível se falar na existência de um contrato de comunicação, visto que envolve sujeitos distintos e o próprio contrato é resultado de uma “troca simbólica entre dados externos e internos, o qual se estabelece em determinado espaço e por meio de ações” (CHARAUDEAU, 2006). O presente estudo aborda a linguagem jurídica nos contratos de comunicação do discurso jurídico, como um elemento essencial para o acesso do cidadão aos seus direitos. Apesar da existência do contrato, o que se tem evidenciado, em muitas circunstâncias, é uma quebra desse contrato: o juridiquês – uso exarcebado e incompreensível da linguagem jurídica. Importa salientar que há, na sociedade, uma preocupação com a linguagem do magistrado, uma vez que está em tramitação no Senado Federal um Projeto de Lei n. 7448/06, aprovado recentemente pela Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados, o qual exige que os magistrados produzam as sentenças judiciais com linguagem acessível à população. Tendo em vista esta preocupação, o estudo observará a acessibilidade da linguagem em 10 (dez) sentenças judiciais com o objetivo de evidenciar a simplificação da linguagem jurídica e, inclusive, propor soluções para a problemática em questão. A fim de realizar a presente pesquisa, recorreu-se aos estudos de Charaudeau (2006; 2004; 2008; 1992), Andrade (2010) e Oliveira (2003) bem como a análise de sentenças, os quais tornaram possível compreender com maior clareza as nuances do contrato de comunicação, em que se insere o juridiquês.

2ª SESSÃO DE PÔSTERES
Coordenação: Prof. Décio Rocha (UERJ)

O uso dos verbos e expressões modais em editoriais

Thamara Santos de Castro (PUC-Rio)

O presente trabalho visa a observar a utilização das estruturas verbais modais em editoriais. O objetivo geral é analisar o uso dessas estruturas em textos de opinião. Os objetivos específicos são: verificar o significado que cada expressão verbal modal possui, dependendo do contexto em que é empregado, além de produzir uma pequena amostra dessas expressões utilizadas no Português do Brasil (PB). Como metodologia, utilizaremos 14 textos da coluna de editoriais do jornal "O Globo". Desses textos, serão retiradas algumas expressões modais para análise semântica. A linguística sistêmico-funcional é uma teoria de descrição do funcionamento da linguagem humana, baseada no uso da língua. "O sistema gramatical de uma língua está intimamente relacionado com as necessidades sociais e pessoais que a língua é chamada a servir" (Halliday, 1970, p. 142, apud Gouveia, 2009). Assim, é desenvolvida a ideia de que a língua se organiza em redes que correspondem a certas funções da linguagem que vão além da comunicação. São elas: função representacional, dando conta da experiência de mundo; função interpessoal, que se refere às relações sociais e função textual, que codifica significados textuais. A Metafunção Interpessoal: Nesta função, o principal sistema gramatical é o MODO, que está relacionado aos papéis discursivos tomados pelo falante/escritor e pelo ouvinte/leitor. "Modalidade significa o julgamento do falante das probabilidades, ou das obrigações, envolvidas no que está falando." (Halliday, 1994) [tradução da autora].

O ensino de leitura em língua inglesa: Teoria e prática

Thamiris Oliveira de Araujo, Rodrigo Sousa Lobo da Silveira, Laís Cappaun
Dalsoquio, Felipe Severino Soares, Rosielly Santos da Silva (UERJ)

O objetivo do presente trabalho é apresentar algumas considerações acerca do processo de elaboração e implementação de atividades de leitura de textos em inglês, desenvolvidas pelos bolsistas do projeto de Iniciação à Docência Aulas e Material de Leitura: uma perspectiva da formação docente em língua inglesa. A etapa de elaboração de material instrucional pretende seguir os princípios apresentados pelos Parâmetros Curriculares Brasileiros de língua estrangeira (PCN-LE, 1998), através do qual entendemos que o papel do professor é co-construir leituras críticas com os alunos, apontando para uma reflexão sobre o uso efetivo da língua na vida e na sociedade. Dentro dessa perspectiva, situam-se também os conceitos de gêneros textuais (Meurer, 2000; Bakhtin, 2000) e sua função para a compreensão de textos. Ao tratar da habilidade de leitura, consideramos o modelo sociointeracional (Moita Lopes, 1996), visto que este compreende a linguagem e, por consequência, a leitura como prática social. A etapa de implementação do material produzido compreendeu a realização de um minicurso oferecido para a comunidade interna e externa da UERJ-FFP. Pretendemos, durante a apresentação deste trabalho, discutir algumas questões acerca desse processo de implementação, e sobre como tais oficinas se refletiram na construção dos bolsistas enquanto professores reflexivos. Ao compartilharmos nossas reflexões almejamos repensá-la em coletivo, pois buscamos uma prática docente teoricamente embasada, não como um fim em si mesma, visto que a construção de saberes não se dá de forma linear, mas em constante processo que envolve a troca e a união entre os atores da educação.

“You pulled a Monica”: buscando (um) sentido

Ulisses Gomes, Charles Fouquet, Evelyn Chagas,
Gabriel Machado e Natália Affonso (UERJ)

No presente trabalho, buscamos um sentido para a expressão “You pulled a Monica”, no contexto de um episódio da série norte-americana “Friends”, a partir de análise pelo viés semanticista. Na trama, há a construção da expressão “pull a Monica”, que passa de um sentido inicial, depreciativo, para outro, oposto àquele. Procuramos utilizar conceitos da Semântica Formal presentes nos estudos de Gottlieb Frege e da teoria polifônica de Osvald Ducrot (1987), que estende para a análise dos enunciados os conceitos da polifonia de Bakhtin; por último, buscamos o sentido da expressão pela teoria da Semântica Cognitiva a partir dos estudos de George Lakoff e Mark Johnson, em “Metaphors we live by” (1980), constatando-se que esta é a que melhor se aplica ao caso em análise. No episódio há, inicialmente, uma projeção de significados do espaço mental de “to screw up” para o espaço mental da personagem Monica. Por isso, o termo “Monica”, nesse

contexto de uso, tem característica depreciativa. Todavia, no final no episódio, há uma alteração no emprego de “pull a Monica”, que passa a relacionar-se a outros espaços mentais. Portanto, nessa segunda acepção, ao projetar em Monica elementos de outras categorias, como a de um “fireman” ou de um “A’ grade student” modifica radicalmente o significado daquela expressão. Demonstra-se, portanto, como a metáfora é estruturante e essencial à língua como expressão de saberes de ordem linguística e cognitiva.

A voz das periferias nas ondas do rádio: a discursividade jovem no Rio de Janeiro

Ana Cláudia da Silva Roxo (bolsista CNPO, PIBIC/UFF)

O projeto tem como foco analisar os discursos produzidos no programa A voz das periferias da rádio Roquette Pinto (94,1 Fm). O programa é comandado pelo Mv Bill e pelo Dj Roger Flex e se propõe a dar voz às pessoas das periferias que de alguma forma são silenciadas. Com base no arcabouço teórico-metodológico da Análise do Discurso (Pêcheux, 1969 e Orlandi, 1988), pretendemos a partir da análise desse programa que é voltado, mais especificamente, para os jovens que se encontram às margens da cidade, na periferia dos discursos hegemônicos, depreender e analisar como é falado o lugar sócio-cultural no qual esse sujeito jovem se constitui e atua, formando ou (de)formando laços sociais, bem como analisar os modos pelos quais ele fala de si, e como ele é falado. São as vicissitudes do sujeito que, na contemporaneidade, não reconhece sua subordinação ao Outro, à Lei, que trazemos como foco para discussão. Entendemos os discursos produzidos no programa como uma forma de resistência aos discursos que caracterizam, negativamente, as pessoas que vivem nas periferias. Através das falas dos rappers e das perspectivas teóricas da AD, podemos depreender os processos de construção de sentidos para o sujeito ouvinte que se encontra às margens da sociedade, em contextos de criminalidade, violência e marginalidade.

Poder e supremacia: a venda do ensino de língua inglesa como língua estrangeira no Brasil

Bruna Damiana de Sá Mottinha/UERJ

Este trabalho tem como objetivo a análise e a problematização da forma através da qual é vendido o ensino de inglês como língua estrangeira pelos principais cursos deste idioma oferecidos na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. Tomando como ponto de partida a difusão e manutenção de ideologias pelos discursos, em caso especial o discurso midiático, e o crescimento da venda do ensino de língua inglesa no Brasil, tem-se como hipótese

a presença de estratégias discursivas nas propagandas desses cursos que legitimam e/ou fazem a manutenção da relação de poder existente entre língua e cultura inglesa (e/ou norte-americana), como dominantes, e língua portuguesa e cultura brasileira, como dominadas. O corpus de estudo compreende propagandas do gênero folder, totalizando sete itens, coletados em março de 2010. Tem-se como referencial teórico-metodológico a Análise Crítica do Discurso (ACD), com base, primordialmente, nos conceitos de língua, ideologia, definidos por Norman Fairclough (2002), e cognição social, definidos por Teun A. van Dijk (1993), bem como a noção da existência de três principais dimensões do discurso, também derivadas do trabalho deste autor. Como o folder se caracteriza por ser um gênero multimodal, trabalha-se, ainda, com as categorias de representação visual dos atores sociais, por Theo van Leeuwen (1997). As escolhas léxico-gramaticais veiculadas nas propagandas, junto às representações visuais dos atores sociais, são o ponto de entrada para a investigação do modo como opera a ideologia nos textos do corpus.

“Yanomami pei akāwã yai (Prioridade da Língua Yanomami)”

Valdemar Pereira Lins (FAPEAM)

Dentre outros, o propósito desse pôster é investigar a frequência do uso da língua Yanomami por parte dos falantes do idioma quando inseridos em seu meio cultural e quando expostos a outros meios e investigar a interferência da Língua Portuguesa junto aos falantes de Yanomami, levando em conta as diferentes faixas etárias. A motivação de se fazer esse projeto veio da possibilidade do desaparecimento da língua assim como aconteceu com outros povos. Acredita-se que com isso possa-se conscientizar aos que dominam as duas línguas para não abandonar a língua materna e mostrar a importância da língua mãe para os que a estão deixando. A língua yanomami é muito pouco documentada. Temos como referência apenas os trabalhos de uns poucos estudiosos, entre eles Pe. Casimiro Beksta, o prof. Henry Ramirez que, juntamente com Marcos Bagno (Preconceito Lingüístico) e Marcus Maia serviram de referencial teórico para a realização deste trabalho. Por se tratar de uma comunidade indígena tradicional optamos por usar o modelo etnográfico que segundo o Prof. Mércio Pereira Gomes é o modelo mais adequado a este tipo de pesquisa que envolva comunidades indígenas. Aplicamos um questionário em falantes de yanomami de várias faixas etárias e um separado para os docentes da comunidade. Após a aplicação dos questionários observou-se que no grupo 1 (faixa etária entre 10 e 25 anos) todos os entrevistados deixaram de responder as questões do nº. 15 ao 25 por dificuldade de vocabulário. Quanto maior a idade menor a escolaridade. No grupo dos docentes existe uma dificuldade em organizar ações que favoreçam o ensino-aprendizagem tanto da língua materna quanto do português.

Os desafios de aprender a ensinar italiano na EAD – como ter êxito?

Tatiana Luzia da Costa (bolsista ID –UERJ)

O presente trabalho é uma extensão do projeto Implementação da Licenciatura em Letras – Habilitação Português-Italiano, especificamente, a disciplina Estágio Supervisionado em Língua Italiana III – tutoria on-line. Nosso alvo são os desafios encontrados pelos alunos-tutores: primeiro no cumprimento das tarefas e depois nas aulas práticas quando precisamos tutoriar individualmente uma turma com alunos que traziam diferentes experiências com a língua italiana. Como os tutores e alunos se saíram? Como vencemos o desafio? O que aprendemos sobre o ensino do Italiano – LE na EAD? Os alunos que participaram como estagiários e, posteriormente, como tutores aprenderam que, no ensino do Italiano – LE, a mudança do ambiente de uma sala de aula tradicional para uma virtual pode alterar nossos métodos e expectativas quanto ao bom desenvolvimento dos alunos. Saímos dessa experiência cientes de que há muito mais envolvido no ensino de uma língua do que a didática utilizada. A cultura e as regras direcionam o andamento do curso. Os alunos tiveram a oportunidade de experimentar a prática da sala de aula online antes mesmo de terminar a graduação ao mesmo tempo em que as aulas eram ministradas em português e italiano. Claro que dessa forma, a participação de cada aluno-estagiário-tutor foi significativa tanto para os professores que trabalharam no projeto como nós, alunos da graduação.

Análise estilística em crônicas de João Ubaldo Ribeiro

Aline Guedes e Viviane Mara Vieira Cardoso

O presente trabalho elege como objeto de estudo o campo da Estilística, isto é, a ciência que estuda os efeitos expressivos da língua. Este tema torna-se relevante ao meio acadêmico, não só por trazer à luz a descrição da língua, mas também por problematizar questões fundamentais sobre a utilização do material lingüístico visando à comunicação criativa e inovadora através de diferentes estilos. Dessa forma, pode-se perceber que, por diferentes modos de representar, o falante/escritor cria maneiras ilimitadas de comunicar a partir de um repertório limitado da gramática da língua. Para tanto, será mister observar as crônicas do escritor João Ubaldo Ribeiro, publicadas, aos domingos, no jornal O Globo do dia 6 de Setembro de 2009 ao dia 11 de Outubro de 2009. A saber, respectivamente: "Servindo à pátria"; "O Pré-Sal num boteco do Leblon"; "Pressão Tecnológica"; "Dialética da Banana"; "De Bem a Pior" e "O Ideal Olímpico". Serão pertinentes, assim, os estudos investigativos sobre os fatos lingüísticos e certos usos, muitas vezes considerados desvios da norma, tais como as escolhas lexicais e gramaticais utilizados pelo autor. E, nessa perspectiva, responder às indagações sobre que escolhas e marcas são representativas

da identidade textual e expressividade encontradas nas crônicas desse escritor; analisar como os aspectos criativos da estrutura textual denotam um conteúdo afetivo oriundo da sensibilidade do autor de um texto; apontar de que maneira os desvios da norma culta possuem relação com a coloquialidade e proximidade com a língua oral e observar, assim, quais contribuições este corpus pode revelar ao ramo da estilística, aprofundando o estudo deste tema, enquanto disciplina acadêmica e ciência fisiológica da língua.

Adquirindo as primeiras palavras: Categorias abertas e fechadas e as primeiras combinações

Ana Paula Passos, Igor de Oliveira Costa, Odete Salgado, Victoria Haddad
(UERJ)

Aprender palavras e saber utilizá-las adequadamente é um aspecto fundamental do desenvolvimento da linguagem e está relacionado à aquisição da sintaxe, da morfologia e da fonologia. Os estudos sobre o desenvolvimento lexical inicial tem por objetivo entender como se dá a aquisição das palavras pelas crianças, verificando com que velocidade e, principalmente, quais fenômenos caracterizam o uso das palavras durante este período. (Bloom, 1973; Nelson, 1973; Halliday, 1975; Godfield e Reznick, 1990. Nesta apresentação baseada no estudo "Desenvolvimento Lexical Inicial" de Martyn Barrett (1997), a questão foi abordada a partir de uma perspectiva formal, utilizando como corpus gravações de dez a quinze minutos de dois bebês: CAS (1,6;28 - 1,8;2 - , sexo masculino) e VIT (2;4.13 - 2;6, sexo masculino). A partir da transcrição dos dados, de acordo com o padrão CHILDES (<http://childes.psy.cmu.edu>), elaboraram-se tabelas com a variação da quantidade de palavras e de combinações de palavras entre os vídeos. A análise dos dados permitiu constatar que há um padrão complementar de aquisição das classes de palavras e que o número de combinações aumenta na mesma proporção que a aquisição de palavras de classe fechada. A comparação entre o uso de palavras de classes abertas e fechadas e das combinações realizadas por cada criança na sua respectiva faixa etária permitiu traçar um quadro inicial do padrão de desenvolvimento e aquisição de léxico e de combinações das duas crianças, que corrobora e detalha, em um trabalho prático, as observações das ocorrências já descritas na literatura sobre desenvolvimento lexical inicial.

Um confronto linguístico entre os discursos de FHC e Lula

André da Motta, Ana Paula Gonçalves, Leticia do Carmo (UERJ)

Este estudo tem como proposta a análise das falas proferidas pelos políticos Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva enquanto presidentes da república do Brasil. Analisa de que maneira suas estratégias linguísticas podem influenciar em

seus respectivos discursos, percebendo como o prestígio ou desprestígio lingüístico determina a interpretação e a maneira positiva ou negativa que a fala será recebido por seu público e pela mídia. Além disso, utiliza argumentos expostos em veículos midiáticos que se relacionem com as enunciações dos políticos citados, relacionando-os ao estudo dos conceitos de análise do discurso, norma culta e preconceito lingüístico. A análise foi embasada principalmente nas teorias de Maingueneau (2001), Genaro Carrió (1996), Charaudeau (2006), Ingedore Koch (1987), Foucault (1986) Bakhtin (1990) e Marcos Bagno (1999/2003). O corpus analisado foi escolhido aleatoriamente, sendo controlada somente a eleição de discursos de fala espontânea, para que fosse possível avaliar a verdadeira enunciação de Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva. Ao final da análise, foi possível perceber como o preconceito lingüístico está relacionado com o preconceito social, no caso do presidente Lula, por sua origem humilde e sua baixa escolaridade. Ademais, retratamos a captação das variantes lingüísticas inadequadas utilizadas por Lula como forma de afetar seu prestígio político e social, evento que não ocorre com Fernando Henrique Cardoso, uma vez que este não é estigmatizado por utilizar variações lingüísticas em seu discurso do mesmo modo que Luiz Inácio.

Reflexões de professores de língua materna: como e por que ensinar português.

Andressa Peres Teixeira e Fabiana Carneiro Martins Coelho (CAEd/UFJF)

O presente trabalho insere-se no projeto "Olhares Cotidianos sobre a Gestão Escolar" (CAEd/UFJF), o qual busca, principalmente, oferecer insumos para uma maior compreensão da realidade do gestor escolar no Brasil. Ao se ter em vista que todos os agentes escolares (diretor, coordenador, professor, aluno, família) são responsáveis pelos rumos que por ventura a escola toma, nada mais coerente que ouvir esses agentes escolares. Nesta fase da pesquisa, serão consultados apenas gestores e professores de seis escolas públicas do município de Juiz de Fora/MG a respeito da relação que estabelecem com a escola, com os alunos, com a família destes, com a equipe escolar e, no caso dos professores, com o conteúdo ministrado em sala de aula. Neste trabalho será feito um recorte, em que serão analisadas apenas as falas dos professores de Língua Portuguesa e a relação que estabelecem com o conteúdo e com a escola. Para a investigação dessas relações, utilizou-se a metodologia de grupos focais com a finalidade de captar todas as nuances dos discursos proferidos pelos professores de língua materna e com a finalidade, também, de evitar opiniões extremadas, já que o ambiente em grupo tende a minimizar este tipo de situação. Para a análise deste corpus, optou-se pela mescla entre métodos qualitativos e quantitativos, com base nas contribuições da Lingüística Cognitiva, da semântica de frames, de onde surge a categoria principal de análise deste trabalho; da lingüística aplicada tendo em vista a orientação ética para a análise dos dados (Lopes,

2006); das teorias do letramento (Kleiman, 1995; Street 1995) e dos gêneros textuais (Marcuschi, 2008).

3ª SESSÃO DE PÔSTERES

Coordenação: Bruno Deusdará

Caracterização do processo leitor e o monitoramento através de instrumentos de coleta de dados

Bruna Renova Varela Leite / Kisyne Cristina Silva de Paula (UERJ/CNPQ/
FAPERJ)

Este trabalho insere-se na pesquisa de nossa orientadora, intitulada “Interleituras: interação e compreensão leitora em LE mediadas por computador”, cujos objetivos são caracterizar o processo leitor e discutir sua inserção no ensino-aprendizagem de espanhol como língua estrangeira, com foco nas tecnologias da informação e comunicação.

Por meio da revisão do conteúdo teórico, buscamos identificar como se caracterizam e se há diferenças entre as leituras em ambiente virtual e impresso. Embora haja diferenciações entre esses suportes, não podemos afirmar empiricamente que elas provocam mudanças consideráveis nas estratégias do leitor. A pesquisa Interleituras encontra-se, em andamento, na sua terceira etapa: monitorar as estratégias de leitura dos sujeitos-informantes, enquanto utilizam o computador, utilizando protocolos de leitura livre e, posteriormente, guiada. As coletas serão feitas por meio de um programa informático, RecordMyDesktop, desenvolvido para o sistema operacional Linux. Este registra todo o caminho percorrido pelo informante no computador, inclusive sua fala durante a atividade. Inicialmente, na etapa coleta de leitura livre, é o sujeito-informante quem traça os seus objetivos de leitura. A atividade tem duração entre 40 e 50 minutos e o sujeito também dispõe de um protocolo impresso para registrar dificuldades e estratégias utilizadas. A análise dos corpora coletados (gravações e protocolos escritos) buscarão atender os nossos objetivos: (a) traçar o tempo e o tipo de leitura do informante, (b) catalogar os gêneros textuais que aparecem durante a

leitura, (c) catalogar a frequência com que aparece o acesso a hiperlinks e (d) descrever as estratégias leitoras empregadas em cada situação.

Waka waka-O FUTEBOL É GUERRA: Análise sociocognitiva do tema musical da copa 2010

Evelyn de Faria; Norma Almeida;

Paula Bárbara Duarte; Tânia Mara dos Santos (UERJ)

O presente trabalho tem por objetivo discutir a construção de sentido na música tema da Copa do Mundo FIFA 2010, Waka waka (This time for Africa). A letra de Waka waka utiliza-se de analogias à guerra relacionando-as aos objetivos das equipes que disputaram o mundial, não só de forma direta e frontal, como também pela utilização de metáforas que remetem claramente à esse contexto ao projetar atributos do domínio básico "guerra", conflito armado, em um domínio abstrato, formando a metáfora JOGO É GUERRA. A análise seguirá os princípios da Semântica Cognitiva e levará em conta as palavras enquanto pistas para espaços mentais e projeções que acontecem entre eles no processo de construção de sentido. Recorreremos ao conceito de metáfora nas duas vertentes descritas por Lakoff e Johnson, 1980: a linguística, que se materializa verbalmente pelo falante de uma língua e a conceitual, que se estrutura no pensamento humano. Recorreremos também ao conceito de projeção entre domínios, onde há uma expansão dos significados da palavra do literal ao abstrato, expressando o pensamento abstrato em termos simbólicos, e ao conceito de esquemas imagéticos (Lakoff, 1990; Turner, 1996; Teixeira, 2001), ou seja, uma estrutura abstrata que se liga a um leque vasto de experiências dotadas da mesma estrutura recorrente. A análise de Waka waka nos permite verificar como a metáfora da guerra é amplamente utilizada para referir-se ao contexto do futebol. Campanhas publicitárias, textos jornalísticos sobre esportes e a narração dos jogos valem-se de elementos do domínio combate, conflito projetados no domínio da partida de futebol, pois FUTEBOL É GUERRA.

O Universo Feminino na composição Buarqueana

Nátalia Cunha, Nancy Sousa, Pricilla Prazeres e Verônica Sobreira (UERJ)

Este trabalho tem como corpus de análise as seguintes músicas do cantor e compositor Chico Buarque de Hollanda: Cotidiano (1971), Tatuagem (1972), Atrás da porta (1972), Ela é Dançarina (1981). Podemos dizer que a música é a mais abstrata das artes, pois seu conteúdo nos permite diversas maneiras de interpretação, que não são claramente delimitadas e o discurso que ela atualiza nos põe como seus co-enunciadores. Dentre as

mais diversas formas de arte, a música pode ser considerada uma das manifestações artísticas mais expressivas na atualidade brasileira, pois alcança todas as camadas da sociedade. Desta maneira pode ser considerada um ponto de mediação entre as diferentes classes sociais, etnias e sexos. A mulher é sempre uma presença muito forte nessas letras, porém a voz masculina também deixa uma marca “inquietante” neste universo. Da mesma maneira que a letra não pode ser considerada separada da melodia no gênero musical, a mulher não pode ser interpretada, nem poetizada sem a presença masculina na composição buarqueana. Ambos possuem uma relação interdependente que são bem demarcadas nas canções de compositor. Para tanto, na perspectiva de AD, identificamos o sujeito, os pressupostos, os subentendidos, o eu-poético e seus possíveis enunciadores; os embreantes de pessoa que nas canções aparecem representados pelos pronomes pessoais e pelos determinantes; os embreantes de valor temporal ou dêiticos temporais. Além de toda uma gama de recursos linguísticos e discursivos, podemos perceber nas músicas de Chico Buarque, que as “mulheres” são idealizadas e estereotipadas, mas o eu-masculino surge como um grande contraponto desta relação.

Another Brick in the Wall: Uma análise pragmática

Norma Sueli Almeida e Tânia Mara dos Santos (UERJ)

Este trabalho propõe uma análise pragmática e à luz do conceito de gramaticalidade da música *Another Brick in the Wall*, composta por Roger Walters, lançada nos anos 80 pelo grupo inglês Pink Floyd, e problematizar a questão da dupla negação a partir do contexto sociocultural no qual a música foi lançada. O interesse em se fazer esse estudo de cunho sociolinguístico surgiu da polêmica levantada pela composição desde a época de seu lançamento até os dias atuais. Isto se deve à canção apresentar uma crítica a uma educação que não visa transformar o aluno em um cidadão questionador, mas sim em mais um na sociedade. Para realizar essa análise, utilizaremos o conceito de gramaticalidade – que é a capacidade natural do falante de produzir sentenças segundo a ordem e regras da língua – e a pragmática, analisando os enunciados do ponto de vista do contexto e de como os participantes se envolvem no proferimento dos atos de fala. Esperamos demonstrar que Gramática e Pragmática não devem ser analisadas de forma antagônica e, que embora sejam áreas que atuem independentemente uma da outra, elas estão interligadas, provando que muitos usos vistos pela gramática prescritiva como “problemas” são facilmente explicados pelo conceito de gramaticalidade, pela pragmática e as interações que estabelecem com a gramática.

Crianças da rede pública de ensino com problemas de linguagem:
Avaliação de estruturas no Português Brasileiro e o diagnóstico do DEL
(Déficit Específico da Linguagem)

Odete Firmino A. Salgado (UERJ)
Marina R. A. Augusto (UERJ / PUC-Rio)
Letícia M. Sicuro Corrêa (PUC-Rio)

O DEL é um processo de aquisição da linguagem que não segue um padrão de desenvolvimento normal, sem problemas externos ao domínio linguístico que possam explicar esse fato. Crianças DEL, em geral, apresentam um desempenho linguístico equivalente ao de crianças sem queixas de linguagem três/quatro anos mais novas. Crianças com problemas de aprendizagem (DAP) apresentam um desempenho linguístico, em grande parte, semelhante ao de crianças DEL na compreensão de sentenças (Bomfim, 2009). Desse modo, é interessante caracterizar o tipo de dificuldades de linguagem que pode ser detectado em crianças em idade escolar e verificar em que medida as dificuldades de linguagem dessa população co-ocorrem com dificuldades de aprendizagem. No Brasil, onde o DEL é praticamente desconhecido, o LAPAL (Laboratório de Psicolinguística e Aquisição da Linguagem/PUC-Rio) vem desenvolvendo um instrumento para o seu diagnóstico - o MABILIN (Módulos de Avaliação de Habilidades Linguísticas) e um projeto de pesquisa ao qual este projeto de extensão se integra. Com o MABILIN, foram avaliadas 287 crianças de 7-8 e 9-10 anos, de duas escolas municipais, quanto à compreensão de enunciados linguísticos com estruturas tipicamente comprometidas no DEL. Desse modo, foi possível identificar as crianças que estariam abaixo do padrão da faixa etária e o tipo de estruturas que causam maior dificuldade: passivas reversíveis, interrogativas com QU+N e relativas de objeto, particularmente relativas de objeto encaixadas ao centro com verbos transitivos. Outros testes e o acompanhamento de casos permitirá identificar o quanto crianças DEL/DAP poderão se beneficiar de uma intervenção baseada em atividades linguísticas direcionadas.

O que as produções escritas revelam com relação ao aprendizado do gênero "Indicação Literária"

Raíssa Pifano de Araujo e Vanessa Titonelli Alvim (FACED/UFJF)

Busca-se nesse trabalho analisar, quais são os principais elementos do gênero Indicação Literária (IL), que foram adquiridos por um grupo de alunos, no desenvolvimento de uma sequência didática. Diante das atividades desenvolvidas baseadas no gênero IL, foram traçados alguns objetivos como: i) analisar as produções iniciais dos alunos, verificando seus conhecimentos prévios com relação ao gênero estudado. ii) comparar as produções iniciais e finais e analisar a evolução dos sujeitos, a partir da aquisição das competências necessárias para a escrita do gênero estudado iii) entrelaçar essas análises refletindo sobre a importância do Letramento como prática educativa. Pensa em trabalhar

com a concepção de Letramento com o objetivo de ensino no contexto escolar, implica, segundo Kleiman (2007), adotar uma concepção social da escrita, que se difere de uma concepção de caráter tradicionalista em que se considera a aprendizagem de leitura e produção textual como aprendizagem de competências e habilidades individuais. Para isso, é de suma importância o trabalho com gêneros, pois como afirma Matencio (2003), os gêneros são matrizes sociocognitivas e culturais que permitem aos alunos participarem de atividades letradas das quais nunca antes eles tinham participado. Ao final do estudo constatou-se a evolução dos alunos diante do trabalho realizado, a partir de suas produções, mesmo tendo sido apresentadas diferentes estruturas na escrita de uma IL. Outro aspecto que se pode constatar foi o despertar desses alunos pelo prazer da leitura, através de apreciações de diferentes livros e indicações literárias.

Uma anestesia social e seus discursos em comunidades online

Rodrigo da Costa Ferreira (bolsista CNPq, PIBIC/UFF)

Com base no arcabouço teórico-metodológico da Análise do Discurso (Pêcheux, 1969 e Orlandi, 1988), o presente trabalho tem como foco a análise de comunidades sociais na internet que tematizam uma espécie de adoração a substâncias antidepressivas/ansiolíticas. Objetiva-se, a partir disso, discutir a questão da posição sujeito, tendo em vista a situação histórica contemporânea. De modo específico, objetiva-se depreender como o sujeito se posiciona nas comunidades que fazem a apologia do uso de medicamentos, buscando compreender como o sujeito se significa e como significa os ansiolíticos e os antidepressivos. Vários autores têm afirmado sobre uma mudança no estatuto do sujeito, ou sobre uma nova forma do sujeito na contemporaneidade. Os nomes dessas comunidades sociais online apontam para um anesmiamento, ou seja, marcam justamente um dos aspectos dessa posição de sujeito que, na linguagem, de alguma forma, se exclui de sua própria enunciação. Mas será que poderíamos de fato afirmar, do ponto de vista da Análise do Discurso, que estamos diante da configuração de uma outra forma-sujeito? Ou seria apenas uma outra posição-sujeito? Esse é o problema central desse trabalho. Para abordá-lo, necessitamos discutir o conceito de sujeito, em sua relação com os conceitos de sociedade e cultura, por um lado, e construir um arquivo de pesquisa amplo e diversificado, por outro. Nossa preocupação é depreender e analisar as representações das posições de sujeito no discurso.

Indícios do conhecimento fonológico infantil: erros na grafia de soantes palatais

Shimene de Moraes Teixeira (PIBIC – CNPq- UFFPe)
Ana Ruth Moresco Miranda (CNPq- UFFPe)

Neste trabalho, partimos da ideia de que os aprendizes de língua escrita podem revelar, através de seus erros ortográficos, indícios do conhecimento fonológico construído durante o processo de aquisição da língua oral. Assumimos a concepção de erro construtivo inicialmente proposta nos estudos piagetianos e, posteriormente, difundida no campo da aquisição da escrita por Ferreiro e Teberosky (1985). O foco de nossa análise são os erros ortográficos que envolvem as soantes palatais, 'nh' e 'lh', segmentos considerados de aquisição fonológica tardia e interpretados pela teoria autosssegmental como consoantes complexas que têm em sua geometria de traços duas articulações: uma primária consonantal e uma secundária vocálica (cf. Matzenauer, 1994). No sistema ortográfico do português brasileiro, os grafemas 'nh' e 'lh' são utilizados para representar as soantes palatais nasais e líquidas, respectivamente. Os dados analisados neste estudo foram coletados em turmas de 1ª a 4ª série do ensino fundamental de uma escola pública do município de Pelotas – Rio Grande do Sul, por meio da aplicação de dois instrumentos que visavam à obtenção de grafias de palavras que contivessem os segmentos em questão. Os resultados obtidos após o levantamento dos dados mostram que os erros, embora não sejam quantitativamente relevantes, permitem uma análise qualitativa que revela a manifestação de formas semelhantes àquelas observadas no processo de aquisição fonológica, reafirmando a existência de “vazamentos” da fala para escrita, o que, conforme Abaurre (1991), seriam exemplos da emergência de estruturas subjacentes, ou seja, do conhecimento fonológico do aprendiz.

A modalização deôntica em artigos de opinião

Tatiana Jardim Gonçalves (Universidade Federal Fluminense)

A língua concebida como lugar de troca, de interção em que os participantes do ato enunciativo expressam sua forma particular de ver o mundo, dispõe de categorias, de elementos que veiculam da forma mais eficiente tal subjetividade. Nesse sentido, o produtor de um enunciado pode ou não se comprometer com o que diz e, para isso, escolhe elementos que melhor marquem o seu posicionamento. Alguns desses elementos são os modalizadores, que aludem ao modo como o que se diz é dito. Nesse viés, pode-se dizer que um enunciado assume eixos argumentativos diferenciados. Dessa forma, este trabalho analisou a manifestação da modalização deôntica em artigos de opinião. A pesquisa, de cunho semântico-pragmático, baseou-se em Ducrot (1987) e Koch (1984), Koch (2003). Na análise, verificou-se que os modalizadores expressos pelos predicados cristalizados contribuem para o viés argumentativo de um enunciado, para a expressão do ponto de vista do enunciador, entretanto, pelo fato de não possuírem marca de pessoa, provocam um apagamento desse enunciador, nesse caso, é o sema do recurso lingüístico (adjetivo componente do predicado cristalizado) o elemento colaborador do viés argumentativo, o que pode ser embasado pela tese de Ducrot (1987)

para quem a argumentação está inscrita na língua. O estudo da modalização extrapola, pois, o campo linguístico e entra no campo dos juízos de valor e porque não dizer no campo das intenções das próprias esferas comunicativas, visto que quem está ligado a uma dessas esferas produz seu enunciado em consonância com os objetivos desta.

Atividades de leitura em língua inglesa e multisssemiose: A formação do sujeito-leitor

Thamiris Oliveira de Araujo (UERJ /CETREINA)

Este trabalho visa compartilhar reflexões e buscar uma aproximação entre as teorias de ensino-aprendizagem de língua inglesa e a prática docente. Primeiramente, discorrerei sobre o processo de produção de materiais didáticos que privilegiam a habilidade de leitura, tendo como contexto o projeto de Iniciação à Docência Aulas e Material de Leitura: uma perspectiva da formação docente em língua inglesa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ-FFP). Em seguida, abordarei a etapa de implementação, que compreendeu a realização de um minicurso oferecido para a comunidade interna e externa da UERJ-FFP. A proposta de leitura que apresento busca seguir as orientações dos Parâmetros Curriculares Brasileiros de Língua Estrangeira (PCN-LE, 1998) quanto ao ensino de língua através de gêneros textuais: manifestações do uso da língua. Assim, buscarei discutir os multisssemios que envolvem o ensino de leitura, com foco no gênero propaganda. As propagandas publicitárias são textos que representam eventos de letramentos centrais na contemporaneidade, pois abrangem diversas mídias e são considerados comunicadores dos valores e práticas do consumo da sociedade. Logo, procuro entender como as representações de mundo estão estruturadas nas propagandas, que se organizam como textos multimodais – constituídos por diferentes códigos semióticos (Kress e van Leeuwen, 1996). O trabalho conclui, até aqui, que a sociedade pós-moderna e nossos alunos estão cada vez mais engajados e atraídos por esta articulação entre o tradicional (escrito/verbal) e o visual, o gestual, o espacial (Oliveira, 2006), não sendo possível uma pedagogia que desconsidere a interrelação entre diferentes linguagens e seus diversos códigos semióticos.

ANOTAÇÕES



JORNADAS DE ESTUDOS DE LINGUAGEM - JEL IV

REALIZAÇÃO

Programa de Pós-graduação em Letras (Linguística)

COORDENAÇÃO

Ricardo J. Lima

Tânia Shepherd

ORGANIZAÇÃO

Anna Balocco, Cristina Junger, Décio Rocha, Del Carmen Daher

Gisele Carvalho, Maria Alice Antunes, Marina Augusto

Paulo Gago, Ricardo J. Lima, Sandra Bernardo

Tânia Shepherd, Vera Santanna, Zinda Vasconcellos

APOIO LOGÍSTICO

Instituto de Letras - UERJ

DIGRAF-UERJ

EDITORAÇÃO

Elir Ferrari

LOGOMARCA

Helvécio da Silva (COMUNS-UERJ)

APOIO

Instituto de Letras - UERJ

Diretório Acadêmico Lima Barreto